



UFC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

PAULO SÉRGIO DA SILVA PROBO

**EDUCAÇÃO POPULAR EM PERSPECTIVA ECO-RELACIONAL:
DIALOGAÇÕES COM A ESCOLA COMUNITÁRIA MANDACARU, NO CENTRO
DE FORTALEZA-CE**

**FORTALEZA
2024**

PAULO SÉRGIO DA SILVA PROBO

EDUCAÇÃO POPULAR EM PERSPECTIVA ECO-RELACIONAL: DIALOGAÇÕES
COM A ESCOLA COMUNITÁRIA MANDACARU, NO CENTRO DE FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Batista A. Figueiredo

FORTALEZA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P956e Probo, Paulo Sérgio da Silva.

Educação Popular em perspectiva Eco-relacional : Dialogações com a Escola Comunitária Mandacaru, no Centro de Fortaleza-CE / Paulo Sérgio da Silva Probo. – 2024.
125 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo.

1. Educação Popular. 2. Perspectiva Eco-relacional. 3. Escola Mandacaru. I. Título.

CDD 370

PAULO SÉRGIO DA SILVA PROBO

EDUCAÇÃO POPULAR EM PERSPECTIVA ECO-RELACIONAL: DIALOGAÇÕES
COM A ESCOLA COMUNITÁRIA MANDACARU, NO CENTRO DE FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Brasileira. Área de concentração: Movimentos Sociais.

Aprovada em: 30/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Maria Eleni Henrique da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Esmeraldo Filho
Faculdade Ari de Sá (FAS)

Ao Centro de Fortaleza que me acolhe e me
mostra as belezas e feiuras que uma grande
cidade produz.
Aos irmãos e irmãs de uma vida inteira, sempre
compartilhando saberes e afetos.
À minha mãe, Nilva, que tão bem soube me
cativar a trilhar os caminhos da educação.

AGRADECIMENTOS

O referente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.

Agradeço ao Prof. Dr. João Figueiredo, pela orientação, pelo tempo e por acreditar neste trabalho. Agradeço especialmente pela acolhida e permanente sustentação da proposta de um grupo horizontal, democrático e plural.

Aos professores participantes da banca examinadora Maria Eleni Henrique da Silva e Carlos Eduardo Esmeraldo Filho pela prontidão em aceitarem participar deste processo, pelas valiosas colaborações e sugestões que fortaleceram este trabalho.

Agradeço aos amigos e amigas do Grupo de Estudos em Educação Ambiental Dialógico (GEAD) pelas incríveis manhãs de sextas-feiras, trocando experiências e debatendo, tão incessantemente e pertinente, temas sobre educação libertadora. Em especial, agradeço ao Professor Tiago Areal pelo convite para conviver com esse grupo.

Muito especialmente, agradeço aos educadores e educadoras, educandos e educandas, voluntários e voluntárias, amigos e amigas da Escola Mandacaru e da Casa da Sopa. Particularmente à Lídia Valesca Pimentel e ao Leonardo Rodrigues, por abrirem espaço e dar apoio para a criação da Escola Mandacaru e para a realização desta pesquisa.

Ao grupo aprendente Mandacaru, destacando: Aníbal, Cláudia Andrade, Cláudia Marques, Daiana, Edilson, Fabiana, Izabel, Joao Andirá, Lani Gonzaga, Miguel e Socorro.

À “quadrilha”, grupo de amigos, novos e antigos, que surgiu a partir dos encontros deste trabalho: Kennedy Saldanha, Marco Esteves, Maria Cláudia Cabral e Sofia Santos. Obrigado por toda a colaboração, suporte, ideias e análises.

À minha família, irmãos, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, primos e primas. Às minhas tias, tão importantes na minha formação. Ao meu pai, Osmar Probo, e minha mãe, Nilva Probo, que construíram e deixaram em nós um enorme legado de educação e afeto.

À Cícera Probo, pelo apoio, pela compreensão e por me apresentar ao Tiago.

Ao meu querido filho João Gabriel Probo, pela inspiração, pelas alegrias e tristezas, sempre compartilhadas ao longo deste percurso.

Ao meu companheiro Marco Esteves, pela escuta amorosa e parceira, pela paciência e pelo apoio técnico e zeloso durante esta trajetória.

Preciso agradecer à todas as pessoas em situação de vulnerabilidade social, em especial, às que estão em situação de rua, que conheci nesta caminhada, por tantos e valiosos ensinamentos e trocas parceiras e solidária. Minha gratidão!

São muitos os desafios que não seriam superados sem as presenças amigas de forças espirituais, que se manifestaram através de tantas pessoas incríveis, pertencentes ou não neste plano, mas sempre presentes ao longo desta caminhada.

Vamos juntos, juntas e juntas!

“O popular me remete a isso, a perspectiva de se estar trabalhando valores e saberes do povo. E o comunitário, [...] de que isso é feito com as pessoas, não especificamente para as pessoas. Então, essas duas vertentes da Mandacaru, sabendo que isso é um processo de construção, é um processo de maturidade de toda a equipe, de reflexão a respeito disso” (Rodrigues, 2024, p. 110).

“A gente lida com pessoas em situação de rua que já “fracassaram”, assim, com todas as aspas, no modelo tradicional. Quer dizer, o modelo tradicional fracassou com elas. Não deu conta de acolhê-las. Não deu conta de acolhê-las em sua pobreza extrema, em suas necessidades [...]. Então, tinha que ser uma escola diferenciada, mesmo” (Pimentel, 2024, p. 110).

RESUMO

Este trabalho surge a partir da busca por uma proposta de educação crítica e libertadora, de base popular em perspectiva eco-relacional. É uma experiência de construção de caminhos parceiros e afetuosos, com os/as educadores/as da Escola Comunitária Mandacaru, nos seus fazeres educacionais. Inserida no Centro de Fortaleza-Ce, a Mandacaru foca na educação de jovens e adultos em situação de rua, superação da situação de rua, de vulnerabilidade e exclusão social. O objetivo deste trabalho foi analisar as experiências desses/as educadores/as surgidas, em grupo, a partir das vivências sobre os aportes da educação popular e da perspectiva eco-relacional. Para tanto, optou-se pela Pesquisa Engajada, de abordagem qualitativa, onde, através da formação de um grupo aprendente, pôde-se vivenciar e construir, de forma dialógica, esses aportes. A observação dos encontros mostrou a disposição favorável dos/das educadores/as para construirmos juntos/as um planejamento para a Escola baseado nesses aportes.

Palavras-chave: Educação Popular; Perspectiva Eco-relacional; Escola Mandacaru.

ABSTRACT

This work arises from the search for a proposal for critical and liberating education, based on an eco-relational perspective. It is an experience of building partnership and affectionate paths with the educators of the Mandacaru Community School in their educational work. Located in the center of Fortaleza, Ceará, Mandacaru focuses on the education of young people and adults living on the streets, overcoming street situations, vulnerability and social exclusion. The aim of this study was to analyze the experiences of these educators, which emerged as a group from their experiences with the contributions of popular education and the eco-relational perspective. To this end, we opted for Engaged Research, with a qualitative approach, where, through the formation of a learning group, we were able to experience and construct these contributions in a dialogical way. Observing the meetings showed that the educators were willing to work together to build a plan for the school based on these approaches.

Keywords: Popular Education; Eco-relational Perspective; Mandacaru School.

LISTA DE FIGURAS

Figura – 01	Passeio ciclístico: 100 anos do TJA, 17/06/2011	15
Figura – 02	Viva o centro: aniversário de Fortaleza, 13/04/2015	15
Figura – 03	Atividade com a Casa da Sopa, 26/06/2022	18
Figura – 04	Atividade com a Casa da Sopa, 16/12/2022	18
Figura – 05	Casa da Sopa: Grupo Madalenas, 2023	25
Figura – 06	Casa da Sopa: Cozinha comunitária, 2023	25
Figura – 07	Casa da Sopa: Distribuição de alimentação, 2023	25
Figura – 08	Educandos/as da Mandacaru, 2023	27
Figura – 09	1 ^a reunião de planejamento, 20/01/2023	28
Figura – 10	2 ^a reunião de planejamento, 25/01/2023	28
Figura – 11	3 ^a reunião de planejamento, 30/01/2023	28
Figura – 12	Convite da primeira aula da Mandacaru, 12/04/2023	29
Figura – 13	Primeira aula da Mandacaru, 12/04/2023	29
Figura – 14	Primeira aula da Mandacaru, 12/04/2023	29
Figura – 15	Atividade da Mandacaru: Praça dos Leões, 09/04/2023	30
Figura – 16	Atividade da Mandacaru: Cineteatro São Luiz, 09/06/2023	30
Figura – 17	Atividade da Mandacaru: Casa da Sopa, 14/06/2023	30
Figura – 18	Participantes do grupo aprendente, 12/10/2023	51
Figura – 19	1 ^a Vivência: Objetos de afetos, 26/08/2023	57
Figura – 20	1 ^a Vivência: Roda de conversa, 26/08/2023	58
Figura – 21	2 ^a Vivência: Roda de conversa, 23/09/2023	60
Figura – 22	3 ^a Vivência: Aula bancária, 12/10/2023	66
Figura – 23	4 ^a Vivência: Montagem do varal de categorias, 28/10/2023	68
Figura – 24	4 ^a Vivência: Roda de conversa, 28/10/2023	70
Figura – 25	4 ^a Vivência: Ciranda, 28/10/2023	71
Figura – 26	4 ^a Vivência: Duplas escolhendo os painéis, 28/10/2023	72
Figura – 27	4 ^a Vivência: Duplas construindo as categorias, 28/10/2023	73
Figura – 28	4 ^a Vivência: Quartetos construindo as categorias, 28/10/2023	73
Figura – 29	4 ^a Vivência: Painel, antes e depois da intervenção, 28/10/2023	73
Figura – 30	4 ^a Vivência: Grupo apresentando as categorias, 28/10/2023	74
Figura – 31	5 ^a Vivência: Feitura das cartas, 18/11/2023	75
Figura – 32	7 ^a Vivência: Roda da fogueira, 18/11/2023	81
Figura – 33	8 ^a Vivência: Roda das cartas, 19/11/2023	89
Figura – 34	8 ^a Vivência: Despedida, 19/11/2023	91
Figura – 35	“Quadrilha” reunida, 01/03/2024	91
Figura – 36	“Quadrilha” no GEAD, 12/04/2024	91
Figura – 37	1º encontro de estudos freireanos pós-vivências, 15/01/2024	92
Figura – 38	2º encontro de estudos freireanos pós-vivências, 17/01/2024	92
Figura – 39	Convite para o novo ciclo de aulas da Mandacaru, 2024	92
Figura – 40	Aula do ciclo 2024 da Mandacaru, 03/04/2024	92

SUMÁRIO

1 PERCEBENDO A SITUAÇÃO LIMITE: INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	12
1.2 Objetivo	13
1.3 Percurso Ontológico	14
1.4 Delimitação do objeto	24
1.5 Percurso Epistemológico	31
1.6 Percurso Metodológico	39
2 OUSANDO SER MAIS: AMPLITUDES DO GRUPO	49
2.1 Formação do grupo aprendente	49
2.2 Sementes: Vivências na Casa da Sopa	52
2.3 Germinação: Vivências em Maranguape	75
2.4 Floração: Vivências após o grupo aprendente	91
3 VIVENDO INÉDITOS VIÁVEIS: CONCLUSÕES	93
REFERÊNCIAS	96
LISTA DE APÊNDICES	97
LISTA DE ANEXOS	122

1 PERCEBENDO A SITUAÇÃO LIMITE: INTRODUÇÃO

Caminhando contra o vento
Sem lenço, sem documento
No Sol de quase dezembro
Eu vou

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

A abordagem desta pesquisa se dá em torno dos esforços de construção de um percurso dialógico, prático-teórico, entre cultura e educação de base popular, surgidos a partir de minhas experiências pessoais e profissionais. Representa um conjunto sensível de percepções e decepções acerca dos modos tradicionais de teorizar e praticar a realidade educacional, baseada em uma monocultura epistêmica, e uma busca coletiva de novos paradigmas de atuação sócio comunitária.

A partir desse olhar, percebo, em mim, a necessidade de me voltar na direção de uma perspectiva de superação dessa visão tradicional. Nesse sentido, venho buscando uma alternativa nas práticas educacionais libertadoras. Procurando fazer uma prática de pesquisa ação e intervenção inspirada nos princípios da dialogicidade, a ser compartilhada e vivenciada entre aqueles e aquelas que compõem o território pesquisado.

Enquanto morador do Centro de Fortaleza e membro voluntário do Grupo Espírita Casa da Sopa, desde 2017, venho experienciando vivências com a população em situação de rua. Nesse processo, muitas barreiras de preconceito vêm caindo, dando espaço ao surgimento de vínculos pautados pela solidariedade e afetividade.

Desde então, passei a colaborar com a realização de práticas que pudessem estimular as trocas solidárias, tais como eventos em espaços públicos, publicação de jornal comunitário, caminhadas culturais voltadas para uma melhor comunicação da instituição com a sociedade em geral, com vistas à denúncia das diversas violências sofridas pela população em situação de vulnerabilidade e superação de rua.

Sendo assim, entendi que, embora necessária, a distribuição diária de alimentação nas praças não supre as verdadeiras necessidades dessa população – superação da condição de oprimido, de uma realidade de exclusão social, econômica, política e cultural, de invisibilidade de direitos e inacessibilidade a esses direitos. Chegamos juntos, os/as voluntários/a da Casa da Sopa e eu, à conclusão de que seria necessário desenvolvermos um caminho que passasse pela educação, a fim de contribuir para o processo de emancipação daquelas pessoas. Na ocasião, ainda não podíamos imaginar que esse também seria um processo de superação nosso!

Dessa necessidade, de vivermos uma experiência revolucionária, surgiu a proposta de criarmos uma escola de base popular e comunitária, pensada a partir das contribuições de Paulo Freire, com uma pedagogia humanizadora, estimulando o desenvolvimento do espírito crítico nos/nas alunos/os e professores/as. Essa proposta foi a Escola Comunitária de Educação Popular Mandacaru. Traduzimos nosso sentimento através das palavras de Freire (2017): “não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os quase como ‘coisas’, com eles estabelece uma relação dialógica permanente”.

Nesse sentido, percebo a relevância desta proposta pela possibilidade de desbravar percursos dialógicos a partir das contribuições científicas dos estudos da Perspectiva Eco-relacional em Educação Popular. Onde será construída a oportunidade de repensar coletivamente padrões limitantes contidos nos possíveis saberes e fazeres educacionais tradicionais do grupo, de modo a pensar coletivamente um processo de superação dos ditames da educação bancária em busca da compreensão e prática coletiva do ser educador/a popular e suas possibilidades de atuação.

É da maior importância que consideremos os debates latino-americanos em torno da superação desse cenário, trazendo as contribuições dos estudos decoloniais, propositores da superação dos valores eurocêntricos, para o centro das inquietações coletivas, que nos lançam à superação desses paradigmas hegemônicos em busca de modelos alternativos, permeados de criticidade e superação.

O propósito deste trabalho é apresentar o processo de troca e construção de saberes para uma práxis pedagógica na Mandacaru, realizado pelo seu grupo de educadores/as, considerando a sua linha de atuação com a população em situação de rua, durante o segundo semestre de 2023, no território do Centro de Fortaleza. Caminho esse que busca uma trajetória de sentido, em prol da constituição de relações afetuosas, baseadas no diálogo – num contexto freireano – e no reconhecimento e respeito às diversidades.

Considerando o aspecto relacional horizontal, nos fazeres compartilhados e cotidianos entre os/as educadores/as, admitindo com isso a possibilidade de transformação do mundo, nas esferas pessoais e coletivas, nas micro e macro territorialidades, numa pretensão democrática e parceira. Isto é parte constitutiva das pretensões que cumprem os propósitos do processo de observação e intervenção na Escola Mandacaru.

Neste trabalho, pretendemos refletir sobre esse percurso, que oportuniza um diálogo interno sobre a construção do trajeto coletivo, práticas, metodologias comunitárias, elaboração de saberes, tratamento em rede de solidariedade e luta pela afirmação de direitos sociais.

Refletir sobre o processo histórico da Escola Mandacaru, com foco na discussão acerca das metodologias possíveis, a partir dos contributos de uma educação popular freireana e da perspectiva eco-relacional (Figueiredo, 2007), é um caminhar mediado pela busca de “ação e reflexão de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentir, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis” (Freire, 2017). Lembramos que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (Freire, 2017).

1.1 Problematização – denúncias e anúncios.

O processo de criação da Escola Mandacaru tem como inspiração os contributos da Educação Popular. Porém, precisamos avaliar o alcance da ideologia moderna/colonial tradicional ao analisarmos os comportamentos dentro da Mandacaru. Devemos considerar a influência desse sistema na realidade da educação brasileira contemporânea. Essa pesquisa se debruça sobre a possibilidade de compreender minimamente o grau de reprodução dessa lógica hegemônica e a possível rejeição às abordagens progressistas da educação, até mesmo em pessoas que se dispõem a realizar trabalhos que rumam na sua contramão.

Essa dúvida surge após observarmos as dificuldades que vivemos na Mandacaru neste primeiro ano. As aulas na Escola iniciaram em abril e, aproximadamente, em junho pudemos perceber, a partir das experiências em sala e nas reuniões pedagógicas, o surgimento de um tensionamento de visões sobre quais seriam os métodos e técnicas mais adequados para a Mandacaru. Foram conflitos entre dois tipos de abordagens: uma, próxima à educação bancária, descrita por Freire, alusiva ao sistema de Educação de Jovens e Adultos (EJA), e a outra, pensada a partir das perspectivas dialógicas. A primeira, focando na alfabetização tradicional em detrimento do objetivo da segunda, a construção de uma perspectiva crítica de leitura de mundo. Esse tensionamento mostrou as dificuldades iniciais de se criar e dar vida a uma escola popular e comunitária de base dialógica.

Para além dos desafios que uma sala de aula tão heterogênea poderia trazer – níveis variados de alfabetização e compreensão, diferenças etárias, pessoas com deficiências ou transtornos mentais, problemas de adição etc. – surgiram questões e inquietações que tensionaram os/as educadores/as sobre quais caminhos poderíamos seguir na Escola.

Surgiram discussões acerca dos conteúdos e avaliações, das metas e resultados quantitativos. Somam-se a isso as questões próprias dos/das alunos/as, dada a sua condição de rua, como: frequência e pontualidade. Discutimos também sobre regras quanto ao uso ou não

de fardamento, ao fechamento do portão, à alimentação e aos estados alterados que algumas pessoas poderiam chegar – sob o efeito de algum entorpecente.

Naquele momento, para mim, enquanto pesquisador, revelou-se o problema instaurador desta pesquisa. O meu foco se voltou para o grupo de voluntários/as educadores/as. A fim de responder àquela tensão surgiu a pergunta desta pesquisa: o que o grupo de educadores/as da Escola Mandacaru tem a dizer acerca da possibilidade de desenvolvemos uma práxis freireana, a partir dos contributos da Educação Popular, em diálogo com a Perspectiva Eco-relacional?

Acredito que a pedagogia mais adequada para a Escola Mandacaru deve ser de base comunitária, popular, dialógica e afetiva, voltada para as pessoas em situação de rua, superação de rua e situação de vulnerabilidade.

A minha hipótese foi de que as premissas da Educação Popular em Perspectiva Eco-relacional seriam consideradas, pelas pessoas do grupo, a opção apropriada para a experiência pedagógica da Escola Mandacaru. E, para responder e comprovar essa hipótese, foi pensada e realizada uma proposta de oito vivências, nas quais foram apresentadas e aprofundadas estas referências para o coletivo poder deliberar com conhecimento apropriado.

1.2 Objetivos da Pesquisa

Objetivo geral:

Analizar as experiências dos/das educadores/as da Escola Mandacaru surgidas, em grupo, a partir das vivências sobre os aportes da educação popular e da perspectiva eco-relacional.

Objetivos específicos:

- 1) Formar um grupo aprendente com os/as educadores/as da Escola Mandacaru;
- 2) Vivenciar com o grupo aprendente, de forma dialógica, os referenciais teóricos da Educação Popular e da Perspectiva Eco-relacional;
- 3) Construir coletivamente os conceitos e categorias da Educação Popular e da Perspectiva Eco-relacional, considerando o universo vocabular dos/das participantes.

O Sol se reparte em crimes
 Espaçonaves, guerrilhas
 Em Cardinales bonitas
 Eu vou

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

1.3 Justificativa

Nesta seção, apresentamos dois personagens centrais neste trabalho: o pesquisador - por meio de um relato autobiográfico, a fim de compreender suas motivações - e a população em situação de rua, na tentativa de desenhar o seu perfil, num esforço de materializar algo que é, muitas vezes, abstrato.

1.3.1 Dos jardins do Theatro à Mandacaru, as pedaladas para chegar em mim

Este trabalho é consequência de uma ideia simples, tal qual o ato de andar de bicicleta, ver o mundo de cima de uma bicicleta, na velocidade da pedalada. Desenvolver essa pesquisa vem provocando um efeito expandido e, até o presente momento, transformando o meu mundo, dialogando com outrem, enxergando além ladeiras, construindo coletivamente horizontes, antes impossíveis, e ensejando novos fôlegos.

Nossa pedalada começa em 2010, dentro das comemorações do centenário do Theatro José de Alencar - principal casa de teatro fortalezense, situado na Praça José de Alencar, no Centro de Fortaleza-Ce. Fui convidado, enquanto guia de turismo cultural, a produzir e vivenciar uma série de passeios de bicicleta pelo centro histórico da cidade, partindo do Theatro e voltando para ele. Foi um período de muitas alegrias para mim. reunir, encontrar e trocar experiências com muitas pessoas, de diferentes origens e perspectivas. Era algo que me enriquecia. Porém, algo que só noto agora, após mudar, ampliar, redimensionar, minha visão sobre o Centro e, principalmente, sobre as pessoas que vivem no Centro. Falo, especialmente, das pessoas em situação de rua.

Fazíamos uma concentração na porta do Theatro e o percurso seguia pelas ruas, passando por espaços conhecidos dos caminhantes do Centro - Cine São Luiz, Praça dos Leões, Passeio Público entre outros. Voltávamos para o José de Alencar, onde fazíamos a dispersão nos jardins. Nestes passeios, lembro de procurar apresentar para as pessoas o melhor e o mais bonito da história da capital cearense. Falava da bela arquitetura, das árvores, dos fatos

pitorescos. E, para não estragar a diversão, desviava o olhar de tudo o que poderia “enfeiar” aquela experiência - lixo, sujeira e pessoas, pessoas em situação de rua.

É custoso afirmar que, na condição de morador, por vezes não via, ou procurava não ver essas pessoas. Já na posição de guia, tentava esconder a realidade dos turistas de bicicleta. Era uma atitude elitista, segregadora, de afastamento, inconsciente e, principalmente, ignorante. Eu agia sem perceber e sem saber por quê.

Porém, pedalar é ver o mundo de uma outra altura e em outra velocidade. A gente sente o chão de uma forma diferente, o vento de uma forma diferente. De cima de uma bicicleta, podemos ver um pouco mais longe. E foi assim que me senti à medida que minhas experiências foram transformando minha visão e entendimento do mundo. Pedalando por novos caminhos consegui enxergar o que antes não via, ou escondia.

Entre 2011 e 2017, integrei um movimento popular que trabalhava com ações culturais e de valorização do patrimônio do centro da cidade, o Viva o Centro Fortaleza. Foram inúmeros encontros, reuniões, debates e ações, com diversas pessoas, dos mais diferentes segmentos de atuação no Centro fortalezense - moradores/as, trabalhadores/as, empresários/as, artistas, produtores/as culturais, gestores/as de equipamentos e políticos/as. Falávamos, de modo especial, sobre o universo da cultura, educação, turismo e direitos humanos. Nessas andanças, junto a essa diversidade de atores, a minha maneira de ler o mundo começou a se ampliar.

Imagen 01 - Passeio ciclístico: 100 anos do TJA,
17/06/2010.



Fonte: elaborado pelo autor (2010)

Imagen 02 – Viva o Centro: aniversário da
Fortaleza, 13/04/2015.



Fonte: elaborado pelo autor (2015)

No final de 2017, minhas pedaladas ficaram mais restritas dentro do território do Centro. Por conta da complexidade no enfrentamento das questões do bairro, decidimos delimitar nosso campo de atuação no entorno da Praça Coração de Jesus e no Parque da Liberdade (Cidade da Criança). Realizamos vários eventos culturais e artísticos. Por atuar exatamente nessa área da cidade pude me aproximar dos trabalhos da Casa da Sopa. Isso foi

essencial para a minha mudança de paradigma em relação aos personagens que constroem a paisagem do Centro.

O Grupo Espírita Casa da Sopa é uma instituição atuante em diversas frentes junto à população em situação de rua na região central de Fortaleza. É reconhecido em diversas instâncias - Ministério Público Federal e Estadual, Câmara dos Vereadores, Assembleia Legislativa, Universidades, entre as instituições análogas e, principalmente, entre a população em situação de rua. Dada a força das práticas de acolhimento, potentes em sua simplicidade, guiadas pelos caminhos da espiritualidade, esse encontro me possibilitou desenvolver um novo olhar sobre como, por que, quando, e onde pedalar na vida. Sobre quais ladeiras eu preciso subir e descer. Sempre dialogando em redes comunitárias e expandindo horizontes coletivos.

Nesse contexto, fui me apropriando da importância de estar em diálogo com a população em situação de rua, construindo relações baseadas na escuta afetiva e amorosa. Conhecendo de perto a realidade dos/das que são emudecidos/as para os ouvidos das políticas públicas sociedade, mas que, ao mesmo tempo, parecem gritar para os/as passantes da cidade, horrorizados/as e amedrontados/as com tanta “sujeira”. Antes dessa apropriação eu era como uma ilha cercado por desconhecidos/as que deveriam ser mantidos à distância. Hoje me sinto como um arquipélago, ligado a essas pessoas por um mar de afetividade. Quem sabe, um dia seremos um único continente?

Nessas ações acesei um repertório de relatos e experiências marcadas por agressões do poder público, conflitos familiares, disputas de território, drogadição, alcoolismo, homofobia, feminicídios, racismo. São situações que tentamos negar ou invisibilizar, porém, com essa atitude, o que fazemos é contribuir com a ausência de ações e políticas públicas afirmativas para a superação desse quadro.

Essa é uma realidade marcada pela dureza, precariedade e desumanização. É deflagradora da crise e da falência dos valores impostos pelos ditames da modernidade/colonialidade subjugadora e excludente. Há a necessidade urgente de uma denúncia desse estado, constatando a necessidade de um anúncio que possa causar uma fissura nesse modelo.

Essa mudança pessoal de visão de mundo se manifestou na edição número três do Jornal Viva o Centro¹, periódico que criamos para divulgar ações e artigos relacionados ao bairro, na qual nos dedicamos ao debate sobre as questões da população em situação de rua. Escrevemos o editorial e dois artigos, um deles foi produzido pela Professora Doutora em Sociologia Lídia Pimentel, coordenadora da Casa da Sopa.

¹ Edição de dezembro de 2017. Disponível no Anexo C.

É nesse cenário, de experiências micro territoriais, que me reaproximo da academia. Em 2018, comecei a participar do Grupo de Estudos em Educação Ambiental Dialógica, da Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará (GEAD). Esse é um espaço criado para promover o debate e a construção de saberes em torno da pedagogia de Paulo Freire em diálogo com os aportes da Perspectiva Eco-relacional, de Figueiredo (2007). Essa foi uma oportunidade para expandir a minha afetividade, necessária para me conectar com as pessoas em situação de vulnerabilidade, e retomar o meu espírito crítico, essencial para entender as causas e condições e pensar quais caminhos são possíveis.

Pandemia de Covid-19. As pedaladas e caminhadas coletivas foram bruscamente interrompidas pelo cenário de reclusão forçosamente trazido pela pandemia em 2019. Esse evento trouxe mudanças indeléveis para todo este processo. As atividades em conjunto com a Casa da Sopa foram interrompidas quase que completamente, minha única ligação naquele momento foi o esforço de recolher, entre vizinhos e amigos, doações de roupas e alimentos para serem distribuídos pela Casa. No GEAD, os encontros passaram a ser virtuais, afastando os geadeanos² e testando a sua força de vontade.

A pandemia nos afastou inicialmente, mas não definitivamente. Ela evidenciou questões que precisavam ser respondidas. Voltar para o GEAD e para a Casa da Sopa era mister para mim naquele momento. É um desafio muito rico estar com as pessoas em situação de rua e se esforçar para entender o seu universo – problemas, causas e desejos. A dialogicidade, a afetividade e a amorosidade freireanas – referenciais trazidos pelo GEAD – foram fundamentais para que eu pudesse começar a vencer esse desafio.

Com o retorno das atividades, em 2022, e com essa perspectiva no coração, voltei a desenvolver atividades em parceria com a Casa da Sopa. Foram eventos realizados na Praça Coração de Jesus e no Parque da Liberdade, sempre preocupados em aproximar a comunidade local e as pessoas em situação de rua.

² Geadeanos é um termo afetuoso que usamos para designar os participantes do GEAD.

Imagen 03 – Atividade com a Casa da Sopa: Festa de São João, Parque da Liberdade, 26/06/2022.



Fonte: Página da Casa da Sopa³

Imagen 04 – Atividade com a Casa da Sopa: Feira Solidária, Praça Coração de Jesus, 16/12/2022.



Fonte: Página da Casa da Sopa⁴

A união entre os aportes e suportes que recebi no GEAD e o campo de trabalho que se abriu para mim na Casa da Sopa conceberam esta pesquisa. Inicialmente, houve uma grande dificuldade de se saber qual seria o recorte da pesquisa. Com o tempo e a necessidade de respondermos às questões do analfabetismo entre a população em situação de rua, esta pesquisa começou a tomar forma.

Através do reencontro com Paulo Freire, cuja obra foi lida agora com mais atenção, foi possível que eu enxergasse a condição de opressor e oprimido que habita em mim. Isso se torna o ponto de partida para uma redefinição dos modos de pedalar na vida. Sua proposta metodológica permite ir além, a partir da constatação de uma situação limite, cuja reflexão mapeia o que fazer, em busca do ser mais, atrelado ao alcance do inédito viável.

Por ter trilhado esse caminho, parece-me ter sido natural escolher uma experiência de educação popular em perspectiva eco-relacional para enfrentar o analfabetismo entre a população de rua - a Escola Comunitária de Educação Popular Mandacaru. Também me parece óbvia a opção pela pesquisa engajada para observar esse processo.

Educação Popular é uma inspiração para trabalhar com as amplas faixas marginalizadas da sociedade. É a guia condutora dessa nova etapa, através de um pedalar inclusivo, contemplando processos educacionais voltados para a construção de encontros com as pessoas em situação de rua.

Perspectiva Eco-relacional é uma proposta de abordagem epistemo-metodológica, cujo mote principal se dá através das relações possíveis entre humanos e não humanos, na tessitura de horizontes de superação das duras condições impostas por propostas limitantes da existência humana. de modo especial, no campo da educação.

³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

A pesquisa engajada é uma metodologia de caráter inclusivo em relação às pessoas pesquisadas, ao território, aos processos e devolutivas. Baseada no diálogo, na construção de saberes de forma coletiva e na análise crítica e política dos dados.

Buscamos na educação uma saída para a transformação social.

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém (Freire, 2020, p. 34).

Hoje, percebo a riqueza e a importância dessas pedaladas, que trouxeram o morador indiferente do centro da cidade até o pesquisador engajado que busca a emancipação dos seres oprimidos, especialmente, neste momento, daqueles/as em situação de rua e vulnerabilidade.

1.3.2 A população de rua e o censo

Quem é a população de rua? De uma maneira estatística podemos defini-la através do Relatório do Censo Geral da População em Situação de Rua da Cidade de Fortaleza-Ce - 2021 (Fortaleza, 2021), contabilizou, entre os dias 19 e 23 julho de 2021, 2.653 pessoas em situação de rua. Desses, 12,5%, estavam nos serviços de acolhimento institucional, 86,7% estavam nas ruas da cidade, 0,7% estavam hospitalizadas e 0,2% estavam privadas de liberdade. Esse documento nos traz o seguinte resumo:

A população em situação de rua de Fortaleza é em sua maioria natural da própria cidade, 56,17%, ou está na cidade a mais de 1 ano (81,7%), o que confere a essas pessoas a qualidade de municípios. A maioria das pessoas são cisgêneros 96,8%, e heterossexuais, 91,5%. A soma de pretos e pardos equivale a 71,5% da população em situação de rua na cidade, e a média de idade é de 40,86 anos de idade, de modo que se trata de uma população predominantemente jovem (Fortaleza, 2021, p. 23).

Quanto aos motivos para estarem na situação de rua, o Relatório aponta que as principais causas foram:

[...] conflitos familiares 58,7%, a dependência química 29,7% (somados o uso de drogas lícitas e ilícitas), a perda da moradia 18%, e a perda de trabalho 18%. Entre os motivos menos recorrentes, 2,8% das pessoas entrevistadas indicaram que estavam em situação de rua em decorrência de consequências da pandemia, 3,2% em função de problemas de saúde, 1,7% por serem egressos(as) do sistema prisional e 0,8% por serem deslocados(as) urbanos (pessoas impedidas por facções de permanecerem em seus endereços) (Fortaleza, 2021, p. 30).

1.3.3 A população de rua e a colonialidade

Em 1977, a pesquisadora Marie-Ghislaine Stoffels (Santos, Dantas e Silva, 2022) fez um estudo a partir das contribuições da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL – e associou diretamente a problemática da América Latina - a marginalização da sociedade e o desemprego - com a sua dependência econômica em relação aos países de centro, colonizadores. A esse quadro incorporamos a questão das pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social, e percebemos o quanto a questão colonial, que está presente na estrutura da nossa sociedade latina, é a sua principal causa.

Podemos considerar que as especificidades da população em situação de rua podem ser compreendidas a partir de dois eixos: condições de vulnerabilidade, como falta de renda, moradia fixa etc., e fatores ligados à escravização e ao colonialismo. Dito isso, destacamos os estudos da decolonialidade como uma contribuição fundamental para a criação, adoção ou adaptação de metodologias de pesquisas que deem conta de compreender a realidade das pessoas em situação de rua na América Latina.

A perspectiva decolonial é um movimento teórico, epistêmico e político de questionamento acerca da geopolítica do conhecimento - o eurocentrismo - e dos pressupostos fundantes da modernidade. A partir da influência dos estudos pós-coloniais, surgidos na África e na Ásia na década de 1970, essa perspectiva nasce da construção coletiva de vários intelectuais latino-americanos de diferentes áreas do conhecimento. Pensadores que se articularam, na década de 1990, para promover construções teóricas em torno do conceito de colonialidade do poder e seus desdobramentos. Neste movimento chegamos ao conceito de colonialidade do saber e seu contraponto, a desobediência epistêmica, isto é, pensar a partir do pensamento das pessoas subalternizadas. Lander (2005) recorre a Monteiro (1998) para expor pelo menos seis alternativas ao pensamento eurocêntrico colonial na América Latina: as concepções de comunidade participação e saber popular; a ideia de libertação enquanto práxis que mobiliza a consciência; a redefinição do papel de pesquisador social; a multiplicidade de vozes e a pluralidade de conhecimento; os modos alternativos de fazer conhecer; e revisão do método científico.

Busca-se aqui romper com o ideal de distanciamento entre observador e observado. Queremos com isso desvelar a forma como o fenômeno da situação de rua se manifesta nos países latino-americanos, marcados pelas estruturas coloniais de poder e pelos longos processos

históricos de exclusão e apagamento dos povos trazidos de África, dos povos indígenas e de seus descendentes - suas culturas, linguagens e modos de existir.

A análise e compreensão de como os pactos coloniais operam para empurrar as pessoas para as ruas é fundamental para interpretar esse fenômeno. Essas práticas de violação dos direitos humanos no contexto da América Latina são a continuidade e o produto da outra face da modernidade a da colonialidade. Representa um modelo de repressão que recai sobre os modos de produzir conhecimento, perspectivas, imagens, símbolos e significações.

Um dos mecanismos de vulnerabilização das pessoas em situação de rua se dá pelo acúmulo de opressões geradas pela lógica colonial e moderna da sociedade. Essa lógica se desdobra em vários níveis: trabalho, sexualidade, econômico, racial, étnico, jurídico e administrativo. Ressalta-se que o interesse do colonizador não era aniquilar a existência dos oprimidos, mas conduzi-los a confessar a inferioridade de suas culturas para que fosse possível o processo de dominação, uma vez que a partir dessa perspectiva o colonizado estaria colocado também em um processo de servidão mental. Nesse sentido, a luta decolonial é antirracista, feminista e etnicista (Santos, Dantas e Silva, 2022, p. 366).

1.3.4 O Movimento Nacional da População de Rua - MNPR

Com o lema "nada sobre nós, sem nós"⁵, o Movimento Nacional de População em Situação de Rua (MNPR) vem lutando, desde 2005, para transformar o cenário de exclusão em que vive a população em situação de rua, através da luta organizada por políticas públicas mais justas; no combate às violações dos direitos e na defesa e promoção de condições dignas de vida para essa população. Bem como da permanente reivindicação pela participação social plena das lideranças e das pessoas em situação de rua nas instâncias de discussão e deliberação sobre temas ligados a esse público. "Só as lutas mudam a vida", palavras de Vanilson Torres, coordenador do MNPR do Rio Grande do Norte, que traduz os princípios desse movimento (NUCOM, 2022).

Esse movimento nasce em 2004, a partir da articulação do Fórum da População de Rua – instância que pensa e discute a situação da população em situação de rua e de vulnerabilidade – e em resposta à proporção e a gravidade da situação de desrespeito sobre essa população, que culminou com o “Massacre da Igreja da Sé”⁶. A importância do MNPR cresceu e no ano

⁵ O lema é o resultado da percepção de que as falas e experiências das pessoas que vivem um problema devem ser melhor consideradas para a proposição das soluções. Isso porque elas são as que melhor conhecem a sua realidade. “Nada sobre nós, sem nós” é uma alusão à luta do movimento das pessoas com deficiência, surgido em meados da década de 1980 (Santos, Dantas e Silva, 2022).

⁶ Caso que ficou conhecido internacionalmente como "Massacre da Sé". Ocorreu nas madrugadas dos dias 19 e 22 de agosto de 2004. Foi uma série de ataques violentos às pessoas em situação de rua que dormiam na Praça da Sé, em São Paulo. Sete pessoas morreram e seis ficaram gravemente feridas. Apesar dos fortes indícios de participação

seguinte, com a edição do Festival do Lixo e Cidadania, em Brasília, no ano de 2005, vários estados se organizaram e fizeram o lançamento oficial do MNPR.

Essas células estaduais agem a partir das necessidades da população local, ouvindo as suas realidades. No Ceará, o MNPR surgiu em 2010, na cidade de Fortaleza. Aqui, ele trabalha articulando e mobilizando politicamente a população em situação de rua e outros agentes da sociedade, a fim de incluir as suas demandas nos espaços governamentais de planejamento e ação da administração pública municipal e estadual. Atualmente o MNPR Ceará é membro do Fórum de Rua de Fortaleza, do Comitê Municipal de Políticas Públicas da População em Situação de Rua de Fortaleza, compõe o Conselho Municipal de Assistência Social (SEMAS) e foi empossado como membro titular do Conselho Estadual dos Direitos da População em Situação de Rua e em Superação da Situação de Rua (CEPOP) – o primeiro conselho estadual do Brasil voltado para a atuação junto a essa população.

Também organiza e participa de eventos, atos e manifestações voltados à população em situação de rua, como foi, por exemplo, o ato do dia 19 de agosto de 2022. Evento em alusão ao Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua ocorrido na Praça do Ferreira. Momento marcante para mim e para o movimento que posso transcrever nas palavras do coordenador à época do MNPR-CE, Arlindo Ferreira, "transformemos luto em luta" (NUCOM, 2022).

Para mim, é importante descrever a história do MNPR no sentido de honrar a trajetória dessas pessoas, com as quais tenho contato, e que cruzaram e pavimentaram o caminho que eu pedalei até chegar à Casa da Sopa - parceira do MNPR - e chegar até aqui.

1.3.5 O território do Centro

O bairro do Centro de Fortaleza é a principal área de atuação da Casa da Sopa. Isso se explica pelo que nos mostra o Censo de 2021 (Fortaleza, 2021): as pessoas em situação de rua em Fortaleza/CE se concentram em maior quantidade na área da Regional 12, composta pelos bairros do Centro, Moura Brasil e Praia de Iracema, com 36,7% dessa população. A segunda e terceira áreas de maior concentração são, respectivamente: Regional 2 (Meireles, Aldeota, Dionísio Torres e Joaquim Távora, entre outros bairros) com 17,9% das pessoas em situação de

de policiais militares, não houve a devida apuração e responsabilização dos autores destes crimes. O ocorrido ensejou a uma mobilização e a criação do Movimento Nacional da População em Situação de Rua e na instituição do dia 19 de agosto como o "Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua".

Fonte: <<https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2022/08/19/massacre-da-se-18-anos.htm?cmpid=copiaecola>>
Acesso em: 05/02/2024.

rua e Regional 4 (José Bonifácio, Benfica e Fátima, entre outros bairros) com 15,3%. Essas três regionais juntas somam 69,9% da população em situação de rua da cidade e compreendem os seus bairros centrais.

Isso não quer dizer que as pessoas estão paradas em cada território. Elas estão numa dinâmica de busca constante de abrigo, alimento, banho, proteção e lazer. Movimentam-se, na medida do possível, entre essas áreas, de acordo com as suas necessidades. No tocante ao fluxo dessas pessoas, segundo Silva, Oliveira e Pontes Júnior (2023, p.55), “percebe-se um direcionamento para o Centro da cidade, indo e voltando de bairros mais próximos, como Praia de Iracema, Moura Brasil e Jacarecanga, e até mesmo de bairros mais distantes como Antônio Bezerra, Papicu e Prefeito José Walter”. Quando se cruza os pontos de incidência e o fluxo migratório dessas pessoas, ainda de acordo com Silva, Oliveira e Pontes Júnior (2023, p.57), “há pessoas em situação de rua da região metropolitana que, por vezes, também buscam o Centro da cidade durante o dia e retornam no final do dia”.

Por conta dessa presença, o Centro e adjacências concentram a maior parte dos equipamentos públicos de assistência e saúde – principalmente Centro Pop, Containers, APS e CRAS – e a maior parte dos aparelhos de assistência social civil – são 11 de 19, incluindo a Casa da Sopa (Silva, Oliveira e Pontes Júnior, 2023).

Em 2022, segundo dados da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará (SEFAZ)⁷, dos R\$ 8,2 bilhões arrecadados pelo Governo do Estado do Ceará, através do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), R\$ 2 bilhões foram gerados somente pelo bairro Centro. Isso representa aproximadamente 1/4 da arrecadação e é superior à de qualquer outro município do estado, ficando atrás apenas do município de Fortaleza. Isso mostra que o Centro é um importante produtor de riqueza, atraindo pessoas de todas as regiões, porém um mal distribuidor dessa riqueza, haja visto a situação das pessoas em situação de rua.

Agrupa também o maior número de estabelecimentos comerciais, equipamentos culturais e praças da cidade. Essas, estão sempre ocupadas pelas pessoas em situação de rua, para descansar, dormir, conversar, brincar ou esperar pelos “estouros”⁸. Já, os demais, estão muitas vezes de portas fechadas para essa população, que geralmente somente pode apenas contemplar as suas fachadas e encontrar abrigo sob suas marquises.

⁷ Disponível em: <<https://www.sintafce.org.br/centro-de-fortaleza-e-o-segundo-maior-gerador-de-riqueza-do-ce/>> Acesso em: 01/04/2024.

⁸ Estouro é uma expressão empregada para o momento em que um carro chega para distribuir alimentos nas praças e ruas para as pessoas em situação de rua. Esse termo surge em alusão ao estouro de uma boiada. A analogia vem da imagem das pessoas correndo, tal qual uma manada de bois desesperada fugindo de algum sinistro, para garantir uma refeição, pois nunca se sabe quando será a próxima.

Em caras de presidentes
 Em grandes beijos de amor
 Em dentes, pernas, bandeiras
 Bomba e Brigitte Bardot

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

1.4 Delimitação do objeto

Nesta etapa vamos apresentar os espaços em que se insere a Escola Mandacaru, seus personagens e seu breve histórico.

1.4.1 A Casa da Sopa

Atuante desde os anos 1990, o Grupo Espírita Casa da Sopa possui fases distintas, constituídas, nas palavras de Pimentel (2022, p. 223), “através da experiência de vínculos e da formação de redes de solidariedade na cidade de Fortaleza”. Ainda, de acordo com Pimentel (2022), a história da Casa pode ser dividida em três fases. Na primeira, denominada “Sopa Fraterna”, foi formada por um grupo, em sua maioria de jovens, no ano de 1989, preocupada com a distribuição de sopa, água, música, conversa e alento para a população em situação de rua, na zona central da cidade. Teve sua gênese na União Espírita Cearense.

Desde 1993, ao estabelecer sua sede na rua Assunção, 431, torna-se uma organização não-governamental. Em 2006, passa a integrar a equipe de promotores do Congresso Nacional da População em Situação de Rua, entrando numa nova fase, marcada pela ampliação da compreensão da realidade dessa população. Entendendo essa realidade como expressão de uma problemática histórica de exclusão econômica e política brasileira. Instaurando, a partir disso, uma frente coletiva de luta pelos direitos da população em situação de rua, participando da fundação, em 2007, do Fórum de Rua de Fortaleza. Nesse mesmo fórum, participou, em 2009, da instituição da Política Nacional para a População em Situação de Rua. Foi “[...] uma era de visibilidade política, protagonismo social e conquista de direitos”, segundo Pimentel (2022, p. 229), que também afirma que a Casa da Sopa vem até hoje “[...] discutindo diversas temáticas, dialogando e pressionando o poder público pelos direitos da população em situação de rua em Fortaleza” (Pimentel, 2022, p. 227).

A partir de 2012, a Casa da Sopa entra na sua terceira fase, marcada pela sua filiação à Rede Americana de Intervenção em Situação de Sofrimento Social (RAISS), organização composta por diversas entidades, em especial da América Latina, que atuam com segmentos

populacionais vulneráveis - em situação de exclusão extrema. A partir desse ponto, o grupo adota a metodologia do Tratamento Comunitário, que é entendida como

Um conjunto de processos no qual se articulam atores, conceitos, ações, instrumentos, práticas e recursos organizados, cujo objetivo é promover o melhoramento das condições de vida das pessoas, grupos e redes vinculadas em situações de exclusão grave, por diferentes razões (Milanese, 2018).

Baseada nessa metodologia, a Casa da Sopa desenvolve hoje ações e projetos que buscam desenvolver o protagonismo da população em situação de rua, a superação de sua situação de exclusão social e seu engajamento na comunidade. A Casa busca esse objetivo, atuando conjuntamente com os outros atores do território. São ações de acolhimento, redução de danos e assistência imediata, com oferta de banho, roupas e água potável; de segurança alimentar, com a produção e distribuição de alimentação; de saúde médica e psicológica, em ações permanentes e participação de campanhas de redução de danos e cuidados básicos de saúde; educação, com atividades em grupo; de participação em conselho e comitês de monitoramento da política pública; e geração de renda e pequenos negócios, com incentivo a geração de negócios sociais e autonomia da população em superação da situação de rua.

Imagen 05 – Casa da Sopa:
Grupo Madalenas, 2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa⁹

Imagen 06 - Casa da Sopa:
Cozinha comunitária, 2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹⁰

Imagen 07 – Casa da Sopa:
Distribuição de alimentação, 2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹¹

É justamente nesse contexto, de práticas metodológicas com as pessoas do território, que venho me inserindo na Casa da Sopa, enquanto morador do Centro de Fortaleza, voluntário da Casa da Sopa e pesquisador da Universidade Federal do Ceará. Inicialmente, envolvido nas

⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

¹⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

atividades culturais da Casa até o momento em que respondi ao chamado social e me aventurei em novas pedaladas. A partir daqui, vivemos a construção de uma experiência pedagógica dialógica no território do Centro, voltado para pessoas em situação de vulnerabilidade extrema: a Escola Comunitária de Educação Popular Mandacaru.

Nessa perspectiva, sinto-me disposto a trabalhar pelo desenvolvimento e expansão das atividades da Escola Mandacaru, como pesquisador engajado, membro do grupo de voluntários/as educadores/as, em parceria com os/as educandos/as e tendo em vista os horizontes norteadores de uma práxis emancipatória.

1.4.2 Os/as educandos/as da Escola Mandacaru

Antes de entendermos o universo da Mandacaru, precisamos conhecer um pouco quem são as pessoas que nos ensinam a ser educadores - as/os alunas/os, ou melhor, educanda/os. Porém, os educandos da Mandacaru não são números e estatísticas.

Apesar de compartilharem situações extremas de vulnerabilidade e exclusão social, o que de fato caracteriza essas pessoas é a diversidade de pensamentos, sentimentos e desejos. Isso é o que nos une e nos mostra a complexidade de cada indivíduo e do grupo – nunca é o mesmo, é sempre diverso.

Ouvimos histórias de abandono, violência, adicção, transtornos, expulsão de território entre milhares de outras, mas o que vemos são pessoas como a Dona Regina, com suas filhas e seu neto Raphael ao lado; a Milady e o companheiro; a Rubi, uma jovem transsexual, sempre alegre nas aulas, e acompanhada de seu namorado; o Aloísio; o Aníbal, o José, conhecido como Pará, com suas percepções de mundo sempre poéticas; a Kátia e a Elen, que já superaram a situação de rua; a Neide e a Dona Maria, que já não estão mais em situação de rua, mas ainda vão à Mandacaru e à Casa da Sopa para se alimentarem de afetos; o Salomão, com seus pensamentos criativos; o Juscelino, reclamando sempre das injustiças da praça; a Vera, sempre querendo aprender outras línguas; o Daniel, estrangeiro, sempre de bom humor e com excelentes reflexões. E muitos outros que foram e ainda não voltaram. São pessoas que passam a fazer parte da nossa família, porque nosso vínculo continua mesmo após o término das atividades na Casa da Sopa. Sempre estamos nos encontrando nas ruas e nas praças, casualmente ou por força do destino.

Imagen 08 – Educandos/as da Mandacaru, 2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹²

1.4.3 A Escola Mandacaru

A Escola Mandacaru surge no contexto pós-pandemia COVID-19, em um cenário de desrespeito aos direitos da população e aumento da miséria no Brasil. Surge após a divulgação do Diagnóstico da População em Situação de Rua - no contexto da COVID-19 em Fortaleza - e seus dados preocupantes. Dentre eles, a baixíssima condição de alfabetização das pessoas em situação de rua.

Nesse sentido, depois de algumas reuniões e debates, entre os membros da Casa da Sopa, sobre a situação do analfabetismo entre a população de rua, nasce o projeto de educação, sem fins lucrativos, com foco na educação popular e das pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social, inseridas na região central do município de Fortaleza-Ce.

Metodologicamente, utiliza os equipamentos culturais e espaços públicos do Centro como território de aprendizagem, produção de múltiplos saberes e leituras de mundo, considerando que

Enquanto educadora, a cidade é também educanda, muito de sua tarefa educativa implica a nossa posição política e, obviamente, a maneira como exercemos o poder na cidade e o sonho ou a utopia de que embebemos a política a serviço de que e de quem a fazemos (FREIRE, 2021).

Diante de um cenário de exclusão, violência e violações de direitos, a Escola Mandacaru é uma potência de denúncia, enfrentamento e resistência à necropolítica neoliberal suas práticas individualistas, subalternizantes e excludentes.

Durante todo o ano de 2023 desenvolvemos o processo de observação da trajetória da Escola Mandacaru, desde a sua criação, em resposta aos baixos índices de alfabetização entre a

¹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

população em situação de rua, descritos acima. Neste período podemos distinguir três ciclos de acontecimentos, percepções e realizações que marcaram o primeiro ano da Escola. Esses ciclos não foram planejados inicialmente. Eles são o fruto didático do processo de observação e intervenção do pesquisador e do grupo de educadores/as.

O primeiro ciclo se deu no início de 2023, entre os meses de janeiro e março. Nesse momento houve a formação de um pequeno grupo de nove pessoas, do qual fui integrante, dispostas a realizar o enfrentamento daquele cenário com a proposição da criação de uma experiência de educação popular baseada na obra de Paulo Freire. Realizamos encontros semanais nos quais, inicialmente, optamos por discutir assuntos do universo da educação com o objetivo de alinhar as reflexões acerca dos princípios teóricos, práticos e materiais para o início das atividades. Foram discutidos os seguintes temas: que tipo de escola queremos; que tipo de pedagogia desejamos; o que significa educação popular; o que significa escola comunitária; como a pedagogia Freireana pode contribuir para a nossa proposta; quem são os/as nossos/as alunos/as. Essa preocupação inicial mostrou que o que estava nos corações daqueles pioneiros concordava plenamente com o que nos diz Freire:

[...] preocupada seriamente com a leitura crítica do mundo, não importa inclusive que as pessoas não façam ainda a leitura da palavra, a educação popular, mesmo sem descuidar da preparação técnico-profissional dos grupos populares, não aceita posição de neutralidade política com que a ideologia modernizante reconhece ou entende a educação de adultos (FREIRE, 2017, p. 34).

Imagen 09 – 1^a reunião de planejamento, 20/01/2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹³

Imagen 10 – 2^a reunião de planejamento, 25/01/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 11 – 3^a reunião de planejamento, 30/01/2023.



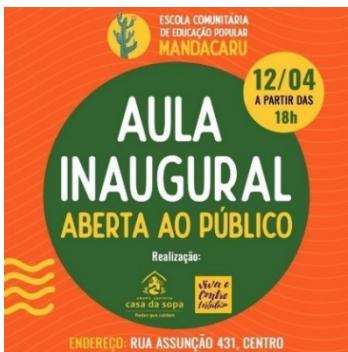
Fonte: elaborado pelo autor (2023)

É importante ressaltar que desse grupo original apenas cinco pessoas prosseguiram, as outras se afastaram por motivos pessoais, mas continuaram a dar apoio. E, com o andamento dos encontros, outras pessoas se interessaram pela proposta e se juntaram ao grupo. Os/as

¹³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

voluntários/as da Escola são pessoas de diversos setores da sociedade, algumas ligadas à área de educação, outras não, mas todas estão inseridas nas rotinas de acolhimento, solidariedade e resistência da Casa da Sopa.

Imagen 12 - Convite da primeira aula Mandacaru, 12/04/2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹⁴

Imagen 13 - Primeira aula da Mandacaru, 12/04/2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹⁵

Imagen 14 - Primeira aula da Mandacaru, 12/04/2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹⁶

Após as primeiras discussões, seguimos com o planejamento inicial das aulas até que, no dia 12 de abril de 2023, realizamos a primeira aula da Escola. Essa data marca o início do segundo ciclo - os encontros em sala de aula. As aulas aconteceram nos dias de segundas e quartas-feiras, no horário das 18:00 às 20:00. Essa escolha coletiva se deu por conta das atividades já realizadas na Casa da Sopa e da disponibilidade dos/das voluntários/as e dos/das educandos/as.

Neste período foi proposto a realização de um levantamento de palavras-temas geradoras, onde os educandos traziam as palavras que lhes eram afetas. Dessa busca, sobressaiu-se a palavra-tema-ação sonhos. A partir dessa palavra iniciou-se a discussão e o processo de alfabetização.

Ao longo desse ciclo, as histórias pessoais narradas e compartilhadas foram guiando os temas seguintes, de modo que a literatura se fez presente enquanto suporte e expressão de linguagem e visão de mundo. As problemáticas nordestinas surgiram com os temas do êxodo rural, da seca e da fome, o que levou ao estudo e à investigação de suas causas através da leitura dos quadrinhos e do cordel inspirados no livro O Quinze, de Rachel de Queiroz. Esse diálogo culminou com a discussão da história e a reflexão na vida dos/as educandos/as numa aula ao ar livre na Praça dos Leões, no Centro de Fortaleza, ao redor da estátua da escritora.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

¹⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

¹⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

Ler "O Quinze" e os temas nordestinos dialogou com as temáticas urbanas através de palavras-geradoras como: favela, casa e pobreza. Essas palavras surgiram a partir das reflexões do cotidiano de Carolina de Jesus, em seu livro Quarto de Despejo, Memória de uma favelada. Nesse percurso foram feitos exercícios de escrita autobiográfica, em referência ao livro de Carolina. Esse foi um tempo marcado pela construção de vínculos afetivos, facilitadores de processos dialógicos, horizontes e trocas simbólicas intermediadas pelos espaços de produção e fruição cultural que a cidade proporciona.

Imagen 15 - Atividade da Mandacaru: Praça dos Leões, 09/04/2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹⁷

Imagen 16 - Atividade da mandacaru: Cineteatro São Luiz, 09/06/2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹⁸

Imagen 17 - Atividade da Mandacaru: Casa da Sopa, 14/06/2023.



Fonte: Página da Casa da Sopa¹⁹

O segundo semestre de 2023, entre os meses de agosto e novembro, marcou o terceiro ciclo da nossa observação. As aulas prosseguiram sem grandes alterações. Mas, para mim, enquanto pesquisador, o foco passou a ser o grupo de voluntários, quando surge a proposta de intervenção, as oito vivências, que é o objeto desta pesquisa.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

¹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

¹⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/02/2024

O Sol nas bancas de revista
 Me enche de alegria e preguiça?
 Quem lê tanta notícia?
 Eu vou

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

1.5 Percurso epistemológico

A partir daqui, apresentaremos as bases teóricas sobre as quais construímos nossa pesquisa: a Educação Popular e a Perspectiva Eco-Relacional.

1.5.1 Novos caminhos e horizontes – saberes e fazeres coletivos e relacionais

A sociedade contemporânea encontra-se diante de uma crise de valores existenciais e materiais que vem se perpetuando ao longo da trajetória moderna ocidental, a favor da sustentação do modelo capitalista, produzindo graves distorções culturais e ambientais pelo mundo afora (Walsh, 2006). As relações humanas estão no epicentro dessa crise, trazendo em seu bojo o distanciamento e o isolamento das possibilidades de construções coletivas em busca de soluções e superação desse quadro grave na história.

A predominância de um método científico voltado para o estudo e pesquisa dos fenômenos sociais, amparado na fragmentação engendrada pelo racionalismo e seus impactos sobre as múltiplas formas de expressão humana, vem reduzindo, espoliando e condenando a diversidade da natureza, sociedade, cultura e educação ao reducionismo epistêmico eurocentrado trazido pela visão colonialista.

A colonialidade do poder, do saber e do ser (Walsh, 2006) é a extensão corporificada do processo de colonização, propagado pelas navegações marítimas, onde toda expressão da natureza e cultura humana, encontrada em terras não europeias, é rebaixada à uma condição de inferioridade, coisificante e exploratória, portanto, passível de dominação, apagamento e subserviência.

A colonialidade do Poder que por meio da ideia de raça e racialização social se estabelece em um padrão ‘universal’ de exploração, controle, subalternização. Temos o Eurocentrismo como forma hegemônica de regulação epistêmica, no modo de produzir conhecimento válido, [...] Colonialidade do Saber que decorre deste procedimento regulatório da ciência. [...] Colonialidade do Ser primeiramente como um argumento que negava a espiritualidade dos povos indígenas da América Latina [...] potencialização a coisificação do ser humano” (Figueiredo, 2022, p.63).

Essa sistematização de valores, conceitos e práticas subalternizantes vêm sendo interpretada e repaginada até os dias atuais, atingindo todas as regiões do planeta, dando-se nas relações de poder e sociabilidade, de caráter político, econômico, cultural e social. As consequências práticas desse sistema-mundo de pensamento e linguagem vêm devastando e extinguindo as riquezas naturais e as expressões diversificadas e criativas da humanidade. Transforma tudo em mercadoria, regulada pelos padrões de uma visão impositiva, hegemônica, sempre em função de favorecer e expandir os interesses do capitalismo globalizante.

Para a manutenção desse sistema, instituições da sociedade têm sido utilizadas a serviço de modos de propagação e permanência, dentre elas as escolas e universidades. Garantindo, na formação de professores e alunos, a perpetuação dos valores de uma cultura disciplinadora, alienante, discriminatória e excludente, edificada na base do cientificismo positivista.

É inegável, entretanto, que, a partir da segunda metade do século XX, esse modelo vem sendo questionado – através de alternativas de organização científica, social e educacional propositoras da superação desse colapso paradigmático – e, baseadas nessas alternativas, muitas experiências vêm ganhando força nas mais diversas segmentações da sociedade.

Consideramos aqui a influência desse sistema na realidade da educação brasileira, voltada para a reprodução dos valores eurocêntricos, que garantem papel de destaque à tradicionalidade dos padrões de ser e saber colonial, onde professores/as e alunos/as são conduzidos à reprodução de perfis de comportamento voltados à coisificação e exclusão de formas outras diversificadas de expressão e conhecimento.

Nosso trabalho se debruça sobre a possibilidade de compreender o quão presente esse padrão colonial se reproduz, até mesmo, nas pessoas e grupos que se colocam na contramão desse sistema. Especificamente, em grupos que caminham junto com pessoas em situação de exclusão social, fora do ambiente escolar tradicional, buscando caminhos através da educação popular. Nesse movimento de investigação das fronteiras dialógicas – em perspectivas decoloniais e pautadas pelas premissas da educação popular e da perspectiva eco-relacional – procuramos entender o processo de desconstrução dos valores introjetados pela cultura em que estamos situados numa tentativa de confronto e superação coletiva.

1.5.2 Educação Popular: a tessitura de conceitos e as práticas comunitárias

De acordo com Brandão (2009), podemos compreender a Educação popular de duas formas: “Primeiro, enquanto processo geral de reconstrução do saber social necessário, como educação da comunidade, e, segundo, como trabalho político de luta pelas transformações sociais, como emancipação dos sujeitos, democratização e justiça social”. Porém, ele também nos convida a pensar sobre outras possibilidades de conceitos, enfatizando a necessidade de encontrar a essência da vida onde ela se faz presente: em meio às manifestações populares das mais diversas ordens e regiões.

As práticas de educação popular são articuladas com uma visão política e socialmente engajada visando a transformação e superação das realidades opressoras. Isso é pensado e praticado para as pessoas e com as pessoas, construindo novos saberes, a partir dos saberes trazidos pelas pessoas, dentro e fora de sala de aula. São saberes possíveis, construídos a partir de um comprometimento das pessoas que se encontram e pensam em soluções criativas, a favor do empoderamento popular articulado e disruptivo.

Conhecimento coletivo, a partir de um trabalho, que recria, de dentro para fora, formas concretas dessas gentes, grupos e classes participarem do direito e do poder de pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seu saber a respeito de si próprias. Um conhecimento que, saído da prática política que torna possível e proveitoso o compromisso de grupos populares com grupos de cientistas sociais, por exemplo, seja um instrumento a mais no reforço do poder do povo (Brandão, 1981).

Sendo assim, a educação popular dedica-se ao trabalho com segmentos excluídos da sociedade, estabelecendo uma relação de compromisso e engajamento na construção de saberes coletivos, através da conscientização e fortalecimento dos indivíduos, na busca pela superação individual e coletiva.

Conscientes de que a realidade é um processo dinâmico, em constructo, devemos caminhar juntos com ela, aprendendo com nossas dores e cicatrizes. Devemos nos transformar em comunhão com as outras pessoas e combater as estruturas opressoras em busca de mudanças que possam favorecer os grupos subalternizados.

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um tratamento humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua promoção. Os oprimidos têm de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção (Freire, 2017).

Nessa perspectiva, a valorização da história pessoal e o fortalecimento dos processos de reconhecimento das pessoas como sujeitos dessa própria história, é um dos principais propósitos da educação popular.

Essa construção só é possível através do estabelecimento de um ambiente dialógico, relacional, parceiro e baseado na horizontalidade. Considerando a reflexão de Fiori, no prefácio da Pedagogia do Oprimido: “a palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum” (Freire, 2017).

Nesse sentido, praticamos o diálogo para além do fator de comunicação entre seres. Na verdade, temos a oportunidade de identificar, nas narrativas que o/a outro/a nos traz, as potencialidades, como o reconhecer-se nessas narrativas, seguido pelo reconhecimento de si mesmo. Essa é uma dinâmica que alarga os horizontes individuais na busca de ser mais em coletividade.

As narrativas são palavras vivas, prenhes de significados e conteúdo, potentes no encontro entre ação e reflexão. É a práxis freiriana: palavração verdadeira, transformadora a partir da observação e da denúncia da realidade, que a educação popular pode pronunciar e anunciar. De modo que, sem reflexão sobre a palavra, ela se torna vazia, simples ativismo, sem a presença do diálogo verdadeiro. Para Freire (2017): “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”. A partir da busca pela valorização e igualdade entre as pessoas, num gesto de humildade, é que se dá a pronúncia dialógica e coletiva do mundo.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, na educação popular, a construção de conhecimentos é um processo contínuo, em permanente estado de mudança, baseado nas práticas vividas diariamente, assim como na vida pessoal e coletiva. Portanto, estaremos sempre revisitando métodos e conteúdo na busca pela reinterpretação dinâmica da própria vida .

Esse aspecto de autoconstrução contínua dá à educação popular a capacidade de superar os grandes desafios da contemporaneidade. Estamos diante de um cenário no qual os fenômenos da globalização, hiper comunicação, guerra no sistema financeiro, entre outros, reconfiguram as relações no planeta, ameaçando e dizimando ecossistemas e culturas distintas, em escalas nunca vistas anteriormente. É um contexto histórico bastante diferente daquele em que ela foi gestada. Essa é a oportunidade de atualização, crescimento e compromisso com os processos de emancipação adaptados às condições, realidade e temporalidade , bem como às formas de intervenção na realidade.

1.5.2.1 Categorias da Educação Popular

De acordo com Freire (2017) “através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais”. Partindo dessa compreensão, apresentamos as categorias pedagógicas Situação Limite, Ser Mais e Inédito Viável. São conceitos necessários à compreensão dos registros - escritos e falados - e das vivências propostas nesta pesquisa.

Consideremos as circunstâncias de opressão e limitação enfrentadas pelas pessoas em suas rotinas diárias. Têm um padrão impositivo dado pelo conjunto das estruturas macroeconômicas, sociais e políticas. São fatores limitantes que dificultam os processos de mudança social e de desenvolvimento humano. Parecem insuperáveis à maioria das pessoas, por isso a designação Situação Limite, trazida por Freire (2017).

Entretanto, reside em cada ser humano um caráter motivador para a busca de melhorias materiais e existenciais, impulsionado por ideais de liberdade, conscientização e justiça, do ponto de vista pessoal e coletivo. A esse potencial denominamos, de acordo com a educação libertadora de Freire (2017), Ser Mais. É um ato de rebeldia, contraposição e revolução em relação àqueles estados opressivos e desumanizantes comumente vistos nesta sociedade.

Nessa condição, buscamos alcançar juntos algo ainda não realizado, porém, viável. Isso é possível graças ao poder da ação individual e coletiva, movida pela práxis refletida e retroalimentada pela crítica, considerando as especificidades do território. Esse algo novo é o Inédito Viável, viver novos cenários possíveis, superadores dos estados opressivos e subalternizantes. É a pura expressão da imaginação e da criatividade que um conjunto de pessoas conscientes e determinadas podem alcançar.

Freire (2017) nos convida a pensar que é necessário aos oprimidos acessar os processos de conscientização em seus fazeres educacionais. Desse modo, estarão aptos a reconhecer suas próprias situações limites e seus potenciais de ser mais, na busca pelos horizontes possíveis, o inédito viável. Esse acesso vem através da educação libertadora, como um caminho pautado pelos diálogos horizontais, inspirando a todos/as na formação de uma perspectiva de transformação e superação conjunta dos processos limitantes impostos a educadores/as e educandos/as pelo sistema bancário de educação.

Usaremos estes conceitos de Situação Limite, Ser Mais e Inédito Viável como espinha dorsal para a construção dessa pesquisa e para a análise dos dados. Percebemos que eles formam um ciclo que se apresenta diversas vezes ao longo da observação, tanto do ponto de vista micro,

nas pequenas relações e eventos, quanto, macro, na história da Casa da Sopa, da Mandacaru, bem como desta pesquisa.

Vimos que a Casa da Sopa vive esse processo, partindo da conscientização crítica das pessoas em situação de rua e buscando construir relações parceiras, em rede, para superar a situação limite. A Mandacaru nasce também desse processo, reconhece a exclusão social, manifesta através do analfabetismo, e busca soluções possíveis para isso. Os ciclos que vivemos dentro da Mandacaru também repetem esses ciclos porque nada está acabado. Estamos o tempo todo percebendo com mais clareza a nossa realidade, pensando em ações para transformá-la e alcançando novas realidades, que por sua vez nos trazem novas percepções da realidade e recomeçamos o ciclo, nessa práxis virtuosa em constante expansão.

Na descrição das Vivências, técnicas metodológicas desta pesquisa, pudemos observar esse movimento. Por isso, denominamos os capítulos deste trabalho em função de tornar-se consciente do problema Situação-limite - pensar, acreditar e se mover, em coletividade, para a superação do problema - Ser-mais - e experimentar um novo patamar de existência - Inédito-viável. Começamos percebendo a nossa situação limite e propomos um ser mais. Abraçamos essa proposta e caminhamos juntos até chegarmos ao inédito viável.

1.5.3 Perspectiva Eco-relacional: superando paradigmas limitantes da condição humana

Enquanto construção teórica, a Perspectiva Eco-relacional (PER) é uma proposta que busca a superação da crise de valores paradigmáticos e científicos instaurados pela modernidade. Trata-se de uma fissura no sistema-mundo, trazido pelo eurocentrismo, que nos permite superá-lo por meio de um conjunto de práticas reflexivas, baseadas na dialogicidade e compostas pelas múltiplas experiências sociais e culturais dos seres humanos.

De acordo com Figueiredo (2007), a PER é um caminho, cujo alargamento se dá pela inclusão de contributos culturais baseados na diversidade e multiplicidade de manifestações não eurocêntricas, orgânicas e relacionais. Essa é uma perspectiva que “se funda na proposta de enfatizar a Relação como eixo principal dentro do contexto de mundo (sentido, pensado ou vivido), na constituição ontológica e epistemológica do ser” (Figueiredo, 2004, p.55).

Dá robustez e irmana-se com a proposta inicial de ruptura e superação paradigmática no campo científico estabelecida por Thomas S. Kuhn (1997), firma-se sob a dimensão relacional, trazida por Morais (1998), onde reside o princípio relacional, interativo e sistêmico de todas as coisas, intrínseca e extrinsecamente. Figueiredo (2004, p. 58) afirma que “nesse constructo, procedendo a uma ruptura paradigmática, considerando a dimensão ambiental

constituída também pelas esferas histórica-política [...] avançamos no sentido da Perspectiva Eco-relacional”.

Seguir a PER é lançar-se em direção a um olhar epistêmico que inclui a participação popular, em suas lutas e expressões, através das contribuições dialógicas de Paulo Freire, Brandão e Maturana, nas dimensões de amorosidade e afetividade nas relações humanas. É colocar-se em permanente caráter de atualização, buscando o significado de cada momento, percebendo o movimento de cada agente em sua relação de estar no mundo, com o mundo. A PER assume o compromisso de se fazer em forma de teia epistêmica, interconectando, através de seus nós, transmissores de movimentos, os diversos campos e agentes percebedores e transformadores da realidade. Onde os dilemas da contemporaneidade, em suas relações fundantes com o passado colonial, são constantemente reprogramados e reconfigurados, redimensionando a tessitura e elasticidade das conexões entre pensamento-linguagem-mundo.

1.5.3.1 Categorias da Perspectiva Eco-relacional

A seguir, elencamos três categorias da Perspectiva Eco-Relacional, bases desse trabalho e a serem desenvolvidas com o grupo da Mandacaru:

Começamos pela Dialogicidade, que, nas palavras de Figueiredo (2022, p. 37), “é compartilhar palavra plena de sentido, de vida, de experiência derivada da práxis social. Isto implica em diálogo sobre atividades criadoras, contextualizadas, em novas leituras, saberes elaborados em parceria, pretendendo a ‘u-topia’”. A seguir temos a Decolonialidade, termo que expressa o reconhecimento de ainda não superamos a lógica colonial, o que implica em assumir uma postura política de contraposição a essa lógica colonializante (Figueiredo, 2022). Por fim, chegamos à Ecopráxis, é o reflexo da consciência eco-relacional. É uma proposta de práxis que caminha na direção de uma ação-reflexão mais ampla, voltada para um engajamento, necessário e efetivo, na transformação do mundo, política e eticamente (Figueiredo, 2007). Segundo Figueiredo (2007, p. 61), “[...] se caracteriza por ser uma práxis multidimensional, alicerçada numa percepção integral de mundo, em toda a sua amplitude e inteireza; uma práxis que, ao ser eco-relacionada, tem como fundamento básico e essencial a inter-relação harmônica entre os seres vivos e os considerados não vivos”.

Ao adotarmos a Perspectiva Eco-relacional como referência teórica e prática, buscamos o fortalecimento das relações já existentes e das novas, propostas através da formação do grupo aprendente. É no encontro e valorização dos saberes individuais, coletivos,

comunitários e territoriais que a PER fortalece a nossa interpretação da realidade e a nossa prática dos paradigmas que propõem uma educação de cunho libertador e progressista. A PER nos permite vislumbrar horizontes possíveis, materializados pela criatividade e pela potência do encontro de uns/umas com os/as outros/as, instigados/as pela práxis da educação de base popular, permeada pela solidariedade, afetividade e parceria, proporcionando o exercício da supra alteridade – valorizar o outro como legítimo outro (Figueiredo, 2007).

Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não? Por que não?

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

1.6 Percurso metodológico

O percurso metodológico desta pesquisa parte do reconhecimento e da afirmação de que todo processo educacional libertador pressupõe a criação de um ambiente de reflexão teórica que possibilite a associação entre percurso desejante e trajetória de sentido. (Figueiredo, 2004). E, estes caminhos metodológicos nos trouxeram a necessidade de identificar e dialogar com os saberes com a equipe dos/das educadores/as voluntários/as da Escola Mandacaru, do qual pesquiso e integro.

Sendo assim, fui percebendo a premência de dar seguimento às experiências práticas da Escola e seus desafios cotidianos, bem como suscitar no grupo de educadoras e educadores encontros que pudessem dar margem à discussão de temas do universo da educação popular e perspectiva eco-relacional.

Devo enfatizar a importância dos encontros semanais no grupo de estudos acadêmicos GEAD, que me permitiram um recorte qualitativo e desenvolvimento de um processo criativo que modificou, através das discussões coletivas semanais, o próprio tema proposto inicialmente em meu projeto de pesquisa, bem como dos métodos a serem utilizados.

Fui me aproximando, entendendo e me adequando à opção pela Pesquisa Engajada, numa perspectiva qualitativa. Isso me permitiria trabalhar a pesquisa em associação com os fazeres cotidianos comunitários e populares. De acordo com Figueiredo (2003), nesse tipo de pesquisa, o pesquisador mergulha num processo de “descentrar-se na busca da perspectiva popular, no compreender sua lógica e seu percurso desejante”.

Nesse sentido, considerando minhas vivências – completamente imersa nos espaços e o território da Mandacaru, performando os papéis de pesquisador, educador e morador do Centro de Fortaleza – identifico um contínuo processo de desvelamento de camadas da realidade e inacabamentos trazidos pela permanente desconstrução de crenças e aparentes certezas científicas, com o enfrentamento pessoal e coletivo da realidade investigada e vivenciada por mim,

Nesse percurso, em razão dessa tridimensionalidade existencial, vejo-me inserido numa transição, saindo do estado de compreensão ingênuo da realidade para um novo lugar da

curiosidade epistemológica. É um tempo de percepções mais claras sobre as origens dos nossos desafios, sobre as razões de vivenciarmos essa realidade histórica de exclusão, E, consequentemente, é tempo de vislumbrar um caminho mais assertiva sobre o meu papel e aquilombar-me cada vez mais no reconhecimento da minha condição de oprimido e na afirmação da possibilidade de superação individual e coletiva dessa condição.

Deste modo, afirmo o papel político, histórico e de vanguarda da Escola Mandacaru, enquanto denunciadora de uma realidade de violações e violências dos direitos das pessoas em situação de rua e superação de rua, traduzindo-se no reconhecimento das situações limite e na busca dos inéditos viáveis.

1.6.1 Pesquisa Qualitativa enquanto proposta participativa

A partir da necessidade de compreensão e aprofundamento dos aspectos relacionais contidos no bojo desta pesquisa, o caminho investigativo é demarcado pelas orientações da abordagem qualitativa, onde a percepção dos fenômenos humanos deve estar situada dentro de um contexto social específico considerando suas especificidades.

A pesquisa qualitativa, através da observação participante e entrevistas em profundidade torna difícil para o pesquisado a produção de dados que fundamentem de modo uniforme uma conclusão equívocada, e torna difícil para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus preconceitos e expectativas (Goldemberg, 2008).

Nesse universo, distante dos quadros, gráficos e dados estatísticos da pesquisa quantitativa, torna-se de extrema importância o registro dos processos de modo que possibilite a captação dos aspectos simbólicos, singulares e subjetivos dos fenômenos sociais, isto é: “a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a descrição densa dos fenômenos estudados em seus contextos e não à expressividade numérica” (Goldemberg, 2008).

1.6.2 Pesquisa Engajada Relacional

Na busca por um percurso que traduza os anseios entre teoria e ação refletida, optamos pelos horizontes vislumbrados através da Pesquisa Engajada, onde podemos abranger as demandas populares dentro de um conjunto de procedimentos metodológicos horizontais e democráticos.

Nas palavras de Figueiredo (2004), a Pesquisa Engajada é uma opção pelos oprimidos. O que quer dizer, incluir no processo todos os sujeitos, considerando todas as suas nuances, envolvidos na pesquisa. Aqui, as pessoas não são meros objetos a serem observados, são participantes ativos da construção da intervenção proposta pelo pesquisador. No caso deste trabalho, é uma opção por todos/as os/as voluntários/as, educandos/as, demais pessoas em situação de vulnerabilidade que não fazem parte da Escola, parceiros da Casa, vizinhos e demais agentes do território. Essa opção passa também pela consciência da condição do pesquisador de oprimido e comprometido com a problemática daquela comunidade e do local. Sem se afastar após o término do trabalho, como se a conexão criada tivesse acabado.

Essa visão é uma quebra no modelo eurocêntrico de pensar o fazer pesquisa em comunidades. É um reflexo do pensamento de que através dos caminhos da pesquisa refletida em conjunto “somente superam a contradição em que se acham quando o reconhecer-se oprimido os engaja na luta por liberdade”, nas palavras de Freire (2017).

É definida por Figueiredo (2004) como uma pesquisa-intervenção dialógica, ou eco-relacional, que se volta para as necessidades do pesquisador de interagir com esses grupos, considerando seus saberes locais, suas multidimensionalidades e a perspectiva eco-relacional. Dessa forma, seu objetivo é, através do processo da pesquisa e de seus resultados, incrementar a autoconfiança, a autonomia, a interdependência e evolução desses grupos populares. Para tanto, é realizada através de uma construção participativa, democrática e descentralizada, (Figueiredo, 2004), como um mecanismo processual que promova, de forma contextualizada, a conscientização e emancipação das pessoas.

A participação acontece quando reconhecemos que o processo não deve ser um mecanismo de transmissão unilateral de conhecimentos, mas uma troca entre pesquisadores/as e pesquisados/as. Desse modo, o princípio do diálogo é essencial, pois, através dele, os participantes constroem conhecimentos conjuntamente, questionando e refletindo sobre suas realidades, desenvolvendo a consciência crítica.

Dessa maneira, constitui-se uma relação democrática, onde o poder não deve ser centralizado em uma única autoridade. Deve ser distribuído, permitindo que todos tenham vez e voz nas discussões que afetam o coletivo; que todos participem das escolhas e dos resultados.

A contextualização das realidades sociais e econômicas dos/das educandos/as e dos/das educadores/as é outro princípio relevante. Procura: refletir e responder às necessidades e condições específicas das comunidades pesquisadas; levar os/as envolvidos/as a um processo individual e coletivo de conscientização crítica de suas realidades; capacitá-los/las a reconhecer

e questionar as operações e injustiças em seus mundos; para, juntas e juntos, construirmos uma sociedade que promova a Autonomia e a Liberdade de todos os seres.

Ainda de acordo com Figueiredo (2004), a Pesquisa Engajada se coloca como agregadora de diversos modos e métodos de pesquisas educacionais, conversa, por exemplo, com a pesquisa participante (PP) e a pesquisa-ação (PA). Como a pesquisa participante, a PE busca um contato prolongado com o meio em que os/as pesquisados/as vivem, envolvendo-se em suas vidas. Procura estabelecer uma relação de confiança com essas pessoas e compreender seus pontos de vista. Dessa maneira, com a PP, instaura-se um processo da participação articulada e pensamento entre as pessoas envolvidas na pesquisa, onde todas são o próprio sujeito da ação, com vistas à perspectivas de mudanças e superação de uma determinada realidade limitante. Segundo Brandão (2008): “as abordagens da pesquisa participativa aspiram a participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens do conhecimento popular”.

Por sua vez, com a pesquisa-ação, a PE mantém as similaridades de ser uma pesquisa empírica, pensada e realizada através de uma ação. De acordo com Michel Thiollent (2008), a pesquisa-ação “é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Porém, a Pesquisa Engajada se destaca em relação a esses modelos pelas suas características política, ética, crítica, sustentável e parceira. Nesse sentido, o engajamento individual e coletivo nessa pesquisa se traduz em um padrão aberto e múltiplo, abarcando a realidade da Escola Mandacaru e extrapolando-a para além de suas paredes. Isso porque há a necessidade de dialogar com o território em que está inserida, no qual os personagens estão em um movimento permanente e dialógico com as pessoas, espaços públicos e instituições inseridas, sobretudo, no Centro de Fortaleza, a exemplo da rede de equipamentos culturais existentes.

Torna-se fundamental, portanto, registrar as possibilidades de (re)criação de caminhos metodológicos, resultantes dessa abertura, do encontro afetivo entre pessoas, da consideração pelos valores humanos e da opção pela educação libertadora freireana em dialogicidade com a Perspectiva Eco-relacional com os contributos das técnicas de planejamento comunitário, de Milanese (2018). Como num grande caldeirão, todos esses aportes, abraçados e abençoados pelos fazeres cotidianos e pelos compromissos individuais e coletivos do grupo, em movimento de permanente ação, reflexão e inspiração em busca dos caminhos emancipatórios.

Por essas razões, reconheço a importância da opção pelas metodologias participativas e pelo engajamento do grupo, pelos compartilhamentos de saberes trazidos e gerado coletivamente em busca de uma práxis emancipatória a ser vivenciada com e para as pessoas em situação de rua e vulnerabilidade.

Em resposta ao processo de exclusão e a fim de combater as desigualdades e injustiças sociais das classes populares na América Latina, se formou, na década de 1970, uma grande corrente de pensamento [...] [que] ficou conhecida como *paradigma emancipatório*. Seu principal objetivo era produzir conhecimento junto aos setores oprimidos das sociedades latino-americanas para que estes compreendessem a realidade complexa na qual estão inseridos e encontrasse caminhos de transformá-la. Desse modo, recorrer ao próprio conhecimento das comunidades populares e oprimidas, tecer diálogo com o conhecimento acadêmico e construir estratégias junto a esses atores sociais no sentido que eles rompam com as injustiças históricas a quais foram submetidos, é a grande finalidade deste tipo de epistemologia latino-americana. (Santos, Dantas e Silva, 2022, p. 355).

Com isso, deu-se uma experiência de campo e análise movida pelo amor, pelo companheirismo e pelo desejo de aprender uns com os outros.

A PE está enredada na análise e compreensão dos fenômenos baseados, entre outras, nas seguintes ações: definição dos temas geradores; observações em grupo; debate acerca dos dados e informes coletados; discussão dos processos e significados; estudo dos textos produzidos e proposta de atividades. Segue preocupada também com as reflexões acerca da visão histórica e dos paradigmas norteadores, das relações fundantes – áreas de silêncios/apagamentos – afetividade, relações significativas e reconhecimento do amor na superação da estranheza entre o eu e o outro. (Figueiredo, 2004).

Esse é um caminho que vai se delineando coletivamente e sendo revisto ao longo do processo, que não se limita pelo planejamento inicial, mas, busca ser maleável no enfrentamento das situações limite, possibilitando a chegada ao inédito viável.

1.6.3 Técnicas da pesquisa

Para entender esse desafio, optamos por técnicas como a criação dos círculos dialógicos, o uso dos diários de campo, de cartas e a aplicação de questionários e entrevistas.

Círculos Dialógicos.

Consideramos a utilização dos círculos dialógicos, trazidos da experiência freiriana dos círculos de cultura em diálogo com a Perspectiva Eco-relacional de Figueiredo (2007), para que, com o grupo aprendente, possa-se construir saberes compartilhados e parceiros através da

escolha dos temas geradores, que permitam a identificação de um universo vocabular, territorial e afetivo, próprio, peculiar e particular dos envolvidos.

O círculo dialógico é um conceito central na pedagogia freireana. Ele se refere a um espaço de aprendizagem onde o diálogo é a principal ferramenta para a construção do conhecimento. Nesse ambiente, todos os/as participantes têm voz e são considerados sujeitos ativos no processo educativo. (Freire, 2007).

Os principais aspectos do Círculo dialógico são:

- 1) Horizontalidade: não há uma hierarquia rígida entre educadores/as e educandos/as todos/as são considerados/as igualmente capazes de contribuir para o aprendizado coletivo.
- 2) Diálogo: o diálogo é a base do processo educativo. Através da troca de experiências e ideias os/as participantes constroem conhecimento de forma colaborativa e crítica.
- 3) Conscientização: os temas abordados nos círculos dialógicos são relevantes para a vida e o contexto dos/das participantes, facilitando a sua aplicação na prática cotidiana.
- 4) Problematização: em vez de transmitir conteúdos de forma bancária (onde o conhecimento é depositado nos/nas alunos/as), o círculo dialógico utiliza a problematização incentivando ao participante a questionar e analisar suas próprias experiências e o mundo ao seu redor.

Grupo Aprendente.

Paulo Freire não utiliza especificamente o termo “grupo aprendente” em suas obras, mas seus conceitos e ideias podem ser aplicados para entender o que é um grupo desse tipo. Na perspectiva freireana, um grupo aprendente pode ser compreendido como um coletivo de pessoas que se envolvem ativamente no processo de aprendizagem mútua e colaborativa.

Para Freire (2017), a educação é um ato de libertação e transformação, onde, tanto educadores como Educandos aprendem e ensinam reciprocamente. em um grupo aprendente, os participantes dialogam, compartilham experiências questionam e constroem conhecimento de forma conjunta, promovendo a conscientização crítica e a transformação social.

Essa abordagem se alinha com a ideia de que o aprendizado é um processo dinâmico e interativo, onde todos os membros do grupo contribuem e se beneficiam troca de saberes, respeitando a diversidade e valorizando as experiências de cada um.

Na prática dessas vivências, junto à equipe da escola Mandacaru, haverá momentos introdutórios, em forma de acolhida e diálogo, no sentido de captar as energias, humores e motivações individuais. Seguidos de propostas de movimentos de integração e movimentos

pelo ambiente escolhido. A seguir, apresentamos os temas relacionados à PER junto à proposta de educação popular da escola Mandacaru e, ao final, uma breve análise sobre a proposta vivenciada e pontuação dos próximos encontros, a partir de uma obra artística.

Esses são momentos potentes de trocas solidárias permeadas pela cumplicidade e acolhimento que serão emoldurados e substanciados pelos usos das expressões artísticas, evocadoras dos princípios da sensibilidade e troca de visões, para além do universo das palavras, suscitadas pela música, desenho, poesia, literatura e dinâmicas corporais.

A Arte presentificada junto ao universo de trocas vocabulares, capacitadora de um reconhecimento da importância da utilização das mais diversas expressões humanas no fazer pedagógico, a partir de si junto ao encontro com o outro, na consubstanciação de horizontes expandidos e decoloniais, descentralizadores.

Música.

A música permeia todo este trabalho e minha vida. Ela é um instrumento importante no processo educativo, ampliando o poder de percepção do mundo. É uma linguagem complementar que acessa outros campos do conhecimento e dos sentimentos. Está presente em todas as Vivências, nos momentos de planejamento, avaliação e descanso. Inclusive, neste documento, abrindo todos os capítulos e seções. Aqui, trago a canção “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso, para ilustrar a minha pedalada pela Mandacaru. Escolho essa música pelo seu conteúdo de mudança, de buscar novas paisagens, superando as adversidades e soltando todas as amarras das crenças e convicções. Essa música é importante para mim porque o Caetano é o compositor e intérprete da trilha sonora da minha vida, desde que sou criança ele me acompanha, e o disco com a gravação dessa canção é de 1968, ano em que nasci. Seria difícil escolher outra.

A partir daqui, descreveremos outros instrumentos da pesquisa, diário de campo, cartas e entrevistas. De acordo com Chizotti (2003), esses mecanismos desempenham um papel essencial no processo de pesquisa, especialmente em estudos qualitativos. Permitem uma compreensão mais profunda e abrangente dos fenômenos sociais, culturais e individuais, contribuindo para a diversidade e a validade dos dados coletados.

Diário de Campo.

Como um processo de coleta e análise de dados, optamos pelo uso do diário de campo. É um instrumento para registro dos eventos, das observações dos eventos e das eventuais reflexões, comentários e sentimentos que surgirem, vindos do pesquisador e dos membros do grupo aprendente.

Os registros do diário agrupam diversas informações sobre os eventos como: a data, o local, horário, descrição dos espaços e das pessoas, as atividades (como foram planejadas, desenvolvidas e experienciadas) e a avaliação (o que foi falado, debatido, deliberado e produzido (comentários, reflexões, opiniões, sensações e sentimentos surgidos durante a observação)).

As informações coletadas e registradas no diário de campo podem ser apresentadas e debatidas com o grupo aprendente, ou membros do grupo, para que se façam reflexões e novas intervenções.

Cartas.

É uma forma de comunicação escrita que oferece uma visão genuína e pessoal das/os participantes. Elas permitem que os indivíduos expressem seus pensamentos e sentimentos de maneira mais reflexiva e estruturada, proporcionando um entendimento mais abrangente do fenômeno pesquisado.

Questionários.

Para a definição do perfil socioeconômico dos/das participantes, optamos pelo uso de um questionário. Instrumento estruturado, com perguntas pré-definidas.

Entrevistas.

Escolhemos aplicar uma entrevista, de caráter semiestruturado, com um roteiro de perguntas pré-definidas e abertas - questões que permitem que os respondentes definam sua visão de mundo. O objetivo da entrevista foi avaliar melhor as experiências, opiniões, percepções e conhecimentos das/os entrevistadas/os acerca do percurso da Mandacaru e, através dessa percepção, avaliar o impacto dos círculos dialógicos numa perspectiva individual. Essas são informações que talvez não sejam acessíveis através de outros métodos.

Caminhando, observando, participando e tomando por referência a construção de dados oriundos das informações registradas em campo (Figueiredo, 2007), tendo como suporte o diário de campo, depoimentos, fotos, reportagens, configuradores de um conjunto de evidências para a resposta das hipóteses e problema central da pesquisa em questão.

Nesse sentido, todo o processo de observação, reflexão e prática dos encontros junto à equipe da Escola Mandacaru traz consigo os referenciais da Perspectiva Eco-relacional, em sintonia com a educação popular, vislumbrando um movimento contínuo de aprendizagem coletiva do grupo aprendente para uma melhor sintonia e aplicação dos princípios fundantes da PER, considerando ainda os saberes trazidos pelas pessoas componentes do grupo.

É justamente aí onde reside a multiplicidade de interpretações e práticas dos princípios epistemológicos trazidos pela PER, pela construção de um percurso amalgamado, aonde as experiências de vida, pessoais e profissionais, podem estar a serviço de um olhar coletivo territorialmente impregnado de afetos, sensações, percepções e práticas oriundas daquele grupo e, ao mesmo tempo, permeadas pelos saberes universais, humanos e ontológicos.

1.6.4 Postura ética do/da pesquisador/a

É importante discutirmos o alinhamento entre as práticas epistemo-metodológicas da pesquisa e o posicionamento ético do/da pesquisador/a, assumindo o compromisso de construir, a partir da pesquisa, um projeto político com as pessoas da comunidade pesquisada.

Partindo dessa inquietação, procuramos tecer algumas considerações no sentido de contribuir com o debate acerca da decolonização do Saber vinculado à população em situação de rua. Reconhecendo que tanto os problemas da pesquisa quanto suas respostas somente podem ser delimitados em diálogo com os sujeitos que vivem no território.

A fim de romper ou fissurar o padrão colonial de produção violenta do conhecimento, um dos pontos fundamentais é a observância dos valores e do tipo de ética. Sobre isso, Pereira, Guareschi e Macedo (2019, p. 84) alertam para o fato de que determinadas posturas éticas, prescritas para pesquisa e que tem o objetivo de proteger o sujeito, podem contribuir para manter assimetrias reproduzindo desigualdades e relações de opressões. Outro ponto levantado pelas autoras e o autor é a limitação das normas para alcançar as especificidades que as pesquisas em Psicologia Social lidam. Enquanto saída para essa limitação propõe uma ética dialógica e da responsabilidade, ou seja, adoção de uma postura processual na qual seja possível negociar e construir consensos e acordos entre os pesquisadores e participantes da pesquisa. (Santos, Dantas e Silva, 2022, p. 87).

Soma-se, nesse sentido, para o entendimento da Pesquisa Engajada, as contribuições de Santos, Dantas e Silva (2022). Os autores e a autora nos trazem o pensamento de Orlando Fals Borba, sociólogo colombiano, que cita seis pontos acerca da postura do/da pesquisador/a:

- 1) A posição do/da pesquisador/a deve sair da condição de observador/a e ser muito mais um atuante junto às comunidades pesquisadas.
- 2) O compromisso do/da pesquisador/a em sempre procurar manter uma reflexão sobre o antidogmatismo. Ou seja, evitar aplicar, sem consideração pelas comunidades pesquisadas, os seus conhecimentos técnicos e princípios ideológicos;
- 3) A devolução sistemática, um processo de comunicação contínua e de linguagem simples com a comunidade pesquisada durante todo o processo da pesquisa, deve ser uma prática rotineira do/da pesquisador/a. Isso para que os movimentos sociais também tenham controle sobre as investigações e para que os/as pesquisadores/as se envolvam com esses movimentos. Ainda neste tópico, deseja-se a formação político-científica dos sujeitos das comunidades por meio do compartilhamento dessas informações e técnicas.
- 4) O compromisso do/da pesquisador/a em sempre manter a parceria e o diálogo com os intelectuais dos grupos minoritários e os intelectuais orgânicos. Aqui há uma troca entre o trabalho prático e político no território e a discussão acadêmica.
- 5) A prática transformadora somente é alcançada pela manutenção do ritmo de trabalho ação-reflexão e reflexão-ação.
- 6) Para se alcançar esse ritmo há duas ideias: a proposta de se fazer uma ciência mais popular - unindo aparatos científicos mais modestos e de manuseio simples – e a postura do/da investigador/a – disposto/a: a escutar discursos de fora do meio acadêmico; a desenvolver relações mais equânimes entre entrevistador e entrevistado, evitando a exploração unilateral; e a incorporar os sujeitos de base como seres ativos, pensantes e atuantes de sua própria investigação.

Com esse pensamento, buscamos uma metodologia participativa e decolonial, vinculada às atrizes e atores da investigação - no sentido de escuta, participação, planejamento e devolutivas. Sem buscar o enquadramento como resposta, mas apontar horizontes de construções coletivas possíveis entre todos/as os/as envolvidos/as neste processo.

2 OUSANDO SER MAIS: AMPLITUDES DO GRUPO

Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço e sem documento
Eu vou

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

2.1 Formação do Grupo Aprendente

Antes de descrevermos as vivências, vamos, nesta seção, descrever os processos iniciais: da escolha dos espaços à formação do grupo aprendente.

2.1.1 Escola Mandacaru: espaço para a busca do Inédito Viável

Nossa pesquisa foi desenvolvida no âmbito da Casa da Sopa, instituição que abriga o projeto da Escola Comunitária Mandacaru. Local onde venho desenvolvendo projetos de ação e intervenção comunitária em parceria com os membros voluntários da equipe, contando sempre com o suporte de saberes e a experiência da direção da instituição.

Inicialmente, pensamos em desenvolver todas as atividades na sede física da Casa. Essa escolha se deu pela familiaridade que todos os participantes têm com o local. Dá-se também ao optar pela Pesquisa Engajada, que busca a interação com o grupo, no território do grupo. Nesse ponto, é importante ressaltar que para alguns participantes, pessoas em situação de rua, estar na Casa significa estar em segurança psicológica. É como ter um continente, algo que lhes dê contorno, o que eles não têm costumeiramente, dada a sua condição de vulnerabilidade. Apesar desse intuito de realizar as ações no salão da Casa da Sopa, com o andamento da pesquisa e a participação dos pesquisados, as atividades se ampliaram para além dele. Vimo-nos em conversas e reuniões, de avaliação e preparação, em minha casa, na casa de outros participantes, em conversas na calçada e até mesmo em mesas de estabelecimentos próximos e amigos, regadas à Coca-cola e queijo coalho, dando extensão às atividades vivenciadas. Falaremos mais a seguir, mas deixamos registrado aqui, que o último encontro ocorreu fora da Casa da Sopa, em Maranguape-CE, como fruto dessa vivência parceira cultivada entre o grupo.

Essa intervenção foi anunciada, gestada e acordada logo após o término das aulas do primeiro semestre de 2023, com a anuência de todas as pessoas interessadas à época. Foi resultado de um processo de minhas observações, realizadas durante a primeira metade do ano

de 2023. A partir dessas observações e da opção pela Pesquisa Engajada, foi possível pensar um planejamento de encontros com o grupo, onde os temas debatidos estivessem alinhados com as questões práticas do cotidiano da Escola.

Disso resultou a proposta inicial de um ciclo de cinco círculos dialógicos. Em princípio, idealizamos que seriam quinzenais. Contudo, através da interação com os participantes, mostrou-se que essa programação precisaria ser ajustada: tivemos encontros mais espaçados e em maior número, foram oito no total, que se estenderam até o mês de novembro.

Os encontros foram planejados com três horas de duração, divididos em duas partes: apresentação teórica de temas geradores seguida de práticas criativas para o exercício de sala de aula considerando os temas apresentados e guiados pela Perspectiva Eco-relacional. Novamente, adiantando os resultados e conclusões, descobrimos a necessidade de alterar os planos. Todos os encontros sofreram algum tipo de intervenção, sempre se mostrando benéfica. Ressaltamos o último encontro, em que escolhemos juntos fazer num final de semana fora de Fortaleza. Esse se desdobrou em quatro encontros que trouxeram muitas contribuições para a pesquisa.

Finalmente, iniciamos as vivências logo após o retorno às aulas do segundo semestre de 2023, no mês de agosto.

2.1.2 Os personagens do Grupo Aprendente

Os primeiros passos dessa pesquisa foram voltados para a formação do grupo aprendente, formado com dezenove participantes no total. Pessoas de diversos setores da sociedade, que podemos descrevê-las, de maneira geral, como sendo em sua maioria: do sexo feminino, entre os 50 anos de idade, com formação escolar de nível superior, que se autodeclararam pardas ou pretas, moradoras de Fortaleza, com renda familiar em torno de três salários-mínimos e religiosas. Quanto ao tempo de atuação na Casa da Sopa, vemos que três são voluntárias há mais de 20 anos e a maioria chegou em até três anos. Mais detalhes podem ser vistos no Apêndice A.

Podemos, para efeitos de compreensão desta pesquisa, dividir essas pessoas em quatro grupos. O primeiro com a equipe de voluntários/as da Escola Comunitária Mandacaru, composta por dez pessoas, entre elas, uma pessoa em superação da situação de rua. O segundo, formado por quatro voluntários/as da Casa, envolvidos/as em outras atividades, mas com interesse na Mandacaru. Outro grupo composto por quatro pessoas amigas da Casa da Sopa, que não têm envolvimento direto com a Escola, mas que também dão suporte quando

necessário. E, por fim, um último grupo com uma pessoa, um dos educandos da Escola, um adulto em situação de rua.

A intenção primeira foi reunir apenas os/as voluntários/as ligados diretamente ao processo da Mandacaru. Porém, a formação do grupo se tornou algo mais orgânico. Algumas pessoas foram se associando naturalmente ao processo. E notamos que a contribuição de outras pessoas, que não estavam ligadas diretamente à Mandacaru, seria importante para o andamento das atividades. Percebemos naquele momento que as ideias a serem construídas nos encontros iriam para além da Escola, e deveriam ser vividas por todos os membros da Casa da Sopa.

Imagen 18 - Participant es do grupo aprendente, 12/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Eu tomo uma Coca-Cola
 Ela pensa em casamento
 E uma canção me consola
 Eu vou

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

2.2 Sementes: Vivências na Casa da Sopa

Passamos agora a detalhar os principais aspectos dessas oito vivências. Contabilizamos a carga horária total em vinte e sete horas de encontros e a média de quatorze pessoas por encontro. As quatro primeiras atividades ocorreram na Casa da Sopa, enquanto as quatro últimas se caracterizaram por uma imersão que aconteceu num final de semana num sítio em Maranguape-CE. Para melhor compreensão desses dados, no Apêndice B, apresentamos dois quadros-resumo relatando o planejamento das vivências.

2.2.1 A primeira Vivência

A primeira Vivência, ocorreu no dia 26 de agosto de 2023. Éramos quatorze (14) participantes e nos reunimos na Casa da Sopa, das 9:00 às 12:00. O objetivo deste encontro foi conhecer aproximadamente o universo de cada pessoa do grupo e apresentar ao grupo aprendente os objetivos dos encontros

Antes de passarmos às atividades principais da Vivência, vamos relatar três atividades presentes em todos os encontros, necessárias para a realização das dinâmicas principais, mas que foram pensadas como mais uma forma de criarmos um ambiente de trabalho coletivo em que as pessoas pudessem interagir, trocar afetos e experiências e que contribuisse para o fortalecimento do grupo e destas Vivências. Falaremos rapidamente dos momentos de Preparação inicial do espaço, Lanche e Preparação final do espaço.

Todas essas atividades partiram de um chamado coletivo e colaborativo. Na preparação inicial convidamos quem pudesse chegar mais cedo para limparmos o espaço e dispor as mesas, cadeiras e demais itens necessários às dinâmicas. Recebíamos as pessoas e os pratos e bebidas que elas traziam para o lanche.

A hora do lanche foi pensada como um intervalo de respiro entre as atividades. Como um momento para a troca do que foi vivido e para o fortalecimento do vínculo afetivo entre os participantes. Convidávamos a todos/as para um breve momento de descanso instigando-os/as a comentarem sobre a experiência da atividade passada.

A preparação final era a limpeza e a organização do espaço realizado de forma coletiva, promovendo a interação e o trabalho em equipe. Novamente, convidávamos a todos/as os/as participantes a arrumarem o espaço: limpar, recolher o lixo e guardar as cadeiras, mesas e os outros materiais utilizados no encontro, preparando-o para outras atividades da Casa.

Como esses momentos se tornaram partes naturais dos encontros, não voltaremos a descrevê-los nas próximas Vivências, exceto se houver algo que consideremos significativo.

Iniciamos com a roda de abertura, momento voltado para uma certa descontração e apresentação dos/as participantes. Sentados nas cadeiras, em círculo, dei as boas-vindas, e agradeci a presença de todos. Então, pedi para que as pessoas se presentificassem no espaço a partir da pergunta: como você está chegando? Esta pergunta que seria utilizada em outras Vivências busca trazer quem a responde para a consciência do tempo presente, do ambiente e das sensações do corpo. É a oportunidade para dizer a sua voz. É também um momento de silenciar e desenvolver uma escuta em relação aos/às parceiros da roda.

Logo em seguida, demos início à dinâmica dos objetos de afeto. Pedimos para que as pessoas trouxessem algum objeto que se relacionasse, ou lembrasse, de sua vida escolar. O objetivo principal dessa atividade foi sondar sobre o processo da educação escolar na vida de cada pessoa. De modo que, pedimos para que cada um/uma trouxesse um objeto, para que, com ele, trabalhássemos o resgate das memórias afetivas relacionadas a esse percurso.

Os participantes foram convidados inicialmente a seguir a ordem de suas posições no círculo para descreverem seus objetos e seus afetos. Porém, entendemos que poderíamos fazer diferente: escolheríamos um primeiro objeto aleatoriamente e a pessoa que o trouxe se apresentaria. Após a sua apresentação, a primeira pessoa escolheria aleatoriamente outro objeto, chamando o/a seu/sua proprietário/a a falar, até finalizarmos os objetos.

Apresentaremos agora as histórias narradas durante essa atividade, como resposta à provocação: O que este objeto te traz, em memória e afeto, da sua educação na infância e juventude? A sequência que dispomos a seguir está na ordem em que os objetos foram livremente escolhidos pelos/as participantes.

A primeira pessoa a falar foi a Daiana, o objeto que ela trouxe foi uma máscara de teatro. Ela nos relatou sobre o afeto que aquela máscara lhe trazia, o que emocionou muitas pessoas. Ela nos disse que, quando criança, as pessoas lhe diziam que ela não era boa. Nunca foi uma boa aluna e por isso foi hostilizada pelos professores, colegas e até pela mãe. Isso fez com que ela se sentisse menor, rebaixada, desacreditada se si. O prazer pelos estudos e pela leitura somente vieram mais tarde, na juventude, quando integrou um grupo de teatro de rua.

Aqui ela conheceu as ideias do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e a partir disso, para ela, abriu-se a perspectiva de trabalhar não só como atriz , mas ir para a produção cultural, para universo das planilhas. Nesse momento ela nos disse: “me senti útil, produtiva”.

Em seguida, Daiana escolheu o Livro Os Sertões, de Euclides da Cunha, que estava acompanhado de um dicionário. Eram os objetos da Sofia: que lembraram o prazer de se descobrir na leitura do livro Os Sertões, sempre acompanhado do dicionário. “Me sentia uma autodidata”, relatou Sofia, que viu na leitura um momento de fantasia, criatividade e a sua transformação em escritora e poetisa.

Por sua vez, Sofia escolheu o caderno de pássaros, que pertenciam à Cláudia M. Ela diz que escolheu o caderno por conta da estampa de voo dos pássaros. Isso lembra a ela a ideia/vontade de ser livre, algo que não foi possível durante a escola. Relata que “durante a infância eu tinha dificuldades na escola porque era muito curiosa e inquieta, sempre interrompia as professoras. Uma vez, fui retirada de sala porque eu não copiava as lições, apesar de eu ter um bom rendimento e acompanhar as aulas apenas pela observação”. Percebemos a incapacidade do sistema educacional em lidar com a diversidade das mentes das pessoas e como isso nos persegue até hoje.

Na sequência, Cláudia M. pegou um objeto desconhecido da maioria, que logo descobrimos se tratar de um bilboquê. O bilboquê é um brinquedo de madeira que consiste em duas peças de madeira ligadas por um cordão, onde seguramos uma peça na mão e tentamos encaixar a outra na primeira com movimentos de jogar a segunda peça no ar. Essa peça que chamou a atenção de todos, que quiseram brincar com ela, foi trazido pelo Edilson. Ele afirmou logo que pegou o objeto: “eu trouxe o brinquedo, mas acho que não tem relação com a escola”. As participantes voluntárias formadas em pedagogia acharam essa afirmação engraçada e contraditória porque, segundo elas, o brinquedo tem importantes funções estimulantes nos aspectos espacial, cognitivo e de equilíbrio, sendo, assim, um excelente aporte para a educação. Edilson trouxe o bilboquê lembrando dos tempos de brincar na rua e falou como aprendeu com essas brincadeiras. Falou também da contraposição entre a leveza das brincadeiras e a burocracia da escola e do poder público.

Logo depois, Edilson escolheu outro objeto estranho a maioria das pessoas presentes, uma semente. Era uma semente de tucum, uma palmeira da Amazônia, bem conhecida no Maranhão, terra dos ancestrais do Leonardo, quem trouxe a semente. Ele afirma que a semente o leva às suas origens no Maranhão e traz de volta a ideia de que:

“Educação era ser educado num lugar de ‘progresso’, para se tornar alguém que não é da roça, ‘atrasado’. E, hoje, depois de velho, quero voltar para a roça e entender que a roça me educou. Muito do que sou diz sobre esse coco. Lembro das histórias contadas pelas catadoras da região: na cosmovisão indígena, o tucum trouxe a divisão de dia e noite, antes só havia o dia; era preciso liberar a noite de dentro do tucum. Crescemos escutando a cosmovisão dos povos romanos e gregos e somos impedidos de escutar a cosmovisão dos povos tradicionais, que têm objetos sagrados e cuidadores. Quem entra em contato com ela, entra numa outra conexão, aprende uma outra linguagem, que não é errada só porque um colonizador disse que é errada. E vai se descobrindo a nossa história. O tucum é a forma de eu me reconectar” (Leonardo).

Leonardo, por sua vez, pegou um lápis com estampa de Coca-Cola, trazido por M. Cláudia. “Esqueci o objeto e procurei algo e vi o lápis”. Esse era o objeto à mão que mais a aproximava da sua história de educação. Narra sua relação sui generis com a educação, pois mudou-se muitas vezes de cidades e de escolas por conta da profissão do pai.

“Eu sempre estava numa escola nova e com pessoas novas, o que provocou uma desconexão com as escolas e com as pessoas. Consequentemente, tive a necessidade de aprender a ler com o meu pai, que era um grande leitor. Ele foi o educador afetivo que me apresentou os livros e o lápis. Ele dizia: ‘você lê e marca com o lápis o que você não entender, e juntos a gente descobre’. No livro ‘Reinações de Narizinho’, me marcou a palavra ‘SOU’” (M. Cláudia).

Em seguida, M. Cláudia escolheu um boletim de notas e uma foto com o fundo da bandeira do Brasil. Eles eram os objetos da Lídia. Os relatos da Lídia trazem a rigidez da educação de sua época através desses objetos, um boletim para aferir metas e uma foto com bandeira para induzir ordem e hierarquia. Ela nos conta que em sua época ainda não existia o direito à educação infantil, mas, mesmo assim, sua mãe a colocou na escola. A escola representou muitos castigos: “eu era sempre castigada, era muito danada. A diretora disse para a minha mãe para me tirar da escola e me pôr numa escola ‘especial’. Acho que eu tinha TDAH”. Finalmente, ela foi transferida para a Escola Topogigio e diz considerar essa mudança como a sua salvação, tanto que, mais tarde, voltou para ensinar lá. Entendemos que a salvação foi estar num espaço em que pudesse ser vista e ouvida sem ter que seguir um padrão predefinido.

Na sequência, Lídia pegou uma camisa de fardamento escolar, repleta de assinaturas, como uma lembrança do final do ano escolar, trazida pela Cláudia A. Ela nos disse que durante suas mudanças acabou por jogar fora toda e qualquer lembrança da época de escola. E, por isso, trouxe a camisa da farda do seu filho porque significava o encerramento de um ciclo. Diz também que nunca foi uma “boa aluna”. Esse último comentário foi acompanhado de um pesar e um choro que entendemos que ser “boa aluna” seria agir e performar sem levar em

consideração as nossas potencialidades e dificuldades. Mais um relato, como o da Daiana, em que vidas são prejudicadas por conta de um julgamento sobre ser bom ou mau na escola, e na vida, a depender de como nos saímos diante da expectativa do sistema educacional.

Logo depois, Cláudia M. escolheu uma miniatura de bicicleta, trazida por mim, Paulo. Esse objeto está associado, para mim, à cidade, aos percursos coletivos e aos encontros que marcaram a minha infância e juventude.

Continuando a brincadeira, peguei uma caneca. A caneca foi trazida pela Izabel, que anunciou sua formação em pedagogia e relatou que passou muito tempo em sala de aula de escola particular. A caneca foi um presente dado pelos alunos. Lembra que a mãe trabalhava fora e ela ficava na casa da avó onde a tia tinha escola: “aprendi a ler antes de ir para a escola” nos relatou Izabel.

Logo depois, o objeto escolhido foi uma caixa de fósforos. Percebemos a curiosidade de todos diante desse objeto. Como uma caixa de fósforos poderia ter relações com a educação? Socorro, que trouxe a caixa, explicou-nos:

“Sou de origem indígena, lembro que o meu avô me dizia que era preciso se esforçar. Eu aprendi a ler nos rótulos das caixas de fósforo Fiat Lux. Nas aulas, não tive acesso nem a livros nem a merenda. Só anotava no caderno [...] Lembro também dos sacos de açúcar que meu avô comprava para fazer roupas pra gente” (Socorro).

Duas pessoas não trouxeram objetos, mas suas falas se destacaram pela semelhança e pela violência, Aníbal e Miguel. Escutamos primeiramente o Aníbal, o educando da Mandacaru, que nos falou que estudou numa “escola de padres”, tempo que foi marcado pela rigidez, discussões e violências físicas, o que finalizou com a sua expulsão e o sentimento de que estudar não era para ele. Sentimento compartilhado por Miguel, um dos voluntários da Casa da Sopa, em superação de rua, que nos trouxe a lembrança de um ambiente escolar “carregado”, em que se sentia defeituoso por não se encaixar nos padrões e que também acabou por ser expulso.

Neste momento, através da exploração de objetos e relatos pessoais de cada participante sobre a sua educação escolar, em perspectiva autobiográfica, pudemos, juntos, delinear as características da educação tradicional e os traumas e limitações que ela pode nos causar. Foi nos revelado histórias potentes de afeto, em sua maioria, repletas de decepções, amarguras ou grande esforço para se adequar ou superar os seus processos educativos.

Mas, também escutamos que podemos aprender brincando na rua, na roça, no teatro, com inquietações, curiosidade, criando mundos através da leitura descompromissada com os deveres da escola, cada um a partir de suas diferenças. Ouvimos que todos nós temos vontade de aprender. E partindo dessas escutas, em resposta àquele cenário coletivo, apresentamos a categoria situação limite e suas possibilidades de superação.

Imagen 19 – 1ª Vivência: Objetos de afeto, 26/08/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Após o lanche, reunimo-nos novamente no círculo e fizemos a leitura do artigo “Encontros e desencontros no Centro de Fortaleza”, de autoria de Lídia Valesca Pimentel, publicado na edição número três do jornal comunitário Viva o Centro Fortaleza, em 2017. A partir dessa leitura fizemos um trabalho de reflexão e discussão sobre os espaços públicos do centro de Fortaleza; sobre a presença das pessoas em situação de rua nesses espaços e como isso poderia se traduzir numa parte importante do planejamento pedagógico para a Escola Mandacaru.

Imagen 20 – 1^a Vivência: Roda de conversa, 26/08/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Já nos preparativos finais da vivência, apresentamos os livros *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, e *Educação Ambiental Dialógica*, de João Figueiredo, como exemplos do que utilizariammos como base epistemológica para a construção das próximas vivências. Essa apresentação permitiu que fizéssemos uma abordagem rápida sobre os temas a serem vivenciados nos encontros seguintes, como: dialogicidade, decolonialidade e suleamento. A partir dessa discussão anterior, surgiu o interesse pelo conceito de suleamento, que conseguimos apresentar de forma bem participativa, refletindo as relações estabelecidas entre todos os personagens do Centro da cidade.

Já caminhando para a finalização, estabelecemos juntos/as o calendário das Vivências. Como encerramento, convidamos os/as participantes a resumir em uma palavra-chave o que haviam percebido naquele encontro. Ouvimos “gratidão”, “curiosidade”, “expectativa”, “aprendizado”.

2.2.2 A segunda Vivência

A segunda Vivência, ocorreu no dia 23 de setembro de 2023, 28 dias após a primeira Vivência. Éramos doze (12) participantes e nos reunimos novamente na Casa da Sopa, das 9:00 às 12:00. O objetivo deste encontro foi aprofundar o conhecimento do universo dos/as participantes e discutir os conceitos da educação popular e a sua aplicação no projeto da Escola Mandacaru.

O espaço foi preparado logo cedo, de forma coletiva, montando os círculos de cadeiras. Recebemos os/as que chegavam, convidando-os/as a formar o círculo. Iniciamos com a roda de conversa, num tom informal e descontraído, incentivando as pessoas a se presentificarem e dizerem como estão chegando com apenas uma palavra. Em seguida, procuramos recapitular o que havíamos experienciado na Vivência anterior. Surgiram relatos sobre nossas histórias e ancestralidades, enquanto família e educação, e, principalmente, sobre as nossas experiências e de educação vivida. A partir dessas conversas começamos um diálogo sobre nossas expectativas em relação à Educação Popular, a partir das perguntas: o que é Educação Popular? E, qual é a sua experiência sobre educação popular?

Após esses diálogos e antes de finalizar a atividade, apresentamos a “caixa dos sonhos”. Ela foi pensada para captar as expectativas acerca das possibilidades do percurso formativo, com foco no futuro na Mandacaru. O propósito foi estimular as pessoas a colocarem, ao longo dos encontros, seus sonhos, seus projetos, suas ideias, sugestões metodológicas, temas a serem abordados, palavras geradoras, ferramentas e técnicas de ensino, de forma a gerar uma práxis coletiva ao final das vivências.

Na sequência fomos desfrutar do nosso lanche colaborativo.

Após o lanche, voltamos para o círculo e, lembrando a pergunta anterior sobre Educação Popular, nós realizamos uma nova dinâmica: ler e discutir de forma circular o texto “O que é educação popular?”, de Carlos Rodrigues Brandão. As pessoas falavam o que percebiam, anotavam as palavras geradoras e, então, refletíamos o seu significado. O diálogo sobre esse texto foi uma peça fundamental na segunda vivência. Aqui, pudemos introduzir os princípios da educação popular e da categoria freireana ser mais, o que levou a uma discussão sobre como desenvolvê-las nos espaços públicos do Centro de Fortaleza. Mais especificamente, como desenvolver um processo de educação popular no Centro de Fortaleza para e com as pessoas em situação, e em superação, de rua e vulnerabilidade.

O resultado dessa discussão foram contribuições como:

“Proponho uma educação radicalmente inclusiva, aonde os desafios vêm com o crescimento” (M. Cláudia).

“Há um território periférico, onde as realidades impostas pela vida da população se apresentam” (Lídia).

“Centralizar a periferia existencial” (Lídia).

“O Centro é a síntese do Centro, o seu palco” (M. Cláudia).

“A Escola Mandacaru como um ponto de cultura, onde os saberes e fazeres serão uma experiência reveladora” (Paulo).

“O ponto é um território. Espaços disciplinados excluem pessoas, corpos disciplinados” (Lídia).

“Como dialogar com esse espaço?” (Cláudia A.).

“Comunicação e expressão como ponto fundamental. Spinoza – sentimento de coletividade, enquanto coletividade, uma multidão com o mesmo propósito. Transformar a experiência em algo coletivo. Cuidado mútuo, uma fala que expressa o coletivo. A experiência de Canudos, um horizonte possível para a Casa da Sopa, uma experiência radical de coletividade” (Edilson).

“Qual é a sua notícia? [ao trazer vários jornais]. Cada escola tem que viver a escola do caos. Tornando o afeto em uma pulsão de vida. Lidar com a imprevisibilidade” (Cláudia M.).

“Educação socioemocional” (M. Cláudia).

“É importante a participação do grupo nos editais para transformação” (Daiana).

“Saber enfrentar o outro” (Daiana).

“Léo e Lídia, wi-fi” (Aníbal).

Imagen 21 – 2^a Vivência: Roda de conversa, 23/09/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Finalizada a discussão passamos para um momento de relaxamento guiado pela Sofia. Ela nos convidou a afastarmos as cadeiras e nos deitarmos sobre uma manta, no centro do círculo, fechamos os olhos para que ela nos guiasse numa contemplação sobre os nossos ancestrais e numa meditação de relaxamento. Após a meditação, ainda deitados, ouvimos ela cantar a música Plantadeira, o que nos trouxe novamente para um estado de alerta, mas sem tensão.

Plantadeira

Eu vim do corpo da minha mãe
 Ela me deu semente boa
 Nutre meu corpo
 Se espalha em bênçãos
 Sou plantadeira de semente boa

Sou plantadeira de semente boa
 Sou plantadeira de semente boa
 Sou plantadeira de semente boa

(Canto, 2021)

Depois de nos levantarmos, propus finalizarmos nossa Vivência com um exercício de canto-coral. Além de proporcionar um movimento corporal e uma relação socioafetiva alegre e prazerosa entre os/as participantes, nosso objetivo foi apresentar e incentivar o uso das linguagens artísticas como mais um caminho possível para as nossas vidas e para a Mandacaru. Buscamos acessar percepções por meio da música Peixinhos do mar. Organizamos as pessoas de acordo com seus timbres vocais, ensaiamos de acordo com cada grupo e cantamos a canção em coro.

Peixinhos do mar

Quem te ensinou a nadar?
 Quem te ensinou a nadar?

Foi, foi, foi, foi
 Marinheiro, foi
 Os peixinhos do mar

Foi, foi, foi, foi
 Marinheiro, foi
 Os peixinhos do mar

(Domínio Público)

2.2.3 A terceira Vivência

A terceira Vivência, ocorreu no dia 12 de outubro de 2023, 19 dias após a segunda Vivência. Éramos dezesseis (16) participantes e nos reunimos na Casa da Sopa, das 9:00 às 12:00. O objetivo deste encontro foi experienciar a educação através das sensações do corpo e apresentar e discutir as categorias da Educação Popular e da Perspectiva Eco-relacional.

Após preparamos o espaço coletivamente, preparamos o círculo com cadeiras. As pessoas foram chegando e se sentando. Iniciou-se, natural e informalmente, uma conversa acerca da Mandacaru, propostas de termos mais um dia de aula na semana, projetos de geração de renda. Lídia interrompe e nos fala que aquele não era o fórum adequado para aquela discussão, precisávamos de mais tempo e um encontro específico para atender a tantas demandas. Finalizou pedindo para que, naquele momento, a gente se concentrasse naquela Vivência.

Com um certo atraso, apresentei a convidada, Maria Cláudia, que nos convidou a ficar de pé, em círculo. Ela nos explicou sobre a representação da forma circular e a sua relação com as figuras ancestrais, como nossos antepassados se reuniam. Ressaltou a importância da roda para permitir o diálogo horizontal, ver uns aos outros, olhos nos olhos, na mesma altura. E ouvir também. Para tanto, ela nos trouxe uma maraca, o objeto da fala. Esse objeto funciona para garantir que todos tenham o direito de falar e ser ouvidos, quando estiverem de posse do objeto. E, desenvolverem a escuta ativa e afetiva quando não estiverem com o objeto. A máxima desse círculo é: “todos podem falar, ninguém é obrigado a falar, mas é um sinal de respeito calar e ouvir quando o outro fala”.

Maria faz um movimento inicial de escuta do corpo e do ambiente, com o objetivo de trazer a consciência para o presente. Ela nos convidou a fechar os olhos e, em pé, tomar consciência das nossas sensações. O que sentimos, o que o meu corpo sente, quando nosso pé toca o chão, qual é a sensação da roupa em contato com a pele, se sentimos ou não o vento, o calor, o cansaço, a fome, a alegria, a ansiedade etc. E, a partir dessas sensações, responder a pergunta: quem estou agora? E, por fim, ao pedir para abrirmos os olhos, ela inicia a primeira rodada de falas pedindo para as pessoas se presentificarem com seu nome e dizer quem está agora, desencadeando um processo de escuta ativa a partir dessa provocação.

Todas as pessoas relatam suas sensações, algumas até descrevem percepções que antes não havia. Socorro é que dá o tom dissonante da roda, ao chegar atrasada, em sua vez de fala, ao invés de falar como está agora, ela questiona sobre o uso da maraca. Pergunta se as pessoas conhecem o significado da maraca. Explica que aquele objeto representa o seio da mãe-terra,

guarda a semente das próximas gerações. Diz que sabe disso porque isso faz parte da sua cultura, por ser uma indígena desaldeada. E questiona se usar aquele instrumento não seria apropriação cultural. E fala, ainda, sobre os protestos contra a petição do Marco Temporal e pede um minuto de silêncio pelas recentes questões Palestina-Israel. Sob esse aspecto Maria agradece as contribuições de Socorro e reconhece a importância da maraca e se compromete a sempre utilizá-la em honra daqueles que a tem como sagrada e promete o minuto de silêncio no final da Vivência.

No momento seguinte fomos convidados a caminhar lentamente pela sala ao som da música O Cio da Terra, interpretada pelo grupo Uakti. O objetivo foi trazer a consciência para o corpo em movimento e para as sensações presentes ao olhar para si e para as demais pessoas. Caminhamos em várias direções, buscando perceber o corpo, o equilíbrio, o pé que toca o chão, enquanto o outro pé apoia, as sensações da roupa, o contato com os/as outros/as participantes. Em seguida, fomos convidados a aumentar a velocidade do caminhar e, logo depois, diminuir o ritmo, até quase parar. E, nesses movimentos, perceber o desequilíbrio do corpo.

O cio da terra

Debulhar o trigo
 Recolher cada bago do trigo
 Forjar no trigo o milagre do pão
 E se fartar de pão

Decepar a cana
 Recolher a garapa da cana
 Roubar da cana a doçura do mel
 Se lambuzar de mel

Afagar a terra
 Conhecer os desejos da terra
 Cio da terra, a propícia estação
 E fecundar o chão

(Buarque e Nascimento, 1977)

Chegamos agora ao exercício das palavras. Eu e Maria espalhamos pelo chão da sala algumas palavras impressas em papeis de tamanho A5. Foram palavras do universo da Educação Popular, como: afetividade, amorosidade, autonomia, esperança, liberdade, nordestinidade, oprimido, saber parceiro, superação. Pedimos para que as pessoas caminassem pela sala e olhassem todas as palavras. Em seguida, pedimos para que elas se posicionassem ao lado da palavra que mais lhes afetava e convidamo-las a se manifestarem a respeito do porquê daquela palavra ter sido escolhida. O objetivo era trazer a consciência para a sensação que as palavras causam no corpo, responder à pergunta: como sinto essa palavra no meu corpo?

Escutamos diversos relatos como desejos de esperança e felicidade, sensação de opressão, cansaço, curiosidade etc.

Seguimos para o intervalo, quando relaxamos, comemos e falamos sobre os acontecidos.

Após o lanche, voltamos para a atividade seguinte, com a sala numa configuração de aula bancária, com cadeiras, mesas e quadros em filas. Esse ambiente foi criado para que pudéssemos ter a percepção de uma aula tradicional. Coloquei-me na posição do professor bancário, em pé, diante do quadro e em frente às pessoas que se sentaram atrás das mesas. No primeiro momento convidei as pessoas a perceberem a sensação de estarem numa disposição diferente da anterior. Instiguei-as a recuperarem as memórias do corpo da escola tradicional e fiz a seguinte pergunta: como é estar do outro lado? E refiz a pergunta do início da manhã: Quem estou agora? Para tanto, pedi para que descrevessem num papel as suas sensações. É preciso dizer que as pessoas ficaram muito agitadas, e houve dificuldade para acalmar o grupo. Ocorreu de uma pessoa pedir silêncio, em voz alta para poder me escutar. Após esse exercício, perguntei também: será que podemos considerar aquele momento, anterior ao lanche, como um modelo possível de aula? E, será que aquele modelo poderia se encaixar numa aula tradicional? As respostas podemos ver a seguir nas transcrições:

“Eu me sinto muito legal com os colegas e amigos, estar dialogando e escrevendo. Boas e novas olhando sempre no olho de cada um, sabendo o que ele sente ou está a pensar. Ideias novas pra ter um bom desempenho e transformar tudo em felicidade para o outro. Só alegria. Eu agradeço” (Aníbal).

“Segura, protegida, cuidada, livre para falar ou calar. Ouvinte, aberta ao conhecimento, esperançosa por aprendizado / entendimento. Curiosa pelo porvir” (Cláudia A.).

“Não consigo silenciar. Acompanho curiosa. Estanco, observo, me sinto à vontade para, em mim, sentir e puxar o que quiser. Tudo me chega, aprendo com os sentidos, intuo, sinto, vivo, fluo. Todos os ângulos, pontos, encontros. Minha coluna torcida confortavelmente. Apoio a mão no queixo sem me preocupar, pra escrever. Sem pausar, tentando só ser” (Cláudia M.)

“Me sinto com dificuldade de pensar como sinto com os amigos falando. Após o silêncio, ainda tenho dificuldades de racionalizar meus sentimentos, o que me faz pensar que ando pensando pouco no que sinto. Eu ultimamente só reajo aos acontecimentos. Eu gosto da disciplina e da figura do professor, gosto de aprender na explicação, me sinto confortável com essa situação. O que me desconforta mesmo são as conversas paralelas” (Daiana).

“Pouco espaço, sufocada, sem imaginação, sem escolhas, é como se me roubasse a evolução (direito de evoluir) minha felicidade.
Educação popular em perspectiva eco-relacional” (Fabiana).

“Sensação, emoção de até aqui como ‘oprimida’, lado em que há uma regra, uma ordem, uma tarefa, uma convocação.

Num misto entre aceitação devido ao modelo adquirido de como se ‘educa’, de como se ‘ensina’ e de como se aprende ou apreende o saber / o conhecer.

E o desafio ‘grande’ de conhecer uma ‘nova’ maneira, método de ‘fazer’ educação - a popular.

Ânsia de ver como será e um certo medo... de... talvez não saber ou não acompanhar o processo de criação ou elaboração da Educação da Casa da Sopa. O lugar mais amplo, afetivo e ‘permissivo’ que eu conheço.

Vontade de aprender, longo / refletindo essa emoção” (Izabel).

“O lugar! A voz! A ordem!

Quem pede autoridade não tem segurança?

Quem é seguro não manda, nem teme a fala?

Quem orienta, sabe calar, ouvir, afetar, colher, plantar...” (João)

“Esperar. Estou curiosa com o que está por vir. Qual será o próximo direcionamento? Sinto-me otimista, pois já recebi tanto em tão pouco tempo dessa vivência; suponho que muito mais tenho a aprender aqui, neste encontro” (Lani).

“Me sinto aprendiz. Leio e escrevo. Ouço e falo. Vejo e sou vista. Aprendo e ensino” (Lídia).

“Inquietação. Corpo relaxado, protegido pela mesa. Cabeça voando, pensando. Pressão para escrever. Para oferecer um resultado. Pensando em lavar a louça. Não me intimido pela posição da cadeira ou postura. Porque sinto que a mágica acontece dentro de mim” (Marco).

“Apertada / Sem espaço. Dói / Dor. Uniformizada.

Invisível. Sem ar. Calor. Inquieta” (M. Cláudia).

(Desenhos)

“Pessoas. Hierarquia. Ambiente.

Educação popular; inclusão radical; incompletude, tornar-se sujeito, consciência, realidade.

Eco-relacional” (Paulo).

“Agradecida por ter honrado a minha ‘fala compromisso’ para com o querido Paulo. Agradecida pelo alimento diverso e agora neste exato momento, sentindo dor no mocotó.

Assim seja. Assim é. Assim será.

Ahôw. Amém” (Socorro).

Imagen 22 – 3^a Vivência: Aula bancária, 12/10/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Ainda acompanhando esse formato de sala tradicional, segui para um segundo momento, onde explanei brevemente, utilizando o quadro, sobre os conceitos da Educação Popular e sobre a Perspectiva Eco-relacional. Em seguida convidei as pessoas a contribuírem com suas experiências para construirmos juntos/as esses conceitos. A descrição dessa construção coletiva segue abaixo:

Grupo Aprendente é desenvolvido sempre num formato circular, valorizando a horizontalidade – quando as pessoas estão em posição de igualdade de fala e de escuta – e a ancestralidade – honramos os encontros sociais dos nossos antepassados, até ao culto da deusa-mãe. Formas circulares também nos trazem o sentimento de pertencimento e as ideias de expansão, de estarmos num processo de permanente aprendizagem. Busca as memórias e saberes, através das narrativas, para perceber e reinventar a realidade em coletividade.

Dialogicidade é relacional. Fala da relação dos seres com os seres e com os ambientes. Integrado e interdependente. É uma relação baseada no respeito mútuo, escuta ativa e valorização das experiências e saberes prévios.

Contextualização é ter consideração pela história de cada pessoa dentro do círculo aprendente. Perceber que existem várias realidades. Toda educação e intervenção deve ser iniciada a partir do contexto.

Suleamento é a inversão da visão eurocêntrica. Por séculos tratamos o conhecimento a partir das referências do norte. Precisamos decolonizar, sair do padrão que o colonizador criou para nós.

Decolonialidade é, ao Sulear, entender nosso lugar de fala, reconhecer nosso valor e buscar romper a bolha eurocêntrica.

Interseccionalidade é o reconhecimento das diversas camadas de exclusão social. Gênero, classe, território, raça, idade, religião, orientação sexual.

Ecopráxis, eco é a ideia de casa, morada. O todo comum. Práxis é a ideia da ação refletida pela teoria e a teoria refletida pela ação. Pensar-agir em relação ao ambiente como um todo, sem separá-lo das pessoas e de suas partes.

Na finalização desta Vivência voltamos para o formato do círculo com as cadeiras. Lembrações das pessoas de contribuírem com a “caixa dos sonhos”. Convidamos a todos/as a pensar e expressar algo que a vivência trouxe de positivo. Fizemos o minuto de silêncio sugerido no início do encontro pela Socorro. Terminamos cantando em coro a música “Vai florescer” seguida dos agradecimentos e do convite para o próximo encontro.

Vai florescer

Vai florescer
O ser Divino que está dentro de você

Vai florescer, vai florescer
Vai florescer
O ser Divino que está dentro de você

Vai florescer, vai florescer
Vai florescer, vai florescer
Vai florescer, vai florescer

(Pontes, 2020)

2.2.4 A quarta Vivência

A quarta Vivência, ocorreu no dia 28 de outubro de 2023, 16 dias após a terceira Vivência. Éramos quatorze (14) participantes e nos reunimos, mais uma vez, na Casa da Sopa, das 9:00 às 12:30. O objetivo deste encontro foi construir coletivamente os conceitos das categorias da Perspectiva Eco-relacional em diálogo com a educação popular: Educação Popular, Dialogicidade, Grupo Aprendente, Ecopráxis, Contextualização, Decolonialidade, Interseccionalidade e Suleamento.

Nesta Vivência, é necessário relatar sobre a preparação inicial. Diferente dos encontros anteriores, nessa precisávamos da ajuda de mais pessoas para limpar e preparar o espaço. Isso porque iríamos montar dois ambientes: a roda de conversa, para tanto, dispor almofadas e o centro da roda, e um varal de cordas com nove painéis de imagens, para receber quem chegava. A adesão ao trabalho coletivo foi imediata e muito alegre. Esses painéis seriam trabalhados posteriormente. São oito painéis referente às categorias pedagógicas e um com a imagem do grupo.

Imagen 23 – 4^a Vivência: Montagem do varal de categorias, 28/10/2023.



Fonte: Saldanha (2023)

Quando todos/as já estavam sentados nas almofadas no chão, dei as boas-vindas. Marco guiou uma meditação de relaxamento, que foi seguida pela música “Iemanjá”, interpretada pela Céu, e a finalização da meditação que se ligou imediatamente com a apresentação da flauta xamânica do Leonardo. Após essa rodada, Marco pediu para que as pessoas relaxassem a concentração e saíssem da meditação. Neste momento eu li para todos o poema “Canção Fonemas da Alegria”, uma dedicatória do poeta Thiago de Mello a Paulo Freire, no contexto do seu exílio durante a ditadura militar de 1964.

Iemanjá

Aqui estou eu com minha voz recebendo a luz desse chão
 Sagrado caminho que corre infinito
 Pros braços abertos do mar

Seus filhos e filhas se banham
 No canto das águas que passam
 Águas que passam renovam os sonhos no leito
 No colo do mar

Que possamos andar com clareza seguindo seus passos
 Conchas fechando e abrindo
 Segredo do mar
 Caminho de pérola
 Segredo do mar

Odoyá é peixe de prata
 Odoyá é sal que sustenta
 Odoyá é sereia que encanta
 Odoyá na beira do mar

Iemanjá, bom dia!

(Assumpção, 2016).

Canção Fonemas da Alegria

Peço licença para algumas coisas.
 Primeiramente, para desfraldar
 este canto de amor publicamente.

Sucede que só sei dizer amor
 quando reparto o ramo azul de estrelas
 que em meu peito floresce de menino.

Peço licença para soletrar,
 no alfabeto do sol pernambucano
 a palavra ti-jo-lo, por exemplo,
 e poder ver que dentro dela vivem
 paredes, aconchegos e janelas,
 e descobrir que todos os fonemas
 são mágicos sinais que vão se abrindo
 constelação de girassóis girando
 em círculos de amor que de repente
 estalam como flor no chão da casa.

Às vezes, nem há casa: é só chão.
 Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
 diferente, que acaba de nascer:
 porque unindo pedaços de palavras
 aos poucos vai unindo argila e orvalho,
 tristeza e pão, cambão e beija-flor,
 e acaba por unir a própria vida
 no seu peito partida e repartida
 quando afinal descobre num clarão
 que o mundo é seu também, que o seu trabalho
 não é a pena que paga por ser homem,
 mas um modo de amar - e de ajudar
 o mundo a ser melhor.

Peço licença para avisar que, ao gosto de Jesus,
 este homem renascido é um homem novo;
 ele atravessa os campos espalhando a boa-nova,
 e chama os companheiros
 a pelejar no limpo, fronte a fronte,
 contra o bicho de quatrocentos anos,
 mas cujo fel espesso não resiste
 a quarenta horas de total ternura.

peço licença para terminar
 soletrando a canção da rebeldia
 que existe nos fonemas da alegria:
 canção de amor geral que eu vi crescer
 nos olhos do homem que aprendeu a ler.

(Melo, 1969)

Após a leitura do poema, fizemos a roda de abertura, pedindo para as pessoas se presentificarem e se manifestarem sobre como estavam se sentindo. Na sequência, perguntamos às pessoas sobre como aquele poema chegava para elas. Queríamos, a partir daquele poema voltar para a discussão sobre a Educação Popular, a PER e a Mandacaru. Começamos bem, as primeiras pessoas fizeram a associação. Porém, como estávamos encharcados pelas questões do povo palestino²⁰, as falas se perderam em relação a proposta inicial e se desenvolveram no sentido de falar da guerra. Para mim, enquanto pesquisador, serviu a lição de acolher e dialogar com as diferenças, diversidades, com o que está fora do meu controle.

Hora do lanche!

Imagen 24 – 4ª Vivência: Roda de conversa, 28/10/2023.



Fonte: Saldanha (2023)

Voltamos do lanche alegres e um pouco eufóricos. Isso casou bem com a atividade que propomos em seguida, uma ciranda. Pensamos em trabalhar o movimento corporal, a relação socioafetiva e ajudar a canalizar aquela energia eufórica para podermos nos concentrar na

²⁰ Guerra Israel-Hamas ou conflito israelo-palestino, que começou em 7 de outubro de 2023.

próxima atividade. Propomos que as pessoas voltassem ao círculo, porém, de pé e começassem a sentir o pé no chão e, então, com o auxílio de uma caixa de som, tocamos a música “Velha roupa colorida”, interpretada por Elis Regina. Primeiro incentivamos as pessoas a dançarem, a sua maneira, no mesmo lugar. Em seguida, dançarem em pares, com a pessoa ao lado, mas ainda no círculo. À medida que a música prosseguia, pedimos para que as pessoas trocassem de par e dançassem e caminhassem na roda, no movimento da ciranda, no ritmo da canção. Terminamos exaustos, mas alegres e com a mente descansada.

Imagen 25 – 4^a Vivência: Ciranda, 28/10/2023.



Fonte: Saldanha (2023)

Velha roupa colorida

Você não sente, não vê mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer

Nunca mais teu pai falou: She's leaving home
E meteu o pé na estrada like a Rolling Stone
Nunca mais você buscou sua menina
Para correr no seu carro, loucura, chiclete e som
Nunca mais você saiu à rua em grupo reunido
O dedo em V, cabelo ao vento
Amor e flor que é do cartaz

No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais

No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais

Você não sente, não vê mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer

Como Poe, poeta louco americano
Eu pergunto ao passarinho Blackbird, o que se faz?
Raven never raven never raven
Blackbird me responde

Tudo já ficou pra trás

Raven never raven never raven
 Assum-preto me responde
 O passado nunca mais

(Belchior, 1976).

Após a ciranda, começamos outra atividade: Categorias da PER. O objetivo era que o grupo construísse e apresentasse coletivamente os conceitos das categorias. Para isso, convidamos as pessoas a se organizarem em duplas a partir de um sorteio, foram seis duplas. Também sorteamos, entre as duplas, seis das oito categorias da PER. Na sequência, convidamos as duplas a procurarem no varal, que havíamos montado anteriormente, um painel de imagens que correspondesse à sua categoria sorteada. Esse foi um momento bem divertido. Ver as pessoas passeando pelos varais, olhando para os painéis, procurando identificar as suas categorias, conversando umas com as outras, mesmo com aquelas que não eram suas duplas, trocando informações e saberes, a fim de chegarem a melhor escolha, aquela que melhor representasse a sua categoria.

Nesse exercício, não demos nenhuma informação prévia. O que desejávamos era que as pessoas lembressem, associassem e criassem os conceitos a partir do que elas já traziam. Os painéis foram pensados de acordo com cada categoria, mas deixamos as pessoas livres para interpretarem da sua própria maneira, sem determinar uma resposta certa.

Imagen 26 – 4^a Vivência: Duplas escolhendo os painéis, 28/10/2023.



Fonte: Saldanha (2023)

Após cada dupla escolher o seu painel, pedimos para que se sentassem, nas cadeiras ou no chão, para discutirem o conceito daquela categoria. Incentivamos o uso de papel, lápis, caneta, tesoura, cola etc. para auxiliar na expressão das ideias. Depois de dez minutos de discussão, juntamos as duplas em três conjuntos de quatro pessoas. Aqui o propósito foi de que cada dupla apresentasse o seu conceito para a outra dupla. E, então, que cada dupla contribuísse

para a definição do conceito da outra dupla e, assim, todos/as os/as quatro juntos/as se apropriarem das duas categorias.

Imagen 27 – 4^a Vivência: Duplas construindo as categorias, 28/10/2023.



Fonte: Saldanha (2023)

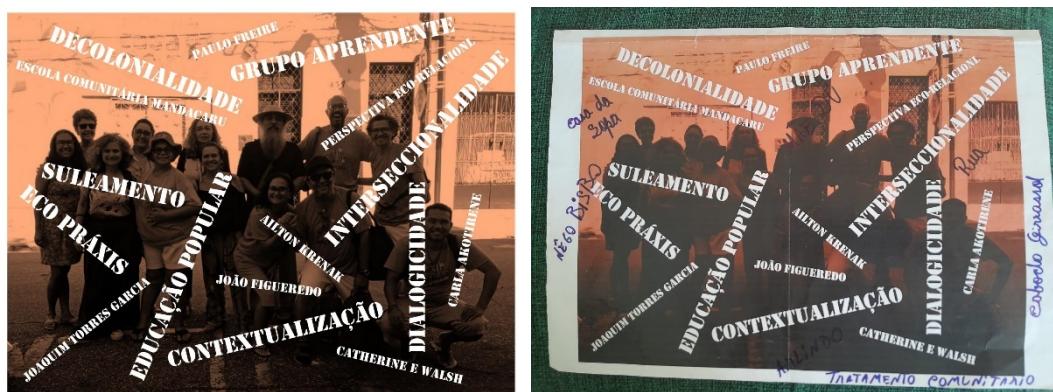
Imagen 28 – 4^a Vivência: Quartetos construindo as categorias, 28/10/2023.



Fonte: Saldanha (2023)

Entre as interações que observamos, notamos a ação de alguns/algumas participantes que tomaram a liberdade de pegar o nono painel, que não fazia referência direta a nenhuma categoria, e intervir no papel acrescentando o que acreditavam ser necessário para que os conceitos ficassem completos. O painel trazia uma foto do grupo e os nomes das categorias e de pessoas ligadas a essas categorias. Eles/elas acrescentaram nomes como: Mãe Du,Nego Bispo, Caboclo Girassol, Arlindo, Casa da Sopa, Rua e Tratamento Comunitário.

Imagen 29 – Painel, antes e depois da intervenção, 28/10/2023.



Fonte: produzido pelo autor (2023)

Por fim, depois de quinze minutos, o grupo foi reunido novamente no círculo. Onde pedimos para que cada dupla apresentasse suas impressões da categoria sorteada para o grupo, permitindo que os demais participantes pudessem acrescentar suas impressões pessoais.

Essa dinâmica gerou conversas produtivas como, por exemplo, em relação ao suleamento, quando Leonardo contestou esse termo. Ele, considerando, nossa posição e condição nordestina, questionou se para nós, nordestinos, Sulear não seria trocar um “norte” por outro “norte”, aludindo ao pensamento produzido na região sudeste/sul e sua relação com o norte/nordeste, como reproduutor da lógica eurocêntrica. Reconhecendo nossa aparente condição de periferia da periferia, sugeriu que poderíamos pensar qual deveria ser o ponto cardeal que nos inspira.

Imagen 30 – 4^a Vivência: Grupo apresentando as categorias, 28/10/2023.



Fonte: Saldanha (2023)

Após a apresentação do grupo, já se encaminhando para a finalização, passamos para o planejamento da próxima Vivência, a viagem para Maranguape no mês seguinte. As deliberações foram rápidas e seguimos com os agradecimentos finais. Após os agradecimentos algumas pessoas ainda se pronunciaram em relação à riqueza do momento da Vivência e, particularmente, considero que essa foi uma coroação dos encontros anteriores. É como se a gente tivesse arrematado todo o processo de construção desde a primeira Vivência e Encerrando o ciclo na estrutura física da Casa da Sopa e passando para o momento seguinte, em Maranguape.

Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

2.3 Germinação: Vivências em Maranguape

Nos dias 18 e 19 de novembro de 2023, nosso grupo aprendente se reuniu em mais quatro encontros. Essas Vivências ocorreram no Sítio Vitória, que fica no Distrito Tijuca, na cidade de Maranguape, a cerca de 40 quilômetros de Fortaleza. Essa escolha se deu, de forma coletiva, para que o grupo aprendente pudesse passar um tempo maior imerso no universo dos diálogos sobre o que esperávamos para o futuro da Escola, a partir do que foi construído nas vivências, pensado nos conceitos da educação popular em perspectiva eco-relacional.

2.3.1 A quinta Vivência – vento na varanda

No dia 18, sábado, nós nos encontramos de manhã cedo, na Casa da Sopa, para irmos à Maranguape. Ao chegarmos, a van já nos aguardava. Embarcamos e o clima foi alegria e descontração. Foi uma viagem rápida, cerca de uma hora, que finalizou com a recepção calorosa da Sílvia e da Marineuda, amigas e moradoras do Sítio. Fomos recebidos/as com um belo café da manhã e palavras de boas-vindas.

Anteriormente, eu havia pedido a cada pessoa que escrevesse uma carta, endereçada a outra pessoa do grupo, relatando suas experiências durante essas Vivências, quais seus planos, preocupações, desejos para a Escola e para essa outra pessoa, dentro dos trabalhos com a Mandacaru. Como poucas pessoas trouxeram as cartas, aproveitamos o momento após o café e depois que todos/as se acomodaram para escrevermos as cartas. Todos/as começaram a ocupar os espaços da casa e do jardim para esse momento de escrita.

Imagen 31 – 5^a Vivência: Feitura das cartas, 18/11/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Recebemos todas as cartas e começamos a limpeza da varanda para a quinta Vivência. Era um espaço com muitas plantas, o que completava a vista belíssima. Tudo verdinho! Organizamos as cadeiras em círculo e dispomos algumas plantas no centro do círculo. Iniciamos nossa primeira atividade fazendo os devidos agradecimentos a todas as pessoas envolvidas, tanto às que estavam presentes, quanto àquelas que não puderam vir, mas que ajudaram a construir esse momento. Em seguida, fizemos uma breve meditação guiada, com o objetivo de relaxar o corpo, os pensamentos e as sensações, para nos prepararmos para aquele momento.

Logo após a meditação, veio a rodada inicial de presentificação das pessoas. Convidamos cada um/uma a dizer o seu nome e como está chegando. Na sequência, apresentamos, em caráter de rememoração, as categorias da PER – dialogicidade, práxis, contextualização, decolonialidade, suleamento e interseccionalidade. A seguir, fizemos a provocação: qual dessas categorias mais te afeta? Buscamos perceber a perspectiva pessoal de cada pessoa acerca dessas categorias.

O tema interseccionalidade surgiu inicialmente. Começamos a falar das camadas de exclusão que nos sobrepõem e que, na maioria das vezes, nem percebemos. Dentre as contribuições que foram apresentadas fomos surpreendidos pelo depoimento do Aníbal. Ele é uma pessoa que pouco se expressa no grupo e quando o faz, sempre elogia, agradece e diz que está tudo bem. Por isso, sua fala impactou a maioria de nós. Ela veio carregada de sentimentos de angústia, injustiça e inconformação. Foi um relato que nos trouxe a sua experiência de ser um egresso do sistema prisional. Ouvimos sobre as durezas enfrentadas dentro do cárcere e, principalmente, fora dele – as inúmeras dificuldades enfrentadas na procura de um emprego e no relacionamento com a família, permeado pelo esquecimento, distanciamento e isolamento até, por fim, chegar à situação de rua.

A partir da sensação coletiva de admiração pela coragem daquele desabafo, houve um breve momento de suspensão e silêncio. Imediatamente, guiado pela intuição, agradeci ao Aníbal pela confiança depositada no grupo e refiz a pergunta motivadora, agora: quais preconceitos você experiencia, ou já experienciou, dada a sua pessoa enquanto imagem e história de vida? As falas chegaram logo em seguida, e ouvimos sobre: o enfrentamento diário por ser ateísta, trazido por Cláudia M.; o racismo sofrido por Izabel, Miguel e Marco; novamente o racismo, relatado por Daiana, bem como a questão da territorialidade – ter vivido em bairros pretos – e a discriminação que sofre por ser muito alta, em comparação com a maioria das mulheres; a questão de ser adotada, trazida por Sofia; a deficiência física enfrentada diariamente por Cláudia A.; a discriminação de gênero e baixa estatura, levantadas pela Lani, a

condição da homo afetividade de Paulo; as questões de preconceito religioso, território e status acadêmico, revelados pelo Leonardo; e a dureza de enfrentar as questões de gênero, religiosidade e política faladas por Lídia.

A seguir, ainda na sua fala, Lídia pontuou sobre a beleza e a potência de, naquele momento, naquele local, estarmos tendo a oportunidade de fortalecer o grupo, através de trocas tão generosas. Isso fez vir a sua memória a música Vilarejo, interpretada pela cantora Marisa Monte, que Sofia prontamente começou a cantar e foi lindamente acompanhada por nós. Nessa música, comentamos, percebemos a valorização da relação com o tempo e a natureza, um paraíso em que não há disputas e todos/as são bem-vindos/as.

Vilarejo

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão

Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá

Por cima das casas, cal
Frutos em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonho semeando o mundo real

Toda gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá

Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa

Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos, os destinos
E essa canção

Tem um verdadeiro amor
Para quando você for

(Freitas, Antunes Filho, Monte e Gomes, 2006)

Na finalização da Vivência, as cartas encontraram seus destinatários para que fossem lidas até a Vivência da manhã seguinte. Também entreguei para todas as pessoas uma cópia da carta que eu escrevi, destinada a todo o coletivo. Combinamos o horário da próxima vivência, de tarde, e agradecemos rapidamente porque a Silvia já anunciava "almoço tá na mesa". Que almoço, quanta fartura!

Após as discussões sobre as categorias da PER, nos encontros anteriores, pudemos verificar, nessa Vivência, como essas categorias se refletem nas experiências das pessoas. Como elas já se apropriaram desses conceitos e se mostram inclinadas a vivê-los.

Apesar de não ser o objetivo principal deste trabalho, preciso relatar aqui como a arte esteve presente nos encontros, de forma planejada e de forma incidental, como na música Vilarejo. Percebemos a necessidade, diante da incompletude da linguagem oral e escrita, de trazermos a arte como linguagem complementar para ler o mundo e nos expressarmos no mundo.

Boniteza na paisagem e nos Horizontes!

2.3.2 A sexta Vivência – visões do percurso

O almoço foi repleto de conversas, risadas, aclimatações, sobremesa e café. Pudemos repercutir o que tínhamos acabado de vivenciar e refrescar um pouco a mente, falando de amenidades. Após o almoço, descansamos, balançando com as redes, naquele silêncio convidativo ao recolhimento.

Após o descanso tomamos o café da tarde e logo nos reunimos novamente. Desta vez, no piso superior da casa, um local bem ventilado. Dispomos almofadas no chão para as pessoas se sentarem. Esta Vivência foi planejada para ser uma roda de conversa sobre as complexidades e oportunidades da Escola Mandacaru, sobre as experiências de cada pessoa, sobre as dificuldades e expectativas que cada um/uma tinha para a Escola, procurando relacioná-las com os aportes da PER.

Nesse momento tivemos um debate acalorado em torno das possíveis continuidades e legitimação de inserções de práticas na Mandacaru. As visões sobre metas e resultados; sobre como fazer e o que esperar ainda não estavam claras para todos/as, muito menos havia um acordo sobre isso. Questões que vivemos nas semanas anteriores foram colocadas na roda, como: preparação para Enem e para concursos, avaliações e notas. Isso me parecia estar dissonante dos princípios libertadores de uma educação comunitária e progressista que eu e alguns/algumas companheiros/as acreditávamos para a Escola.

Aqui preciso reconhecer que naquele momento, para mim, não havia diálogo possível entre aquelas propostas, que me pareciam tradicionais e opressoras, e os conceitos da Educação Popular. Porém, com o andar dessa pesquisa, através de conversas e leituras percebi que essa questão deveria ser tratada de forma inclusiva. Isto é, estávamos diante de mais um desafio para encontrar a definição de práxis pedagógica, considerando as contribuições de todas as pessoas daquele grupo e, posteriormente, as dos/das alunos/as da Mandacaru. De modo que, estamos o tempo todo sendo movidos pela interpenetração das dimensões categoriais “situação limite”, “ser mais” e em busca de possíveis “inéditos viáveis”.

Com o aproximar da hora do jantar, fomos desacelerando o debate e incentivando as pessoas a fazerem comentários e sugestões para as atividades daquele grupo após a finalização daquelas Vivências. Demonstrando, já naquele momento, a vontade e necessidade de continuarmos aquele processo. Dentre as propostas, anotamos: a formação de um grupo de estudos em torno da obra de Paulo Freire, iniciando com a leitura dialogada do livro "O que é o método Paulo Freire", de Carlos Rodrigues Brandão.

A seguir, fizemos os devidos agradecimentos, lembramos a todos/as da leitura das cartas para a vivência da manhã seguinte, encerramos formalmente aquela roda e as pessoas se encaminharam para o jantar. Entretanto, um pequeno grupo de quatro pessoas, entre as quais eu estava presente, continuou na sala e seguiu no debate. Tentávamos pensar juntos/as como se daria o processo de suporte para preparação de exames, sem perder a essência da educação popular.

2.3.3 A sétima Vivência – cantos e rezos em torno da fogueira

Logo após a sexta Vivência, de noite, presenciamos um lindo fazer coletivo em torno da preparação do jantar. Seguimos a sugestão de Daiana e apostamos numa sopa de ervilha. Várias pessoas se mobilizaram para a sua feitura, enquanto outras preparavam a mesa do jantar. Foi mais um momento de troca e construção coletiva. o resultado foi uma refeição deliciosa, que aqueceu nossas barrigas e corações.

Após o jantar, no terreiro, ao redor da fogueira, aconteceu a sétima vivência, com cânticos e interpretações artísticas, fortalecendo a nossa rede de afetos. Bem, preciso dizer que, se o que vivenciamos até aqui fortaleceu conexões e afetos, nesta Vivência, as interações foram reatualizadas e fortalecidas. Ao redor da fogueira preparada e acesa por Leonardo, por volta de nove horas da noite, Sofia nos oferece uma linda performance artística, com produção e figurino cuidadosos, entoando a música "Silêncio", desacelerando o tempo, chamando ao encontro de si

com a natureza, com o chão, com as estrelas, com a fogueira, com os olhares e com os silêncios. Em seguida, Marco cantou junto com Sofia, a canção "Tudo respira", numa meditação musical. Logo após, juntei-me a dupla, e cantamos a canção "Reza do fogo", caminhando ao redor da fogueira.

Silêncio

Silêncio, hoje eu preciso tanto ouvir o céu
 Já não é mais urgente assim falar
 Meu coração precisa repousar

Eu venho lá dos sertões onde a saudade se perdeu
 Daquela estrada empoeirada que doeu
 Feito uma flor que resistiu, assim sou eu

Silêncio, eu quero ouvir o que me diz a imensidão
 Quero saber se a minha alma tem razão
 Quando acredita que estas coisas vão mudar

Silêncio, pra eu me lembrar de tanta coisa que eu já sonhei
 E encontrar todas as folhas que eu juntei
 Por esta estrada que me traz até a mim

(Wenceslau, 2021)

Tudo Respira

Respira, respira fundo
 Recria, recria o mundo
 Respira, respira fundo
 Recria, recria o mundo

Respira (respira), respira fundo
 Recria (recria), recria o mundo
 Respira (respira), respira fundo
 Recria (recria), recria o mundo

Tudo respira
 O corpo, o som, o ar e a natureza
 Tudo respira
 A terra, o sol, a lua e as estrelas

O equilíbrio é sempre um movimento
 De dentro pra fora, de fora pra dentro

Soham, soham
 Soham, soham
 Soham, soham
 Soham, soham

(Parisi, 2019)

Reza do fogo

Nessas horas que estamos diante do fogo
 Deus convoca tudo e todos, num momento de oração
 Pra rezar e agradecer o dom da Vida
 Nossa santa mãe querida, para sempre Pachamama!

Los abuelos entoaram os seus cantos
 Os seus rezos, lindos sonhos nos antigos rituais
 Ensinaram os mistérios dos tambores
 O fogo dos rezadores, salve os nossos ancestrais

Nessas horas que estamos diante do fogo
 Deus convoca tudo e todos num momento de oração
 Pra rezar e agradecer o dom da vida
 Nossa santa mãe querida, para sempre Pachamama!

Los abuelos entoaram os seus cantos
 Os seus rezos, lindos sonhos nos antigos rituais
 Nos contaram sobre a dança dos planitas
 Sobre os povos das estrelas que iriam retornar

(Alê de Maria, 2022)

Essa performance inspirou o grupo, que, de modo espontâneo, deu continuidade as canções, que foram trazidas de acordo com as experiências de vida de cada uma. Foram entoadas por quem já as conheciam, entre risadas e lágrimas. Havia tambores e flautas que foram tocados e revezados por alguns/algumas participantes. Daiana ficou um pouco nas batidas do tambor. Leonardo flauteou. Matteu, filho do Leonardo e Lídia, e João Gabriel, meu filho, tocaram e revezaram a flauta xamânica. Foi uma sensação de aconchego e cumplicidade que se estendeu até por volta de meia-noite, quando muitos, cansados foram se deitar, deixando outros, resistentes, cantando e brincando ao redor da fogueira.

Imagen 32 – 7^a Vivência: Roda da fogueira, 18/11/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

2.3.4 A oitava Vivência – à sombra da mangueira

Já na manhã do dia 19, realizamos a oitava vivência à sombra de uma mangueira, onde compartilhamos as cartas. Esse último momento foi essencial para a percepção da importância da afetividade no fortalecimento das relações e da compreensão do/da outro/a e do mundo.

Após o café-da-manhã, descemos, cada um/uma com sua cadeira até a sombra da mangueira. O espaço já tinha sido limpo por nós na manhã anterior. Formamos o círculo com as cadeiras e uma manta no centro, com flores e flautas, foi o espaço perfeito para o cachorro se deitar. As pessoas foram se sentando e já foram iniciando uma conversa.

Leonardo começou com a pergunta: o que é ler? E segue: “O Evangelho é necessariamente feito a partir da leitura da doutrina?” Essa pergunta se refere ao fato de que as escrituras bíblicas falam de cuidar do próximo, mas não “lemos” essas palavras e discriminamos o outro, principalmente o outro da rua. Leonardo questiona que ler o evangelho, de forma freireana, partindo da condição da Casa da Sopa enquanto Grupo Espírita, é cuidar e tratar das pessoas: “é o tratamento das feridas, das ‘caibadas’, dos acidentes do cotidiano, é os socorros prestados na rotina da Casa da Sopa: essa é a leitura mais profunda de Freire, ler o mundo e suas necessidades”.

Leonardo continua questionando a dicotomia saber acadêmico e saber popular e como esse distanciamento é prejudicial:

“Existe um grau de dificuldade em sistematizar o pensamento e a ação a partir da escolha: ou o método científico e suas estruturas ou o universo das narrativas, das ancestralidades. Isso coloca a África como lugar de ignorância e a Europa como sede fonte do conhecimento. Devemos valorizar a nossa formação adquirida no convívio com os saberes da rua: com o Aníbal, Arlindo, Miguel. Diante disso, podemos pensar alternativas de escrita considerando a linguagem não formal.”

A conversa acabou se voltando para a postura política da Casa da Sopa e o seu reconhecimento nos meios espíritas. Sobre isso, falou-se da dificuldade de parte do movimento espírita em conseguir entender a proposta da Casa da Sopa. Falou-se também que isso poderia ser em função do posicionamento político partidário da casa da sopa e da falta de posicionamento do movimento espírita em relação à política.

Essas discussões foram muito importantes para nós pensarmos o posicionamento da Casa da Sopa diante dos desafios que se apresentam. Fiquei contente por ter podido contribuir com isso, porém, esse não era o foco do nosso encontro. Então, precisei interromper a conversa para iniciarmos a atividade. Como já havíamos passado um bom tempo juntos/as no café,

optamos por iniciar agradecendo a presença de todos, pedindo para que lessem a carta que escrevi direcionadas a todos/as e, em seguida, agradeci pelas cartas que recebi de Daiana, Sofia e Fabiana e perguntei “qual foi a sensação de receber as cartas?”

Lani, que estava sentada ao meu lado, deu início às falas agradecendo pelas mensagens que recebeu nas cartas, uma de Lídia e outra de Cláudia A. Disse-nos que, apesar de não ter comparecido em outras Vivências, percebeu que se sentia bem cuidada e incluída no grupo por todo/as. Ela pediu para não ler as cartas e não comentar mais porque estava muito emocionada e não conseguiria dar continuidade. É importante falar como essas cartas fortaleceram os laços afetivos da Lani, que acreditava que estavam desgastados por conta de sentir afastada do grupo. Ao ler as cartas, ela notou que sempre esteve incluída no grupo e era inspiração para muitas pessoas.

“Querida amiga, Lani.

Estou te escrevendo essa carta na dinâmica dos encontros do Paulo, no entanto meu coração te escreve como faziam os amigos de antigamente, quando não havia internet e o papel e uma folha em branco eram tudo que se tinha.

Venho te dizer que apesar de você não ter vivido os primeiros encontros do percurso da dissertação do Paulo, eu estive perto de você, pensando em você e conectada com os ideais que nos une para uma educação emancipatória.

Você é uma inspiração para o nosso grupo, uma fonte de amorosidade que só os professores sabem como manifestar. A nossa Mandacaru tem muito de você, seu senso prático e decisivo. A educação é fundamentalmente prática, que se aprende e se ensina.

Eu cheguei nos encontros com os meus traumas de infância. Como fui maltratada por professores e o sistema. Se eu fosse sua aluna, tivesse sua atenção e seu amor pelos alunos...

Hoje, também me tornei professora, e me identifico contigo em muitas coisas. Estamos no ofício de interagir e relacionar.

Descobri com o conceito de dialogicidade que é possível converter o processo educativo em interação contínua, do que vem de um, do outro, de si, dialógico e triangulado.

Eu quero muito que você continue firme no nosso propósito de educação popular eco-relacional. Estamos aprendendo juntas, companheira, e eu quero caminhar contigo e com os outros no grupo aprendente.

Te amo.

Cuide-se, cuidemo-nos!” (Carta de Lídia para Lani).

“Querida amiga Lani, espero que esta carta lhe encontre com o coração tranquilo.

Te contar, os últimos sábados de outubro houveram 4 encontros na Casa da Sopa, pela manhã, sobre o projeto de pesquisa de Educação Popular e Perspectiva Eco-Relacional na Mandacaru, nossa mandacaru, que você idealizou lá atrás, bem antes de ser Mandacaru, você me falou: ‘a gente podia falar com o Léo / Lídia da possibilidade de dar aulas para jovens/adultos/idosos que sintam vontade de ler / escrever ou aprimorar o pouco que sabem.

Enfim, amiga me, os Encontros foram ótimos, só faltei 1, Paulo coordenou com propriedade e sensibilidade.

Para mim, que não tenho a menor intimidade com a área da educação, as explanações foram de grande valia.

O Primeiro encontro, levamos o objeto que nos remetesse à época de escola, vale ressaltar do primor do café da manhã, tudo feito com carinho e afeto. Paulo apresentou

a proposta, leigamente falando, entendi se tratar de um estudo voltado à Educação Popular, tendo a Mandacaru como exemplo.

Não vou lembrar a sequência dos demais encontros, mas algumas palavras ecoaram em mim.

Suleamento, decolonização, interseccionalidade.

Amiga me, falando de maneira bem simples, na educação popular, diferente da educação bancária, aprendi também, cada indivíduo deve ser tratado como único e respeitado dentro de suas possibilidades e do seu lugar de fala.

A equipe, grupo aprendente, nem se fala, ô povo pra eu gostar, o clima nos unia, ficamos entrelaçados, olhamos para frente, o futuro, sabendo ser possível educar/ensinar com amor, por falar em amor, amo tu!

Fico por aqui já são 23:44, vou levantar às 5:00 porque não terminei de arrumar a mala.

Xêro” (Carta de Cláudia A. para Lani).

Aníbal nos disse que leu somente a metade da carta que Leonardo lhe enviou. Para ele, pareciam as palavras de um pai, o que o fez lembrar do próprio pai, trazendo-lhe memórias dos erros do passado. Ele demonstrou pouco afeto em relação ao pai. E, como de hábito, voltou-se para as palavras: “segurar na mão de Jesus e não soltar nunca mais”. A carta do Leonardo nos mostra as conexões entre a Perspectiva Eco-relacional e o Tratamento Comunitário. A experiência de ter participado do grupo aprendente, com o alargamento das perspectivas em relação ao aprendizado, sempre contínuo e coletivo. E a importância de ampliar essa coletividade para quem vive o processo de exclusão.

“Encontrar você aqui é muito importante, é a constatação de que cada um de nós pode ocupar lugares diferentes, então, chego no ciclo de aprendizado esperançoso de poder ver, cada vez mais, a presença de pessoas que viveram o processo de exclusão, viverem outras experiências, diferente de um lugar receptivo, para um lugar participativo.

Ver os ciclos acontecendo, me faz ver que muitos conceitos trazidos, de algum modo, estavam ali presentes na vivência da Casa da Sopa, ainda que não interligados e outros como educação Eco-relacional dialogam com o Tratamento Comunitário da ECO2 Epistemologia da Complexidade e Ética Comunitária que traz um mapeamento ecológico do território, com recursos e vulnerabilidade e das múltiplas possibilidades de saídas para o bem-estar da vida comunitária.

Participar de um Grupo Aprendente me lança numa perspectiva de que a educação é um contínuo aprendizado coletivo, de trocas, de retroalimentação em que todos sem exceção têm algo a ensinar e algo a aprender.

A Mandacaru, e por extensão todas as práticas da Casa da Sopa, tem muito a aprender com esse processo e, por isso, espero que seja contínuo” (Carta de Leonardo para Aníbal).

Na sequência, Cláudia M. nos conta que recebeu uma carta de Isabel, em que fala sobre o aprendizado da Mandacaru. Cláudia fala, a partir da leitura da carta, sobre suas impressões pessoais acerca da participação horizontal de toda a equipe e alunos da Escola. Neste ponto ela titubeia, pois não sabe bem qual termo utilizar: alunos, aprendizes? E ressalta esse aspecto horizontal na busca da superação das hierarquias coloniais que nos habitam. É importante pôr

em relevo nesta carta o sentimento positivo de Isabel diante da possibilidade de transformação social, por meio de uma nova possibilidade, a “metodologia” freireana. E, como isso representa nela uma reconexão consigo mesma.

“Cláudia, querida, escrevo para te contar de uma experiência ímpar. A partir de uma proposta de educação popular e perspectiva Eco-relacional. Na Casa da Sopa agora existe a Mandacaru. Menina, essa oportunidade de promover uma transformação social é algo fascinante. Atentar para uma educação para nós que somos o povo da rua e que estamos sedentos de conhecer, saber... crescer. Falo de deixar aquela educação que fomos formados, a bancária, para evoluir para a possibilidade nova. Concepção baseada na metodologia de Paulo Freire. Uma característica que muito me agrada é a Afetividade que permeia a todos nós, os integrantes dessa equipe de aprendentes. A mim pessoalmente é uma reconexão comigo mesma e com a formação em educação. A reflexão que pode me levar ao crescimento, ao aprendizado e ao conhecer de verdade sobre a vida enquanto ser humano que compartilha o que sabe e que aprende muito mais” (Carta de Izabel para Cláudia M.).

Ainda no seu tempo de fala, Cláudia M., diz-nos que também recebeu uma carta de Lídia, em que resgata o passado vivido em comum, numa escola em que se conheceram, e o reencontro delas na experiência da escola Mandacaru. Esse reencontro que não é somente entre duas mulheres, mas entre ideias e propostas de vida, marcadas pelo desejo de transformar o mundo pela educação dialógica, trabalhando na Mandacaru.

“Cláudia, meu bem querer, você despertou em mim a juventude. Você me conheceu numa escola, lembra? Acho que eu não tinha o coração tão aberto como hoje eu tenho. Sei lá, pode ser meio aberto meio fechado. Digo isso porque eu fui guiada pelo amor todos os tempos da minha vida. Você era candidata a coordenadora da escola Meu Caminho. Depois disso, nossos caminhos se separaram e depois de 32 anos se cruzaram na Mandacaru. Uma escola que nos acolheu e, ao mesmo tempo, estamos fazendo com os conceitos aprendentes de improviso. Você sabe que meus improvisos não seriam possíveis numa escola rígida como a do nosso passado, que inclusive tinha o propósito de não ser rígida. Quando te vi dando aula achei tão lindo, a doutora advogada voltando para a sala de aula, aprendendo coisas novas e se fazendo construir. Gratidão por passar pela Mandacaru, fixar os olhos, fincar os pés, plantar com o coração e com as tuas mãos, desenhar letras e números. Um beijo meu Lídia Valesca” (Carta de Lídia para Cláudia M.).

Por sua vez, Isabel nos fala da carta que recebeu de Miguel e destaca o caráter coletivo desta carta, lendo um trecho: “essa pessoa nos traz alegria, felicidade e harmonia, principalmente, nos momentos de tensão”. Isabel diz: “essa pessoa não sou eu e sim o próprio Miguel”. Ela chama a atenção para o que está nas entrelinhas: a necessidade de olhar para o próximo, cuidar dele ou dela, como uma forma de cuidar do grupo e conclui agradecendo a

escolha de Miguel. Isabel quer dizer que para cuidarmos dos/as alunos/as, precisamos antes cuidar das pessoas do grupo. Precisamos nos fortalecer para poder ser apoio para a comunidade.

"Esta carta tem um significado muito especial para mim, pois ela envolve não apenas uma pessoa, mas todas as pessoas que fazem parte da Casa da Sopa e todas aquelas que participaram dos encontros da Mandacaru.

Essa pessoa (enquanto unidade também) traz alegria, felicidade, compreensão, paciência, principalmente em momentos de conflito e tensão. Ela vem sempre com seu jeito cuidadoso e disponível. Mas ela também precisa ser ajudada. Eu desejo de coração um dia poder ajudá-la. E quero que ela saiba disso.

Dentro das reuniões vejo a união de pessoas, pois diante de tanta gente capitalista, percebemos uma corrente do bem, pois precisamos de pessoas que nos apoiem.

Foi muito importante para mim perceber que devemos lutar pelo nosso objetivo e nunca desistir mesmo com as dificuldades. Paulo me lembrou e me falou sobre Gandhi.

Muito obrigado, muito obrigado mesmo pelo que a Casa da Sopa, a Escola Mandacaru, as quentinhas, as sopas e a cozinha comunitária. Afinal, lugar de gente não é na rua" (Carta de Miguel para Izabel).

Lídia recebeu uma carta da Cláudia M. endereçada à ela, à Lani e a mim. Decidimos que ela deveria ficar com a carta. O texto se refere a todas as pessoas do grupo aprendente e da Mandacaru, educadores/as e educandos/as, ressaltando as boas qualidades de cada um/uma. Reconhecendo os vínculos afetivos estabelecidos no grupo e a Mandacaru como um lugar de experiência humana. Ao receber essa carta, ela percebeu o sentimento de responsabilidade que elas lhes traziam. Por estar no grupo dirigente da Casa da Sopa, sentia que sua imagem está associada a figura de "mãe", e não é isso que ela quer. Reconhece que, no momento, é um dos pilares da Casa da Sopa e da Mandacaru, mas, que essas responsabilidades precisam ser compartilhadas e democratizadas.

"Assim que cheguei, soube que vocês foram os idealizadores da Mandacaru: a primeira escola, em seu primeiro ano, voltada a pessoas em situação de rua. Método Paulo Freire. Professores Voluntários. Casa Espírita. Tudo se tornou muito mais do que pensei. Cada detalhe, uma janela; cada vivência, uma porta para novas possibilidades. O mundo cresceu. Minha mente expandida voltou para casa e da Casa diferente a cada dia.

Miguel sempre a postos, gentilmente, que sorriso! Socorro e seus chás! José, enigma poético; Léo, espíritooso em todos os sentidos; Izabel, nossos santos riram juntos e que bom; Lani, a pequena, doce e certeira timoneira - minha admiração só cresce; Dona Regina, Vera, José Felipe, Francisco, Mileyde, às irmãs Ignó, a todos os outros que vieram, que se foram, que voltaram, que voltarão, minha gratidão!

Sofia, pelo seu canto - que espanto! Abri os olhos para ligar a voz à pessoa. Uso como analogia para dizer a todos os demais. Que espanto bom vocês!

Marquinhos, tu é lindo. João, agora sei que prefere João à Gabriel. Outro João eu conheci e já faz parte da rede, um Andirá.

Claudinha, Xará, de poucas e certeiras palavras, grata!

Daiana, chega chegando, sagitariana, grata!

Lídia Valesca, você disse que só tenho mais 10 minutos para terminar essa carta, então, vou concluir dizendo que só consigo ver a Mandacaru grande, dois andares, salas múltiplas, a gente afinando os instrumentos e tocando todos juntos essa canção

de esperançar, criar, realizar, um pouco todo dia, muito para todos, um mundo justo, solidário e amoroso.

Grata por todos os diálogos, todas as experiências, por este momento.

Vim pra somar, vim pra ficar. De repente, meu irmão também nesse caminho.

Da aprendente, C.M.L.

Paulo, todos os sábados foram incríveis, com eles, os nós dos afetos se formaram. Grata por não nos deixar esquecer dos questionamentos. Aprendi de decolonialidade e tanto mais” (Carta de Cláudia M. para Lani, Lídia e Paulo).

Após esses relatos em relação ao conteúdo das cartas, falamos sobre as experiências de receber e escrever cartas. Nesse sentido, Lídia compartilhou a importância da escrita na sua vida como “salvação da sua própria condição humana”. Ouvimos também falas sobre emoções positivas ao receber cartas, lembranças de receber cartas que surgiram neste processo. Falamos sobre o exercício de escrever e a necessidade de se recolher um pouco para poder fazê-lo. Ao escrever precisamos parar para pensar e conseguimos organizar os sentimentos.

Percebemos que o exercício de escrever, enviar, receber e ler cartas fortaleceu os laços e as memórias afetivas, despertou emoções que são recursos positivos para desenvolvermos trabalhos coletivos. Esse foi um recurso que aproximou ainda mais os membros do grupo.

Mais abaixo seguem as cartas que recebi de Daiana, Sofia e Fabiana.

“Prezado amigo, Paulo.

Escrevo essas mal traçadas linhas, porém com muito afeto.

Em 6 de dezembro de 2022 você cruzou o meu caminho e me colocou neste lugar de afeto que estou hoje, mas estou certa que “deus” ou o universo, seja lá quem for, atendeu minhas preces. Sou sortuda e grata sempre, sou atendida em todos meus pedidos. Ultimamente, estou pedindo pra ganhar na mega sena... risos

Voltando as mal traçadas linhas, quem és tu ó eremita?! Estamos prestes a fazer um ano, mas a impressão que tenho é que estamos há mais de dez anos nesse trabalho, na construção desse projeto Mandacaru, e outros em construção, que salta aos olhos de todos a quem contamos, enriquecedor, humanista, freireano e muitos outros adjetivos. Nesse tempo, já subimos e descemos a gangorra das emoções, juntos, separados. Você me resgatando e vice-versa. O tanto de aprendizagem é impossível enumerar, mensurar, a última foi a melhor, curar depressão em trabalho coletivo voluntário. Enquanto não conseguimos mudar a nossa realidade, melhoramos a vida do outro um pouquinho, mesmo em pequenos gestos, e alteramos a nossa por tabela.

Eu pensei que na vida adulta eu teria mais certeza do que dúvidas, menos medos e ansieios. Achei que entenderia mais os outros e a mim mesma, teria menos conflitos. É tudo ilusão, percebi que sempre seremos aprendentes. Às vezes, acho que estou aprendendo a me relacionar, agora, a viver em coletivo. É só preocupação em ser uma amiga boa gente, menos crítica e chata e ser mais humana para esse coletivo que me cerca.

O que eu gostaria mesmo, vivendo essas vivências com esse grupo, seria ser mais paciente e ótima oradora, como você é. Uma comunista e bela escritora, como a Lídia, engracada e boa em matemática, como a Cláudia Marques, uma professora inspiradora como a Lani, sabia guru, como Léo, amorosa com as crianças, como Isabel, bom ouvinte como, Aníbal, centrada e boa em escrever cartas, como a Cláudia Andrade, ótima terapeuta e amiga, como Maria Cláudia, animada e engracada, como Sofia, motivador e afetuoso, como Marquinhos, atencioso, como Miguel, humanista e c******, como meu amor Edilson.

Aprendi que o amor vem da admiração, do afeto que viemos construindo nesses 365 dias do ano. Quantas coisas incríveis estamos vivendo. Meu único desejo é que esse trabalho dê bons frutos, se desdobrem em muitos projetos, que possamos ser e fazer a mudança que queremos ver no mundo, que tenhamos minimamente condições financeiras para seguir nessa luta por um mundo melhor para todos, e não para poucos. Gratidão por tudo e por todos.

De sua carioquinha, Daiana Magalhães” (Carta de Daiana para Paulo).

“Escrevo essas mal traçadas linhas e amassadas linhas para dizer algumas coisas que vivenciei nos encontros da Escola Mandacaru com o apoio da Casa da Sopa, nas figuras de Lídia e Léo e todos que compõem essa linda rede de trabalho e luta amorosa. Quero também agradecer a você pela oportunidade de poder vivenciar ‘a vida como ela é’. Importante e necessário sair da bolha que nos colocam socialmente e educacionalmente.

Abrir o coração é abrir os olhos para vivenciar um novo mundo. Mundo esse que faz nossas capacidades e habilidades nossas desabrocharem.

Viver na bolha é viver na solidão e no medo e, consequentemente, adoecer.

A você, pessoa calejada, teimosa, implicante e cheia de talentos, que se doa, que busca aprender e caminhar na estrada da vida e, por meio da Mandacaru, aprendi que a vida é um processo, que não pode ser vivido sem a experiência e o saber do outro. Nesse fazer e refazer-se encontramos a inteireza de ser. Do ser. Obrigada pelo convite. Gratidão pela parceria, confiança, amizade” (Carta de Sofia para Paulo).

“Dedico esta carta a você. Espero que você esteja bem!

Estou na escola Mandacaru há três meses, mais ou menos, já deu para sentir a diferença que ela está fazendo em minha vida. Fiquei sabendo do projeto no momento em que eu me encontrava muito dispersa com relação ao futuro. Foi durante o almoço com colegas de trabalho quando, de repente, vi a notícia no Jornal Local, e prontamente guardei a informação. A minha vontade foi prontamente atendida.

Foi assim que tive a oportunidade de estar conectada ao projeto. Aqui na Mandacaru, estou tendo a oportunidade de conhecer pessoas incríveis, assim como você, e que, como eu, atendeu ao chamado para estarmos juntos nessa caminhada de descobertas desafios e superações.

A grande sacada da Mandacaru, para mim, é a virada de chave, é onde eu percebo quanto sou pequena, dos meus pontos de vista, minhas verdades... e devo compartilhar que não é fácil se olhar no espelho e refazer o caminho. Precisamos de coragem e humildade para recomeçar, para se dar a oportunidade de reconhecer as fraquezas, enfim, vida que segue!

Quando estou na escola Mandacaru esqueço por alguns instantes as feridas que trago comigo e muitas vezes me pego pensando e questionando como podemos ser tão cruéis com o nosso próximo...

Então, nessas breves linhas, desejo a você uma caminhada de oportunidades, muita troca de experiência , muita luz e clareza nos momentos difíceis.

Deixo aqui minha eterna gratidão a você, que me acolheu de forma tão carinhosa, a toda equipe de voluntários e ao projeto Mandacaru em especial, que me faz ser uma pessoa melhor a cada aula, a cada encontro!!

Que você fique bem... atenciosamente, Fabiana Pessoa” (Carta de Fabiana para Paulo).

Imagen 33 – 8^a Vivência: Roda das cartas, 19/11/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Despedidas.

Após a atividade à sombra da mangueira retornamos para o almoço. Foi mais um momento de compartilharmos os afetos e reafirmarmos o compromisso com o grupo e com a Mandacaru. Depois do almoço, de volta para Fortaleza!

Imagen 34 – 8^a Vivência: Despedida, 19/11/2023.



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

2.3.5 Entrevistas

Ao final do processo dos círculos escolhemos aplicar uma entrevista, de caráter semi-estruturado, com um roteiro de perguntas pré-definidas e abertas. As questões permitem que os respondentes definam sua visão de mundo. A escolha por este modelo se deu por dois motivos: o tempo, estávamos ao final do processo da pesquisa, e a facilidade de troca de informações por meio de aplicativo digital (WhatsApp). Decidimos receber as respostas por meio de gravação de voz, no tempo da pessoa entrevistada.

O objetivo dessa entrevista foi avaliar melhor a percepção dos/das entrevistados/as acerca do percurso da Mandacaru e, através dessa percepção, avaliar o impacto dos círculos dialógicos. Nesse sentido, decidimos iniciar as entrevistas com um questionamento sobre as motivações para a criação da Escola e qual é a avaliação depois de um ano. A seguir elaboramos duas questões sobre os/as educandos/as da Escola, pessoas em situação de rua, a fim de entender as especificidades de construir as aulas com elas e eles. Na sequência, procuramos ambientar a Mandacaru entre as demais ações da Casa da Sopa, para entender como as alunas e os alunos se relacionam com as demais atividades. No último bloco de questões, optamos por estruturar questões sobre a escolha de categorias freireanas para a Escola e quais as perspectivas para o futuro. O roteiro final de questões que formulamos pode ser encontrado no APÊNDICE F.

Ela nem sabe, até pensei
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

2.4 Floração: novas vivências

Logo após as vivências caminhamos para um recesso nas atividades da Mandacaru. Não seria possível avaliar como esses encontros impactaram as aulas. Mas, o relato do grupo mostra que as categorias que apresentamos e construímos é algo desejante por todos e para todos. É importante revelar que, após os ciclos e vivências descritos, percebemos o impacto em todas as pessoas, por exemplo: durante as Vivências três participantes, M. Cláudia, Marco e Sofia, se aproximaram mais do meu trabalho e trouxeram importantes contribuições, batizamos esse grupo de “Quatrilho”.

O Quatrilho ajudou a planejar e avaliar as Vivências. E, por termos vividos juntos essas categorias da PER, todos nós participamos dos encontros do GEAD neste primeiro semestre de 2024. Posteriormente juntou-se a nós o Kennedy, que participou da terceira e quarta Vivências como fotógrafo, e, então, o grupo foi rebatizado de “Quadrilha”. E, finalmente, Cláudia M., que participou do grupo aprendente, também se interessou em participar dos encontros do GEAD.

Imagen 35 – “Quadrilha” reunida, 01/03/2024



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Imagen 36 – “Quadrilha” no GEAD, 12/04/2024



Fonte: Saldanha (2024)

Em relação à Mandacaru, percebemos novas fases para a Escola. Com o término das vivências realizadas em função desta pesquisa, formamos um grupo de estudos, em janeiro de 2024, com o objetivo de aprender como ler melhor o nosso mundo. Debruçamo-nos sobre a leitura dialogada do livro "O que é o método Paulo Freire", de Carlos Rodrigues Brandão, conforme foi sugerido na sexta Vivência, em Maranguape.

Imagen 37 - 1º encontro de estudos freireanos pós-vivências, 15/01/2024



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Imagen 38 - 2º encontro de estudos freireanos pós-vivências, 17/01/2024



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

O segundo ano da Mandacaru teve início no dia 19 de fevereiro de 2024. Isso mostra a resistência e força de vontade dos/das voluntários/as e alunos/as. Embora uma pequena parte do grupo original já não mais esteja à frente das aulas, por diversas razões - questões profissionais, pessoais e visões de mundo - de fato, o que sustenta a Escola é um legado de afeto e diálogo, condições essenciais para a sua ambiência, pois, segundo Figueiredo “o processo dialógico inicia bem antes, na disposição de ser dialógico e, efetivamente, se tecer entremeado pelos pressupostos dialogais. Há de ser dialógico para tornar possível a práxis dialógica.” (2022, p. 35).

Imagen 39 – Convite para o novo ciclo de aulas da Mandacaru, 2024.



Fonte: Página da Casa da Sopa²¹

Imagen 40 – Aula do ciclo 2024 da Mandacaru, 03/04/2024



Fonte: Página da Casa da Sopa²²

²¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/05/2024

²² Disponível em: <<https://www.instagram.com/grupoespiritacasadasopa/>> Acesso em: 01/05/2024

3 INÉDITOS VIÁVEIS: CONCLUSÕES

Sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo, amor
Eu vou

Por que não, por que não?
Por que não, por que não?
Por que não, por que não?

(Alegria, alegria) (Veloso, 1968)

"Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros, e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade" (Freire, 2017, p. 52).

A problemática das pessoas em situação de rua tem sido cada vez mais abordada e discutida no meio acadêmico. Porém, continua sendo alvo de abordagens preconceituosas por parte de setores da sociedade em que os discursos midiáticos e falaciosos reinam. Nesse contexto, um número cada vez maior de pessoas da sociedade civil adere a campanhas de ajuda, doações alimentos etc. Entretanto, um número bem menor adere ao convívio, aos fazeres cotidianos das instituições que trabalham com essa população.

Dentro desse cenário, pensar em um grupo de pessoas que se reúnem para colaborar em um projeto de educação popular para pessoas em situação de rua confirma o que Paulo Freire nos fala sobre o papel de sujeitos da história: "Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela" (Freire, 2017, p. 75).

Essa pesquisa se propôs ao entendimento de como o Grupo Aprendente – formado pelos voluntários da Mandacaru – se relacionaria com os aportes da Educação Popular em diálogo com a PER, junto aos saberes trazidos pelos seus membros, e como esse grupo, poderiam ajudar nos fazeres da escola Mandacaru.

Esse foi um processo tecido a partir das dificuldades e desafios do grupo, em uma atmosfera de troca de saberes experiências pedagógicas, histórias de vida, afetos e partilhas significativas em prol de uma nova experiência de educação.

Foi um período rico, dentro de uma prática formativa que nos abriu caminhos para a interpretação de como as mudanças chegam. Partindo da observação pessoal dessas mutações em si próprios, seus horizontes, suas limitações, identificações, estranhamentos e até mesmo rejeições, considerando nossas histórias de cada um/uma. Quais são os sentidos, individuais e

coletivos, produzidos ao longo do processo, balizadores da sustentação dos ideais disruptores da proposta da escola Mandacaru?

Nesse sentido, essa pesquisa é uma experiência que se distancia dos modelos de projetos pedagógicos formais. O que é trazido aqui deve ser interpretado como uma versão dos fatos, visto que, dada a multiplicidade de pessoas, as visões podem ser alteradas a partir da continuidade dos processos e suas conclusões apresentadas. O ponto especial dessa pesquisa foi a oportunidade de viver um processo único, onde cada participante tentou, ao seu modo, transcender sua própria realidade e, em certa medida, suas necessidades pessoais a serviço do novo, do outro, do porvir de uma proposta. Nesse sentido, enfatizo a importância das vivências e descobertas pessoais e coletivas advindas delas.

A utilização dos métodos e recursos de uma proposta dialógica e participativa, considerando os saberes parceiros, pontos fundamentais para aplicação da perspectiva eco-relacional, foram fundamentais para vivacidade e participação espontânea de cada membro do grupo. Dessa forma, percebemos que todo sistema de interações ocorridas ao longo das vivências foi um momento de superação e transformação que devem prevalecer ao longo dos momentos vivenciais da escola.

Sendo assim, o aspecto relacional proposto pela PER favoreceu o fortalecimento da proposta da Escola Mandacaru. O cenário enfrentado junto às pessoas em situação de rua é bastante desafiador, portanto, o enfrentamento dessas dificuldades externas precisa de forte convicção grupal quanto ao entendimento de outras lógicas possíveis de projetos educacionais, indicadores, resultados etc.

Esse enfrentamento se deu justamente nas dificuldades de compreensão da proposta, disponibilidade de tempo, sobrecargas gerando conflitos e até mesmo desistência após o processo das vivências.

As dificuldades financeiras envolvendo a questão da disponibilidade de tempo se devem ao aspecto de que toda a equipe trabalha dentro de um sistema de voluntariado. Nesse sentido, um financiamento público ou privado poderia amenizar a questão de manutenção da própria equipe.

Em relação às Vivências, tivemos dificuldades na entrega de algumas atividades por parte dos/das participantes. Falamos isso, por exemplo, em relação ao questionário socioeconômico – houve demora no preenchimento; em relação às cartas, que só foram escritas no próprio encontro; em relação às entrevistas, somente duas, das quatro pessoas a quem endereçamos as perguntas, responderam. Acreditamos que esses fatos ocorreram pela falta de

tempo dessas pessoas. Como voluntários, todos/as têm outros trabalhos além das atividades na Casa da Sopa. Participar das Vivências foi algo fora do comum para a maioria deles/as.

Apesar do que já descrevemos, afirmamos que, acima das dificuldades denunciadores das condições limitantes, o que observamos foi a capacidade permanente de doação e superação quanto à participação nas Vivências e a disponibilidade para as trocas. Assim, pudemos saborear coletivamente as sensações que o estado de “ser mais” marca nos corações e mentes presentes e aprendentes. Esse aspecto trouxe a mim, enquanto pesquisador, a sensação vivida e realizada, a partir da teorização dos saberes advindos da educação popular e da perspectiva eco-relacional, no tocante a beleza das construções coletivas e compartilhadas, de uma formação realmente transformadora.

Nesse momento de conclusão da pesquisa, considerando a interação com as pessoas, trazendo para o grupo os princípios da dialogicidade, horizontalidade, formação do grupo aprendente e vivências, pude me reconstituir enquanto ser humano, pensando e repensando as próximas etapas da minha caminhada a partir dessa experiência.

Enquanto experiência, o grupo aprendente e a escola Mandacaru são um sonho vivido dentro desse período aqui descrito, com as pessoas que se propuseram a transformá-lo em realidade. Seu por vir será, em certa medida, consequência da reafirmação desse sonho coletivo, onde ainda há muito que ser proposto, realizado e alcançado.

Até aqui, fica a pergunta: "Eu vou, por que não? Por que não?"

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO, Serena. Iemanja. In. ASSUMPÇÃO, Anelys. **Ascensão**. São Paulo: Selo Sesc São Paulo, 2016. Faixa 8.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.
- BELCHIOR. Velha roupa colorida. In. REGINA, Elis. **Falso Brilhante**. Rio de Janeiro: Philips, 1976. Faixa 2. Disco de vinil.
- BRANDÃO, C.R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008
- FIGUEIREDO, João B. A. **Contribuições de Paulo Freire para uma Educação Ambiental Dialógica**. In.
- FIGUEIREDO, João B. A. **Educação ambiental dialógica: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- FIGUEIREDO, João B. A. **Formação d@ educador(a) dialógic@ numa perspectiva decolonizante**. Porto Alegre: Livrologia, 2022.
- FIGUEIREDO, João B. A. **Pesquisa engajada e intervenção em educação ambiental dialógica**. Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Educação – ANPED, 27., 2004. Anais [...]. Caxambu, MG, 2004 (Cd Room / homepage).
- FORTALEZA (Município). Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social. **Relatório do censo geral da população em situação de rua da cidade de Fortaleza/CE – 2021**: Relatório final da pesquisa amostral do perfil socioeconômico. Fortaleza: SDHDS, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 48. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 7. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidades**: uma pedagogia da esperança. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (Org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Set. 2005.

MARIA, Alê de. Reza do fogo. *In*. MARIA, Alê de. **Lágrima de Cristo**. 2022.

MILANISE, Efrem. **Tratamento comunitário**: manual do trabalho. 4. ed. Brasília: Technopolitik, 2018.

MINAYO, M.C.S. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, S.F.; GOMES, R.; MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MONTE, M., BROWN, C., ANTUNES FILHO, A., GOMES, P. Vilarejo. *In*. MONTE, Marisa. **Infinito Particular**. Rio de Janeiro: EMI, 2006. Faixa 2. CD.

NUCOM-UFC, NÚCLEO DE PSICOLOGIA COMUNITÁRIA. **Movimento Nacional da População em Situação de Rua**: Folder informativo sobre o MNPR e sua atuação no estado do Ceará. Fortaleza: NUCOM-UFC, 2022. 1 folder.

PARISI, André. Tudo respira. *In*. PARISI, André. **Tudo respira**. 2019.

PIMENTEL, L. V. B. Solidariedade e resistência: a trajetória do Grupo Espírita Casa da Sopa e sua experiência de ação em rede. *In*: XIMENES, V; ESMERALDO, A; ESMERALDO FILHO, C. (Org.). **Viver nas ruas**: trajetórias, desafios e resistências. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022. p. 223 - 233.

SANTOS, M. R. S.; DANTAS, C. M. B; SILVA, J. V. T. “Nada sobre nós, sem nós”: uma discussão sobre a importância de Pesquisas participantes junta as pessoas em situação de rua e ao Movimento Nacional da População de Rua. *In*: XIMENES, V; ESMERALDO, A; ESMERALDO FILHO, C. (Org.). **Viver nas ruas**: trajetórias, desafios e resistências. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022. p. 357 - 378.

SILVA, M. A. L.; OLIVEIRA, M. S.; PONTES JÚNIOR, J. A. F. (Org.). **Diagnóstico da população em situação de rua**: no contexto da Covid 19 em Fortaleza. Fortaleza: Edmeta, 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16^a ed. São Paulo: Cortez, 2008.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento ‘otro’ desde la diferencia colonial. *In*: WALSH, C.; LINERA, A. G.; MIGNOLO, W. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2006. p. 21-70.

VELOSO, Caetano. Alegría, alegría. *In*. VELOSO, Caetano. **Caetano Veloso**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1968. Faixa 4. Disco de vinil.

WENSCESLAU, Flávia. Silencio. *In*. WENSCESLAU, Flávia. **Por uma folha (ao vivo)**. 2021.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO	99
APÊNDICE B - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO	100
APÊNDICE C PLANEJAMENTO GERAL DAS VIVÊNCIAS	103
APÊNDICE D - RESUMO DE REGISTROS DAS VIVÊNCIAS	104
APÊNDICE E - PAINEIS DAS CATEGORIAIS – 4 ^a VIVÊNCIA	105
APÊNDICE F - ENTREVISTAS	110
APÊNDICE G - MENSAGENS DA CAIXA DOS SONHOS	119

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

1.1. Qual é a sua idade? _____

1.2. Como você se define quanto ao gênero?

Maculino Feminino

1.3 Qual é o seu nível de escolarização?

Ensino médio Ensino superior

1.4. Como você se define?

Branco (a) Preto (a) Indígena

Pardo (a) Outro (a)

2. Em qual município você nasceu? _____

3. Em qual município você reside? _____

1.4. Como você se define?

Solteiro (a) Casado (a) Viúvo (a)

Separado/Divorciado (a) Em união estável

5. Quantos filhos você tem?

1 filho (a) 2 filhos (as) Não tem filhos

6. Qual é a sua renda pessoal média?

Abaixo de 1 salário mínimo Entre 1 e 3 salários mínimos

Acima de 3 salários mínimos Sem renda

7. Qual é a sua renda familiar média?

Abaixo de 1 salário mínimo Entre 1 e 3 salários mínimos

Acima de 3 salários mínimos Sem renda

8. Qual é sua religião?

Católica Evangélica Candomblecista

Umbandista Espírita Outra

Não religioso (a) Ateu

9. Qual é o tempo de atuação na Casa da Sopa? _____

**APÊNDICE B – RESUMO DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO
SOCIOECONÔMICO**

QUADRO 01 - RESUMO DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PARTICIPANTES		
TOTAL DE PESSOAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO: 12		
1.1. IDADE		
QUESTÃO ABERTA	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Entre 40 e 50 anos	4	33,33 %
Entre 50 e 60 anos	8	66,67 %
Não respondeu	-	-
1.2. GÊNERO		
QUESTÃO ABERTA	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Masculino	3	25,00 %
Feminino	9	75,00 %
Não respondeu	-	-
1.3. FORMAÇÃO		
OPÇÕES DISPONÍVEIS	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Ensino médio	2	16,67 %
Ensino superior	8	66,67 %
Não respondeu	2	16,67 %
1.4. AUTODEFINIÇÃO		
OPÇÕES DISPONÍVEIS	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Branco (a)	3	24,99 %
Preto (a)	2	16,67 %
Indígena	1	8,33 %
Pardo (a)	5	41,65 %
Outro (a)	1	8,33 %
Não respondeu	-	-
2. NATURALIDADE		
QUESTÃO ABERTA	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Fortaleza - CE	4	33,32 %
Independência - CE	1	8,33 %
Juazeiro do Norte - CE	1	8,33 %
Iúna - ES	1	8,33 %
Recife - PE	1	8,33 %

Belford Roxo - RJ	1	8,33 %
São Paulo - SP	1	8,33 %
Não respondeu	2	16,67 %
3. RESIDÊNCIA		
QUESTÃO ABERTA	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Fortaleza - CE	12	100,00 %
4. ESTADO CIVIL		
OPÇÕES DISPONÍVEIS	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Solteiro (a)	4	33,33 %
Casado (a)	4	33,33 %
Viúvo (a)	1	8,33 %
Separado/Divorciado (a)	3	25,00 %
Em união estável	-	-
Não respondeu	-	-
5. FILHOS		
OPÇÕES DISPONÍVEIS	RESPOSTAS	% DO GRUPO
1 filho (a)	2	16,67 %
2 filhos (as)	4	33,33 %
Não tem filhos	6	50,00 %
Não respondeu	-	-
6. RENDA PESSOAL		
OPÇÕES DISPONÍVEIS	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Abaixo de 1 salário mínimo	1	8,33 %
Entre 1 e 3 salários mínimos	5	41,65 %
Acima de 3 salários mínimos	4	33,33 %
Sem renda	2	16,67 %
Não respondeu	-	-
7. RENDA FAMILIAR		
OPÇÕES DISPONÍVEIS	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Abaixo de 1 salário mínimo	-	-
Entre 1 e 3 salários mínimos	2	16,67 %
Acima de 3 salários mínimos	8	66,67 %
Sem renda	1	8,33 %
Não respondeu	1	8,33 %

8. RELIGIÃO		
OPÇÕES DISPONÍVEIS	RESPOSTAS	% DO GRUPO
Católica	1*	8,33 % *
Evangélica	-	-
Candomblecista	1*	*
Umbandista	1*	*
Espírita	7	58,33 %
Outra	1	8,33 %
Não religioso (a)	2	16,67 %
Ateu	-	-
Não respondeu	1	8,33 %
* A mesma pessoa		
9. TEMPO DE ATUAÇÃO NA INSTITUIÇÃO		
QUESTÃO ABERTA	NÚMERO DE PESSOAS	PERCENTUAL DO GRUPO
Menos de 1 ano	4	33,33 %
Entre 1 e 5 anos	3	25,00 %
Mais de 20 anos	3	25,00 %
Não respondeu	2	16,67 %

APÊNDICE C – PLANEJAMENTO GERAL DAS VIVÊNCIAS

QUADRO 02 - RESUMO DO PLANEJAMENTO GERAL DAS VIVÊNCIAS	
1ª VIVÊNCIA	
Data: 26/08/2023 (sábado) Horário: 9:00 - 12:00 (3 horas) Local: Casa da Sopa (Fortaleza-CE)	Tema: Identidade educativa Participantes esperados: 15 pessoas
2ª VIVÊNCIA	
Data: 26/08/2023 (sábado) Horário: 9:00 - 12:00 (3 horas) Local: Casa da Sopa (Fortaleza-CE)	Tema: O que é Educação Participantes esperados: 15 pessoas
3ª VIVÊNCIA	
Data: 26/08/2023 (sábado) Horário: 9:00 - 12:00 (3 horas) Local: Casa da Sopa (Fortaleza-CE)	Tema: Metáforas categoriais I Participantes esperados: 15 pessoas
4ª VIVÊNCIA	
Data: 26/08/2023 (sábado) Horário: 9:00 - 12:00 (3 horas) Local: Casa da Sopa (Fortaleza-CE)	Tema: Metáforas categoriais II Participantes esperados: 15 pessoas
5ª VIVÊNCIA	
Data: 18 e 19/11/2023 (sábado/domingo) Local: Casa da Serra (Maranguape-CE)	Tema geral: Relações afetivas Participantes esperados: 15 pessoas
1º MOMENTO DA 5ª VIVÊNCIA	Data: 18/11/2023 (sábado) Horário: 10:00 - 13:00 (3 horas) Tema geral: Roda da varanda
2º MOMENTO DA 5ª VIVÊNCIA	Data: 18/11/2023 (sábado) Horário: 15:30 - 18:30 (3 horas) Tema geral: Discussões sobre a Mandacaru
3º MOMENTO DA 5ª VIVÊNCIA	Data: 18/11/2023 (sábado) Horário: 20:00 - 23:00 (3 horas) Tema geral: Roda da fogueira
4º MOMENTO DA 5ª VIVÊNCIA	Data: 19/11/2023 (domingo) Horário: 09:00 - 12:00 (3 horas) Tema geral: Roda da mangueira

APÊNDICE D – RESUMO GERAL DAS VIVÊNCIAS

QUADRO 03 - RESUMO DA AVALIAÇÃO GERAL DAS VIVÊNCIAS
Carga horária total de todos as Vivências: 27 horas
Total de participantes em todos as Vivências: 68 pessoas
Média de participantes por Vivência: 13,6 pessoas
<p>1ª VIVÊNCIA Participantes que compareceram: 14 pessoas (Aníbal, Cláudia A., Cláudia M., Daiana, Edilson, Izabel, Leonardo, Lídia, Marco, M. Cláudia, Miguel, Paulo, Sofia e Socorro)</p>
<p>2ª VIVÊNCIA Participantes que compareceram: 12 pessoas (Aníbal, Cláudia M., Daiana, Edilson, Izabel, Leonardo, Lídia, M. Cláudia, Miguel, Paulo, Sofia e Socorro)</p>
<p>3ª VIVÊNCIA Participantes que compareceram: 16 pessoas (Aníbal, Cláudia A., Cláudia M., Daiana, Edilson, Fabiana, Izabel, Lani, Leonardo, Lídia, João, Marco, M. Cláudia, Miguel, Paulo e Socorro)</p>
<p>4ª VIVÊNCIA Participantes que compareceram: 14 pessoas (Aníbal, Cláudia A., Cláudia M., Fátima, Izabel, Lalita, Leonardo, Lídia, João, Marco, Miguel, Paulo, Sofia e Socorro)</p>
<p>5ª VIVÊNCIA Participantes que compareceram: 12 pessoas (Aníbal, Cláudia A., Cláudia M., Daiana, Izabel, Lani, Leonardo, Lídia, Marco, Miguel, Paulo e Sofia)</p>
<p>Total de participantes efetivos: 19 pessoas (Aníbal, Cláudia A., Cláudia M., Daiana, Edilson, Fabiana, Fátima, Izabel, Lalita, Lani, Leonardo, Lídia, João, Marco, M. Cláudia, Miguel, Paulo, Sofia, Socorro)</p>
<p>Participantes que foram às 5 Vivências: 7 pessoas (Aníbal, Cláudia A., Izabel, Leonardo, Lídia, Miguel e Paulo)</p>
<p>Participantes que foram a 4 Vivências: 5 pessoas (Cláudia M., Daiana, Marco, Sofia e Socorro)</p>
<p>Participantes que foram a 3 Vivências: 2 pessoas (Edilson e M. Cláudia)</p>
<p>Participantes que foram a 2 Vivências: 2 pessoas (Lani e João)</p>
<p>Participantes que foram a 1 Vivência: 3 pessoas (Fabiana, Fátima e Lalita)</p>

APÊNDICE E – PAINEIS DAS CATEGORIAS – 4^a VIVÊNCIA

Imagen 41 - Painel 01: Dinâmica do varal, 28/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 42 - Painel 02: Dinâmica do varal, 28/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 43 - Painel 03: Dinâmica do varal, 28/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 44 - Painel 04: Dinâmica do varal, 28/10/2023



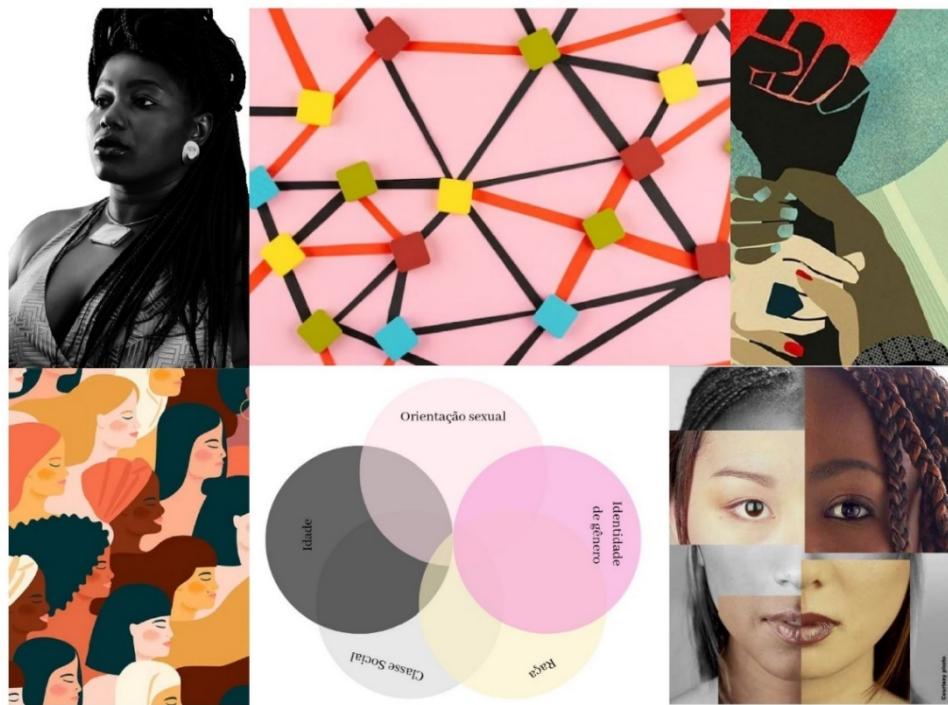
Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 45 - Painel 05: Dinâmica do varal, 28/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 46 - Painel 06: Dinâmica do varal, 28/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 47 - Painel 07: Dinâmica do varal, 28/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 48 - Painel 08: Dinâmica do varal, 28/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Imagen 49 - Painel 09: Dinâmica do varal, 28/10/2023



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

APÊNDICE F - ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas entre os dias 06 e 07 de fevereiro de 2024, com Leonardo Rodrigues e Lídia Pimentel. A ordem em que os entrevistados foram dispostos se deu em função de uma escolha pela ordem alfabética. Não há qualquer outro tipo de hierarquização nesse sentido.

Leonardo Soares Rodrigues é fundador e diretor do Grupo Espírita Casa da Sopa e um dos idealizadores da Escola Mandacaru.

Lídia Valesca Bonfim Pimentel é fundadora do Grupo Espírita Casa da Sopa e uma das idealizadoras da Escola Mandacaru.

Vocês poderiam explicar o porquê da opção por um “modelo” de escola popular e comunitária em vez de aderir ao modelo EJA (Educação de Jovens e Adultos)?

Leonardo – O popular me remete a um conceito não formal, de um tipo de educação não formal, baseado em valores e também no povo, no saber do povo, o saber de personagens não obrigatoriamente ligados a um saber, que eu diria, mais hegemônico, sob o ponto de vista de valores de um sistema predominante. E aqui, mais especificamente, um modelo de um sistema capitalista, de produção. E daí, educar a pessoa mais especificamente para esse lugar do sistema capitalista, que é um modelo de exploração. Então, o popular me remete a isso, a perspectiva de se estar trabalhando valores e saberes do povo. E o comunitário, sob o ponto de vista de que isso é feito com as pessoas, não especificamente para as pessoas. Então, essas duas vertentes da Mandacaru, sabendo que isso é um processo de construção, é um processo de maturidade de toda a equipe, de reflexão a respeito disso, me evoca essas duas instâncias. As instâncias de agregar um tipo de saber também do povo, de concepções de aprendizado da vida, de expertises da vida que não obrigatoriamente são do nível da educação formal; e o outro, a participação das pessoas da comunidade, de algum modo. Pode ser a comunidade enquanto rede ou alguns atores da comunidade participando da construção desse projeto. O que não é uma etapa de um grupo cerrado, que pensa um movimento de cima para baixo. Sabendo todos os desafios disso,

Lídia – A Mandacaru nasceu de um grupo de pessoas com uma visão progressista da vida, da política e da educação. Há nessas pessoas uma visão de mundo que é dialógica, que é decolonial. Então, estar numa escola comunitária e popular está muito ligado a essas visões de mundo. E, depois, porque a gente lida com pessoas em situação de rua que já “fracassaram”,

assim, com todas as aspas, no modelo tradicional. Quer dizer, o modelo tradicional fracassou com elas. Não deu conta de acolhê-las. não deu conta de acolhê-las em sua pobreza extrema, em suas necessidades, que são necessidades muito especiais, dada a vulnerabilidade que essas pessoas têm. Então, tinha que ser uma escola diferenciada, mesmo. Com uma pegada popular e comunitária porque a gente integra uma visão de mundo também a partir da lógica do Tratamento Comunitário e da atuação em rede. Isso é o que a gente espera que se mantenha, essa visão.

Diante do ineditismo que é desenvolver ações de educação para/com pessoas em situação de rua e em superação de rua, em Fortaleza-CE, não faz sentido falar em modelo ainda. Vocês acham que a Mandacaru está caminhando para a configuração de um modelo de escola e que modelo seria esse?

Leonardo – Eu também não entenderia como um modelo. Eu prefiro falar de uma experiência de escola. Aí, eu não sei se um modelo... mas, uma experiência de escola desafiadora dentro desse sentido. Sabendo que a pessoa em situação de rua, ou a população em situação de rua, é um público heterogêneo e complexo e, em algum momento, estigmatizada sob o ponto de vista das suas vulnerabilidades. Então, pensar na perspectiva de que a pessoa em situação de rua não tem só vulnerabilidades, mas tem potências de vida, tem recursos que possam ser compartilhados, inclusive dentro do âmbito, aí, ouso falar, da gestão de uma escola popular é, no mínimo, revolucionário. Revolucionário sob o aspecto de quebrar o paradigma. Isso é um desafio mesmo para nós, na Casa da Sopa, porque esse [novo] paradigma está sendo construído, muito estimulado, a partir da visão do Tratamento Comunitário, da participação da pessoa dentro do processo de construção da sua, não vou falar aqui de autonomia, mas, do seu bem-estar individual e comunitário. O que pode levar a vários aspectos. Então, isso, para mim, de algum modo, reflete também na construção da Mandacaru como uma experiência paradigmática. As pessoas em situação de rua, não apenas, mas a comunidade e as diversas redes puderem construir. Eu acho que isso seria um caminho. É como eu penso, mas ainda não nos encontramos nele. Haja visto que a gente, em algum momento, planeja, pensa na estrutura a partir de um segmento social. E um segmento social, de certo modo, de uma outra realidade social. Então, a gente está pensando a partir de pessoas formadas, a partir de pessoas da educação, a partir de pessoas da sociologia, a partir de outros colaboradores. Mas, ainda não estamos pensando com as pessoas em situação de rua dentro do processo da gestão e da construção. Então, ela é desafiadora para nós mesmos quando a chamamos de popular e comunitária.

Lídia – Sobre o nosso modelo, acho que você quer saber se a gente pode fazer essa experiência ser referência para esse modelo. Essa experiência é inédita. Os EJAs e as escolas convencionais estão abertas para acolher. Mas, a gente sabe que não é tão fácil assim. A gente já passou um ano na Mandacaru entendendo que é preciso muito esforço para conseguirmos atingir os nossos objetivos. Antes da Escola começar, quando surgiram as primeiras ideias, elas vieram de uma conversa que tivemos no COMPOP, que é o Comitê Municipal de acompanhamento das políticas públicas para a população em situação de rua. Umas das pessoas que estavam lá disse que a gente tinha que levar “essas pessoas” para o EJA e para o ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) e fortalecer essa forma de educar. Naquela hora eu disse: ‘tu acha que essas pessoas vão se enquadrar nesse modelo?’. Aquilo ficou na minha cabeça e foi quando eu levei isso para o grupo [da Casa da Sopa] e o grupo acolheu. E, de repente, as coisas começaram a surgir. É claro que a Mandacaru ainda tem limites e falhas mas ela ainda tem tudo para ser um modelo. Por que o nosso modelo não é um modelo escolar convencional, isso já está posto. Mas, também o nosso modelo é uma coisa que, em tratamento comunitário, nós chamamos de ‘dispositivo de encontro’. É a partir desse dispositivo que a gente adentra as questões existenciais da população de rua, as questões sociais, as questões políticas com eles. E faz da educação um processo de emancipação de pessoas completamente excluídas. De uma exclusão que é social e existencial. De uma população que seus corpos são excluídos pelo desalinho, pelo uso de drogas. Então, a gente precisa trabalhar muito para que essa referência continue sendo uma boa referência. E, eu não tenho dúvidas de que a gente vai mostrar para os gestores públicos e para a sociedade que isso é possível. Que é possível fazer um modelo de educação que é comunitária, que é popular.

Certamente, trabalhar com pessoas em situação de rua e em superação de rua traz desafios diferentes dos que outros grupos vulneráveis apresentam. Quais as dificuldades enfrentadas pela Mandacaru neste primeiro ano de vida? Quais dificuldades vocês já esperavam, quais não esperavam e como vocês conseguiram lidar com elas?

Leonardo – A Mandacaru enfrenta o problema de todo o dispositivo, vou usar aqui o termo dispositivo como a construção de um processo de acolhimento e de relação com as pessoas. Ela é um dispositivo como qualquer outro, que trabalha com esse segmento social, as pessoas em situação de rua e em superação, a enfrentar com o lado da sua vulnerabilidade. Das suas vulnerabilidades mais intensas, eu digo, por exemplo, no que diz respeito à alimentação, no que diz respeito ao uso problemático de drogas, no que diz respeito às demandas da ordem emocional, que os levaram para aquele lugar, que a gente ainda não dá conta. Então, a pessoa

em situação de rua chega na Mandacaru, mas ela chega não com uma carência específica no campo da educação, do letramento, da alfabetização. Ela chega com toda a sua complexidade. Achar que essa complexidade não vai se manifestar dentro do processo, dentro da experiência que se vai ter, temporal, na Mandacaru é de algum modo uma ilusão. Então, os desafios estão postos para qualquer para qualquer dispositivo que vá trabalhar com a pessoa em situação de rua, sob o ponto de vista da complexidade. Não se pode olhar apenas para uma demanda, apenas para uma carência, esquecendo da complexidade que essa pessoa traz. Essa primeira experiência é impactada por isso. Nós tivemos alunos que, por exemplo, se afastaram porque foram para uma comunidade terapêutica. Nós tivemos alunos que se afastaram porque foram ameaçados pelas lideranças por motivos de dívidas quanto ao uso de substâncias. Nós tivemos alunos que foram afastados por motivos de violência, também de lideranças nas praças, por outros motivos, por motivo de conflito pessoal. Então, não apenas centrado na pessoa, mas centrado também na complexidade que vem tomando as ruas - e, aqui, é mais específico, as ruas de Fortaleza - tudo isso impacta na presença da pessoa na Mandacaru e impactou. A gente não pode, a partir daí, analisar apenas o método aplicado, o caminho seguido, e não olhar para a complexidade do território e da pessoa envolvida disso, com todas as suas vulnerabilidades.

Lídia – As dificuldades e os desafios foram vários. Dentre eles, a evasão de pessoas. Porque a de rua é uma população que, dada a sua vulnerabilidade, acaba não se comportando, digamos assim, de um jeito que é o jeito esperado da escola tradicional. Por exemplo, essa pessoa vem, às vezes, depois de ter usado drogas. Essa pessoa vai para a aula depois de ter caminhado o dia inteiro no sol. Ou depois de estar com fome, ou depois de ter trabalhado o dia inteiro. São situações limites, às vezes, para a própria existência humana. A gente já esperava que isso acontecesse, mas a gente ficou perseguindo muito as metas de alfabetizar, de levar o letramento. A gente percebeu ao longo do tempo que as nossas metas precisam ser alargadas e, nesse alargamento, a gente poder também entender como é que a gente pode fazer um modelo, mas não só um modelo de cumprir com os objetivos, de cumprir metas. Mas, um modelo de acreditar no processo. Todo o processo é válido, não só as metas alcançadas. O processo também nos importou. Nisso a gente vê que tem dificuldades, mas também tem ganhos, muitos ganhos.

Diante dos desafios de trabalhar com pessoas em situação de rua e em superação de rua, como vocês acham que podemos mensurar os resultados do processo de letramento e alfabetização? E que resultados seriam esses?

Leonardo - Bom, disso depende qual é o objeto principal que a Mandacaru elege como meta. Se ela elege como meta o aprendizado em si, saber escrever, saber ler de modo específico, o processo de avaliação, os medidores, vai ser se a pessoa aprendeu de fato a ler e a escrever. Se a Mandacaru avança para uma troca de saberes, o processo, para mim, se inverte, porque a avaliação passa também pelo aprendizado de todos os operadores entre si. O que é que a gente aprende em comum dentro do processo das trocas. Então, avaliar isso vai se tornando mais complexo, sob o ponto de vista daquele que se coloca dentro do processo de ensino é aprendiz. A partir do universo que a pessoa em situação de rua traz, você não estaria mais avaliando apenas o aprendizado da pessoa em situação de vulnerabilidade, teria uma meta de avaliar o aprendizado de todos os operadores. Entendendo que a pessoa em situação de vulnerabilidade, rua e superação é um ator e um protagonista dentro do processo da Escola. O enfoque voltado apenas para o seu aprendizado como um letramento, para mim, ele é limitador da grandeza, do espaço e de todo o grupo como um grupo-aprendiz. Então, se a gente fala em grupo-aprendiz, as metas de aprendizado são de todo o coletivo e não de um segmento específico. Se a Mandacaru avança ainda mais, onde essa pessoa em situação de rua, de vulnerabilidade e superação, ela assume cada vez mais o poder protagonista, ela vai poder estar compartilhando o seu saber - e, aí, de maneira mais estruturada, em processos de formação, de partilhas de grupo, que seja - com outras pessoas, com outros atores da vida comunitária. Então, é um deslocamento do lugar. De um lugar de apenas aprendiz para um lugar de formador. Daí, eu começo a pensar que tipos de saberes essa pessoa poderia estar compartilhando. Ele é um artesão? Ele compartilha o quê? Quem estaria se deslocando do seu lugar para o processo de aprendizado com essa pessoa? [Isso] para a gente não colocá-la num lugar de carência, onde a gente cria uma escola para dar coisas e deslocá-la de um lugar, mas também da perspectiva de outras pessoas estarem se deslocando dos seus lugares para aprender com essa pessoa o que ela aprendeu na vida e mesmo nos contextos de vulnerabilidade. Ela poderia estar falando da cidade, ela poderia estar falando da rua, ela poderia estar falando da organização do trabalho no Centro, onde não é permitido o mercado popular e mesmo assim a pessoa está precisando trabalhar para pagar as suas contas. Então, é um universo que se abre.

Lídia - Bom, isso é uma extensão da pergunta anterior. Quer dizer, a gente teve alguns desafios, mas também teve alguns ganhos, alguns resultados positivos, que só podem ser identificados quando a gente olha para o processo. Isto é, nós não temos um medidor que diz

assim: ‘tantas pessoas foram alfabetizadas’, ‘tantas saíram...’. A gente não tem. Espera ter esse ano. Ano passado a gente não conseguiu, mas, este ano, a gente espera construir algum mecanismo de fazer essa medição dos resultados. Por meio de avaliação. Mas, a gente já tem uma avaliação positiva do processo. Quer dizer, nós conseguimos grupalizar. Nós conseguimos gerar reflexão, conseguimos fazer com que algumas pessoas saíssem de uma espécie de ostracismo para buscar outras coisas. Estamos com um grupo de pessoas que estão buscando uma espécie de mentoría, que se inscreveram num concurso público, que estão pensando em fazer vestibular, ENEM. Algumas pessoas conseguiram. Aqueles que estão no processo mesmo de alfabetização, que eram analfabetos, esses a gente teve mais dificuldade. E essas pessoas, algumas porque não persistiram no processo, ou nós mesmas não conseguimos, com mais ênfase, alcançar o resultado. Então, nós temos um resultado positivo, porém, entendendo que algumas questões poderiam ter sido melhores, como a gestão do tempo de aula, porque temos apenas três horas de aula semanais. A gente está pretendendo ampliar. Algumas coisas que a gente vinha fazendo, a gente está tentando ajustar para que os resultados sejam positivos, mas a gente já vê dentro do processo muitos ganhos. E esses ganhos só podem ser vistos quando a gente olha para o processo: acolhimento, pessoas que passaram a ter rotina para poder ir para a Escola, a grupalização, a verbalização, a oralidade, a vontade de superar a rua. Assim, tudo isso está dentro do processo. Então, não temos um medidor objetivo, ele é mais subjetivo.

Como a Mandacaru funciona na ótica da transversalidade da Casa da Sopa, onde cada projeto e ação é pensado em influenciar o outro?

Leonardo - Isso é uma meta. Na Casa da Sopa todo o dispositivo que se cria está dialogando com os dispositivos existentes. Mas, a gente atrai em algum momento membros que vão, especificamente, para a Escola e aderem a participação na Casa da Sopa a partir da Escola. E, talvez, ainda não tenham percebido a complexidade da rede, das teias de atendimento, que podemos chamar de grupos operativos, que estão acontecendo não só na Casa da Sopa, mas também no território. Aqui, eu trago essa perspectiva territorial e das redes comunitárias como recurso de cuidado. Então, essa pessoa tem que ser olhada e acompanhada dentro dessa dimensão complexa. A partir daí, a gente tenta trabalhar com todas as dificuldades com os eixos de educação, com os eixos de saúde, com os eixos de prevenção, com os eixos de trabalho e ocupação, com o eixo da cultura. A gente tem que olhar esse ator comunitário, esse parceiro, sob esta perspectiva da interconexão de recursos - que significa também interconexão de atores comunitários - para a gente não estar observando e investindo apenas em um ponto, em um

aspecto – e, aí, um aspecto mais específico da sua carência – e não observando as outras dimensões, inclusive os seus próprios recursos que precisam ser trabalhados.

Lídia - Há uma transversalidade entre os projetos. A gente tem quatro projetos na Casa da Sopa. Temos a Cozinha Comunitária, o Grupo de Mulheres em situação de rua - Madalenas, temos a Escola e temos um Círculo de Construção da Paz que funciona às sextas-feiras. Esses projetos estão integrados porque, primeiro, eles são o mesmo público. O mesmo público está sendo convidado ali. E, como isso vai refletindo num projeto ou outro, criando uma espécie de circularidade também das próprias ações e do modo como as pessoas vão se colocando, os alunos, num ou outro projeto. Por exemplo, o pessoal da Cozinha faz a comida e, às vezes, eles são alunos. A Dona Regina é aluna, a Ivina é aluna. Elas vêm, participam da comida e também são alunas. Tem essa integração. Das Madalenas, várias delas são alunas também. Ou são, ou passaram pela Escola. Eles são convidados para participar das atividades da sexta-feira, nos Círculos de Construção da Paz. Muita coisa acontece dentro dessa dinâmica que é uma dinâmica circular, entre os diversos projetos.

Ao escolherem se aproximar das ideias de Paulo Freire, como norte para o processo da Mandacaru, como vocês pensaram em aplicar e como foi possível aplicar esses conceitos? Como isso se alinha aos princípios da Casa da Sopa?

Leonardo - Nós já trabalhávamos com a lógica do Tratamento Comunitário. Uma das perspectivas do Tratamento Comunitário está centrada na participação da comunidade, isso é explícito nessa abordagem. E na perspectiva também do parceiro como alguém com recursos que possam ser compartilhados. Essa é uma vertente do Tratamento Comunitário que dialoga com Paulo Freire, dentro dessa perspectiva da participação do outro e não [ver] o outro apenas como uma tábua rasa em que a gente constrói, ou implementa, um conjunto de saberes para tirar de um canto para outro. Mas, da perspectiva de estar num observando criticamente a sua realidade e mudando a sua realidade. Então, veja que ela não está isolada. Ela é bem acolhida sob essa perspectiva. Porque uma das bases para a construção desse modelo do Tratamento Comunitário está lá e é referenciada como uma pedagogia freireana. Isso está no Tratamento Comunitário e está no Tratamento Comunitário porque já tem uma influência freireana dentro desse aspecto. Então, ela chega com muita espontaneidade na Casa da Sopa e com muita ressonância porque isso a gente já havia construído. A outra perspectiva - e, aí, muito específico da minha parte - é que a gente não constrói um processo formativo, educacional, de letramento para encaixar a pessoa dentro da dimensão de um mundo que ali está posto. Um mundo injusto, um mundo segregador. Mas, para que essa pessoa pense criticamente o seu lugar e também

reflita que em seu próprio contexto comunitário e em si mesma tem recursos que podem ser compartilhados e que se pode pensar a harmonia, a vida, o bem-estar coletivo, de uma outra forma e não só da forma que está posta. É toda a criticidade de Paulo Freire sobre o modelo de educação bancária.

Lídia - Ela [a Escola Mandacaru] se integra totalmente. A Casa da Sopa é uma Organização da Sociedade Civil que foi se fazendo ao longo do tempo. A gente tem uma trajetória longa de 28 anos. E nesse tempo de funcionamento ela foi se construindo. A perspectiva do Tratamento Comunitário e a nossa atuação como organização de defesa de direitos ajudou muito, quer dizer, convergiu para que o modelo Paulo Freireano fosse melhor acolhido. Primeiro, porque a gente opera na perspectiva da liberdade, na perspectiva de uma pedagogia que possa ser emancipatória, que possa fazer a crítica social, que possa encontrar nessas pessoas a potência delas como sujeitos sociais ativos e que possa também cooperar comunitariamente. A visão freireana vai bem ao encontro dessa visão que nós temos da Casa da Sopa. Eu ousaria dizer que nós, mesmo antes de estudar Paulo Freire, já agíamos como Paulo Freire, na ótica freireana. Na utopia freireana. A partir dessa convergência, a gente só alinhou [as ações] para que isso se transformasse em técnica, em método de ação. Mas, subjetivamente, já tínhamos Paulo Freire no nosso campo de visão, mesmo sem estar dentro de uma perspectiva formal.

Para não ficarmos somente nos desafios e dificuldades, quais as boas surpresas vocês encontraram neste percurso? E os bons resultados que não foram surpresas?

Leonardo - A surpresa começa pela própria adesão. Nós tivemos uma adesão boa. A participação das pessoas foi fantástica, muita gente. A persistência de alguns até o final. A gente teve baixas, mas teve uma persistência relativamente muito boa. E o protagonismo que algumas pessoas assumem nas falas, trazendo os seus saberes, não diria se empoderando, mas mostrando o seu poder. Não é que a gente empodere a pessoa, a gente abre o espaço e ela mostra o seu poder. Quando a gente cerceia esse poder - e a gente, enquanto comunidade, às vezes, faz isso muito bem - ele não aparece, ou ele aparece em outro canto e, às vezes, em forma de uma intervenção mais danosa para o mecanismo comunitário. Então, uma das surpresas foi essa. É surpresa também e é agradável ver uma equipe boa, pensando isso - querendo entender mais Freire, querendo entender a lógica popular, querendo entender a lógica comunitária - e desenvolver um trabalho bonito. A gente tem um grupo operativo, uma rede operativa muito esforçada para isso. Isso é encantador! Participando ativamente dos processos de reflexão, de formação, de planejamento, isso é, deveras, encantador. Meu sonho é que num período histórico

breve as pessoas em situação de vulnerabilidade estejam nesses mesmos processos: estejam estudando o método, ou estejam formando ou estejam formando de uma outra forma, a partir de um outro saber que elas têm, não obrigatoriamente dessa pedagogia, mas que dialoguem com ela.

Lídia - Muitas surpresas. Eu, particularmente, tive muitas surpresas. E essas surpresas foram muito afetivas, no sentido de que encontrei junto ao grupo um amor. Em que encontrei junto ao grupo uma rede de amigos. Começou a existir uma sintonia amorosa para que isso também ocorresse. Tem tudo a ver com o método Paulo Freire. Sem essa dedicação, essa dedicação para o outro, para essa vinculação com o outro, e sem a utopia da transformação do mundo nós, de fato, não conseguiríamos uma equipe de voluntários para poder fazer. Por quê? O projeto não é financiado, ainda, esse é um desafio. Quer dizer, como é que eu monto um projeto de escola sem financiamento? Então, a gente precisou mesmo começar devagar, sem financiamento. Nisso algumas pessoas se desmotivaram, e até se afastaram, porque precisaram de maior aporte pessoal em suas vidas. Eu mesma, que estava sem trabalho regular, me dediquei a isso. Isso tem muito a ver com o meu momento em 2021 e 2022, quando eu fui demitida da universidade em que eu trabalhava. É uma universidade privada em que eu trabalhei durante vinte e um anos. Então, quando eu saí dessa universidade e me vi sem nada, coloquei toda a minha energia na Casa da Sopa. Eu entendo que dentro do momento pós-pandemia, em que eu volto mais fortemente para a Casa da Sopa, atuando com mais tempo, com mais dedicação, em 2022, quando ocorre o Censo. O Censo é de 2021, ocorreu o censo em 2021 e em 2022 eu passo a me dedicar muito mais. A Mandacaru vem em 2023. Do ponto de vista pessoal, eu acho que tem muito a ver com o meu momento, da minha vida. De tudo aquilo que eu estava vivendo. Uma pessoa que fez cinquenta anos em 2021, era uma pessoa que estava beirando uma outra fase da vida, uma fase mais madura da vida, mas, ao mesmo tempo com os desafios da instabilidade profissional e que eu resolvi criar esse campo de abertura da minha própria experiência de vida para eu me dedicar a isso, voluntariamente. Nossa projeto não é um projeto financiado. eu e outros estão lá por amor. A grande surpresa é ter podido viver isso. Viver amorosamente.

APÊNDICE G – MENSAGENS DA CAIXA DOS SONHOS

Neste ponto transcrevemos as mensagens deixadas na caixa dos sonhos.

Imagen 50 – Caixa dos Sonhos e mensagens, 06/01/2024.



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

“Prosperidade” (Mensagem 1).

“Clareza” (Mensagem 2).

“Alegria Felicidade” (Mensagem 3).

“Contribuinte
Aprendente
Educante” (Mensagem 4).

“Aprendiz” (Mensagem 5).

“Ser o que sou: Colaboradora, contudo, de forma afetiva (mais)” (Mensagem 6).

“Hoje, na Mandacaru, mais ouço que atuo, no coração carrego o desejo de participar mais de alguma forma, ainda não sei como” (Mensagem 7).

“Eu sou vontade” (Mensagem 8).

“Fazer o mundo ficar grande para todos” (Mensagem 9).

“Cartilha interativa / dialógica Paulo Freiriana voltada para população em situação de rua e, a partir de suas experiências, utilizando textos do Diário de uma Favelada, por exemplo” (Mensagem 10).

“Mudança de hábitos, pensamentos, percepções, conhecimento de si, do outro, do meio” (Mensagem 11).

“Círculo aprendente!
Dialogica!” (Mensagem 12).

“Esperança
Mudança” (Mensagem 13).

“Esperançar
Esperançar” (Mensagem 14).

“Conhecer o corpo
Ouvir o corpo
Perceber o corpo do outro
Conhecer o pensamento
ouvir o pensamento seu e do outro
conhecer a emoção / sentimento / sensação
Ouvir a emoção / sentimento / sensação seu e do outro
Mudar o hábito
Dos voluntários, das pessoas atendidas” (Mensagem 15).

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - JORNAL VIVA O CENTRO FORTALEZA 121

JORNAL

Viva o Centro Fortaleza

Ano I - Nº 03 - Dezembro de 2017 - Fortaleza - Ceará



FOTO: IVONISIO MOSCA

De quem é o(a) Coração de Jesus?

PAULO PROBO
Morador do Centro

De quem são as praças? Quais as funções que elas ocupam na vida das cidades e seus cidadãos?

Qual a situação geral das praças de Fortaleza? As praças podem ser terminais de ônibus? A praça Coração de Jesus é, atualmente, uma praça ou um terminal de ônibus? Os dois?

No caso da primeira, onde estão os bancos? Lixeiras? Canteiros ajardinados? Pessoas usufruindo do espaço? Crianças brincando? Quem pode responder? Essa dura realidade atinge muitas praças da cidade de Fortaleza.

Outras, nem tanto, algumas seguem conservadas pela ação do poder público em parceria com os moradores.

A cidade clama, o centro implora, o povo quer: Paz em Fortaleza, ordenamento no(s) bairro(s), cultura nas praças!!! Já!!!

Nós, cidadãos, podemos fazer a diferença em 2018! Vamos construir uma rede de cidadania que possa ligar os bairros de nossa cidade a partir das boas práticas de seus moradores nos espaços públicos.

Esse é um convite que, nós, integrantes do movimento Viva o Centro Fortaleza, queremos fazer a todo(a)s os cidadãos e cidadãs, integrantes ou não de associações, ongs, movimentos, coletivos etc.

De modo especial, pedimos a presença dos que moram, trabalham ou frequentam e gostam do centro de Fortaleza. A ideia é compartilhar um conjunto de experiências que possam estar sendo vividas nos bairros, a partir de práticas cotidianas individuais

e/ou coletivas que sirvam de inspiração para todo(a)s aqueles que estejam interessados em dar sua contribuição para vivermos uma cidade mais harmônica, gentil e feliz!!

Nesse sentido, realizaremos no dia **16 de janeiro de 2018**, na Praça Coração de Jesus, às 8h30, um encontro de apresentação e troca de ideias a partir de projetos, sonhos, colaboração e mudança da realidade.

Sejam bem vindo(a)s!!

Podemos e devemos construir nossa propria história enquanto moradores de Fortaleza!

Viva o Centro! Viva Fortaleza!!

SERVIÇO:

"I encontro Viva o Centro Fortaleza:
Experiências comunitárias interbairros"
Dia 16 de janeiro de 2018 às 8h30
Local: Praça Coração de Jesus
Informações: (85)9 8767 9807

NOSSOS PARCEIROS:



*Editorial**Um Centro que não se vê*

Assim como num salão de espelhos o centro da velha Fortaleza reflete a imagem caricatural de um conceito de cidade, pois o seu desordenamento em muito se difere da cidade de IDH alto, planejada, argumentada academicamente por um planejamento urbano. O conceito de urbano já não atende com exatidão o coração da economia. Fortaleza não se vê, se aceita.

Os moradores em situação de rua espeiram com exatidão a indiferença e a miséria dos pactos silenciosos que os ignora e os exclui. Assim como a especulação imobiliária cresceu nos últimos anos, também cresce a cada dia, o número de moradores em situação de rua que se dividem pelo centro. A rua tornou-se o abrigo, referência, local de apoio, trabalho informal. Unidos por papéis, dividem as noites de sono e insônia debaixo da grande marquise da Tristão Gonçalves, depositam seus sonhos aos pés da grande árvore na Praça do Ferreira, com seus velhos colchões se revezam no quotidiano da José de Alencar, Coração de Jesus, Praça dos Leões.

Eles nos veem nesta distância gerada pela cultura do medo, pois o abandono das ruas não é feito só de fragilidades. Na rua também mora os vícios, a agressividade dos traumas, a violência dos incomprendidos e a insensatez da revolta. Na rua não mora dignidade, na rua as identidades inexistem. Privacidade e higiene, para que servem?

Não é fácil o convívio. Não há abrigos suficientes diante de tanto apelo. Quem se responsabiliza? Quem se arvora a defendê-los? Que lei os protege? Que cultura precisa ser disseminada para que a cida-de os abrace e os reconheça? Que o poder público faça valer o que é de direito, devolvendo a este público a dignidade de ser cidadão. Rua é lugar de gente, mas é indecente para se viver.

KENNEDY SALDANHA
Jornalista

Expediente

EQUIPE JORNAL VIVA O CENTRO FORTALEZA
Paulo Probo e Silvana Figueiredo
JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Kennedy Saldanha - RP 2986
DIAGRAMAÇÃO: Adriana Rodrigues
AGRADECIMENTOS:
Gerson Linhares, Associação dos Guias de Turismo (AGIR), Feirão das Redes, Lions Restaurante, Theatro José de Alencar e Evaldo Lima
Contato: 85 98767-9807 | Impressão: Gráfica Tiprogresso
Tiragem: 1.500 exemplares

Um Centro de muitas culturas

EVALDO LIMA
Secretário da Cultura de Fortaleza

Origem da nossa cidade, reduto da diversidade, o bairro Centro concentra as edificações e os espaços públicos mais antigos de Fortaleza, com uma grande importância histórica e cultural para a capital alencarina.

O Centro, em suas ruas que parecem feitas à régua, na forma reticulada traçada pelo engenheiro Silva Paulet, até hoje tão característica de Fortaleza, oferece uma grande quantidade de equipamentos culturais gratuitos e abertos ao público, como o Mercado dos Pinhões, Vila das Artes, Passeio Público, Teatro Antonieta Noronha, Teatro José de Alencar, Cineteatro São Luis, Centro Cultural Banco do Nordeste, entre tantos outros.

A cultura está encravada em suas paredes e história, desde as manifestações artísticas feitas no Passeio Público durante o período da Belle Époque, até a primeira exibição de cinema e peça teatral na Praça do Ferreira, além de tantas outras apresentações nos corredos de seus espaços públicos.

A Prefeitura de Fortaleza realiza e apoia atualmente uma série de ações de ocupação artística nesse bairro tão importante e complexo. O Mercado dos Pinhões, bem cultural tombado, é palco para uma programação variada,

que inclui feiras, atrações musicais e eventos culturais. O Teatro Antonieta Noronha recebe em sua programação espetáculos teatrais, apresentações musicais, oficinas, palestras, cursos e ensaios abertos. Já o Passeio Público traz, no horário de almoço, o melhor do chorinho aos fins de semana. Por sua vez, a Vila das Artes é um espaço dedicado à formação, difusão, pesquisa e produção nas diversas linguagens artísticas, com cursos nas áreas de Audiovisual, Dança, Circo e Teatro.

Uma novidade de 2017 é o projeto Bom de Fortaleza, com programação cultural gratuita aos sábados, em praças das sete regionais. No Centro, a Praça General Tibúrcio, mais conhecida como Praça dos Leões é o espaço que recebe, semanalmente, das 9h às 13h, shows musicais e teatrais, feiras de artesanato e gastronomia, espaço infantil, contação de histórias e local para exposição. O projeto também prevê um passeio de trenzinho com visitas guiadas pelos bairros, onde são apresentados o patrimônio cultural, a história e a memória da comunidade.

Tudo isso é gratuito e aberto a todos os públicos! Moradores do bairro, comerciantes, pessoas que trabalham nas edificações, visitantes e principalmente as pessoas em situação de rua, cada um no seu mundo, porém, no mesmo espaço, como em poucos lugares encontrados nesta Fortaleza.

**OS GUIAS DE TURISMO DESEJAM À
FORTALEZA, TERRA DA LUZ, UMA MAIOR
VALORIZAÇÃO DO TURISMO CULTURAL
EM NOSSA CIDADE.**



Encontros e desencontros no Centro de Fortaleza

LÍDIA VALESCA PIMENTEL
Doutora em Sociologia | Professora da FB Uni -
Centro Universitário Farias Brito

Entravés da poética de Fausto Nilo que ilustra a reflexão sobre o Centro da metrópole Fortaleza, lugar de possibilidades, de encontros e de desencontros, marcada pela diversidade, por um ritmo frenético, onde desaguam as rotas, a memória, os percursos dos cidadãos. Lugar de exibição, espaços para ver e ser visto, onde vai se implementando uma comunicação visual e sonora típicas da cultura popular. A melodia dos músicos de rua, os versos improvisados dos vendedores ambulantes, a teatralidade dos que inventam movimentos corporais de pura exibição, os letreiros escritos à mão, propagandean- do alguma atividade, são exemplos da comunicação da cultura popular que inventam maneiras de sobreviver. Para os moradores da periferia, o Centro sintetiza a própria cidade, pois ao ocupá-lo, é possível delimitar o seu espaço na urbe, mantendo-se incluído espacialmente.

As ruas do Centro também é lugar dos sem lugar, da invisibilidade, dos que não tem nome no burburinho das palavras confusas e não reveladas, mas encenadas em tramas diversas, ancorada no paradoxo entre o público e o privado. É na imensa rede de serviços que a pessoa em situação de rua sobrevive, realizando conexões e parcerias com todos os outros que moram e trabalham no bairro. Ajudante do camelô, guardador de carros, pedintes nas igrejas. Ao mesmo tempo usufruem das sobras e produzem a escassez.



FOTO: SALVINO LÓBO

[...] Vai batendo a velha noite no subúrbio da tristeza e a madrugada sai num trem azul do céu fabricando a luz da ilusão. São olhares sem janelas, derramados na sarjeta, passarada, negra solidão, traficando a última visão!...]

(Cidades e Lembranças Fausto Nilo e Zé Ramalho)

Se a rua é o espaço por excelência da diversidade humana que constroem significados, tecem relações, também está sujeito a separação, a discriminação e a intolerância. Isso porque a metrópole produz uma forma peculiar de sociabilidade, diferentemente do estilo de vida comunitário em que os indivíduos são percebidos no coletivo, em formas gregárias, pelo mútuo reconhecimento e fortalecimentos de vínculos. Na metrópole, ao contrário, predomina a atitude blasé, como chamou Simmel, pensador do século XIX, em sua obra "A metrópole e a vida mental". A atitude blasé ou de reserva é caracterizada pela indiferença aos muitos estímulos provocados na metrópole, como

se fosse uma espécie de economia de energia, um isolamento dos contatos.

Passar da indiferença para a empatia é o desafio de todos nós, os indivíduos metropolitanos; perceber a pessoa em situação de rua como parte de um todo humano, deixar ser afetado por sua condição e sofrimento, olhando-o sem reservas e sem desconfiança.

Isso só é possível dentro da lógica do reconhecimento da dignidade humana e da aceitação do outro como possuidor do direito de ser diferente. E encontrar mesmo nas diferenças, alianças que possam convergir para um tipo de relação harmoniosa, que permita vivermos os bons encontros que nos permitem a cidade.



BRENNAND DE SOUSA
Historiador

Gm julho deste ano recebemos o convite do coletivo Viva o Centro para compartilharmos experiência de pesquisa concluída em 2012 por ocasião do meu mestrado em psicologia. O estudo teve como missão investigar os aspectos afetivos dos moradores que possuíam residência fixa no chamado Centro Histórico da cidade. Minha hipótese supunha que a especificidade do entorno socioambiental das residências teria papel significativo sobre a percepção e o afeto dos moradores do (e pelo) seu bairro.

Quando aceitei o convite esperava, portanto encontrar (ou quem sabe reencontrar) alguns residentes dos setores por mim investigados. Eis que o destino me preparava uma surpresa desafiadora. Chegando à Cidade das Crianças deparei-me com outro tipo de público, aquele que – em minha pesquisa – era considerado intruso pelos habitantes de residência fixa. Refiro-me aos moradores de rua. Confesso,

bateu-me um certo desconforto. Primeiro porque o inusitado da situação desmontava o discurso que houvera preparado para outra plateia, segundo porque nunca antes houvera entrado em contato com grupos considerados socialmente vulneráveis. Rapidamente o bom senso decidiu que quase nada teria a falar, mas muito pelo contrário, seria todo ouvidos às experiências cotidianas daquelas pessoas. E ouvi muito. Sobre suas proveniências diversas, seus engajamentos, suas esperanças por dias melhores, a desconfiança de como eram vistos pelos usuários do bairro, a truculência com que por vezes eram tratados... um corolário de sofrimentos. Contudo, a despeito do drama que viviam, aquelas pessoas esbanjavam um humor surpreendente. Era notório o espírito de brincadeira e camaradagem entre eles, como a despertar-nos para a relatividade dos nossos problemas. Era o outro lado da moeda que a pesquisa, por limitações próprias, ignorara.

O encontro, no final das contas, foi revelador sob muitos aspectos. A situação

de invisibilidade dos sem-teto é algo que ultrapassa as práticas sociais do dia-a-dia. O fato é sintomático inclusive para a própria academia. Poucos são os estudos sobre vulnerabilidade social desenvolvidos em sociologia e psicologia social que abordam o problema dos moradores de rua. E o que falar dos planejadores urbanos que em suas propostas nem sequer tocam a dimensão humana dos usuários do espaço a que se propõem intervir?

A segregação espacial ocupa posição de centralidade quando o tema em questão é o da violência urbana. Nesse sentido o trabalho de integração comunitária que vem sendo desenvolvido pelo movimento Viva o Centro enche de coragem aqueles que pensam a cidade como locus da diversidade e das trocas sociais. Oxalá resgatemos o convívio democrático do espaço urbano. Que possamos desfrutar plenamente as possibilidades que a cidade oferece.

Viva Fortaleza!
Viva o Centro!

**O Theatro José de Alencar
está de portas abertas
para você, Fortaleza.**

Venha nos visitar!



Seca

CARLOS DONISTE
Caminhante, mais um já da cidade de Fortaleza e seu povo!

O que vês são as consequências de uma longa estiagem... a escassez do Amor que rompeu com os laços educacionais na família, no trabalho, na escola, com o divino. Resultado: um exército de neopelirantes nas praças de espehos d'água ou chafariz, também secas.

Estamos o elo mais fraco da corrente, e honestamente praça não é lugar de morar, de viver e nem de sobreviver; mas é assim que é, é assim que somos! Ação, ou melhor, ações de características públicas, privadas e individuais podem amenizar e até mesmo solucionar estas vulnerabilidades.

A luz da lua junto as luzes artificiais deixam o centro mais bonito: a praça dos Leões (a mais bonita, na minha humilde opinião), Ferreira, Teatro José de Alencar, a Igreja da Sé. Os calçadões, por sua vez, são um preparo para as "ramblas" do canto acolá... já o mercado São Sebastião (entra aqui pelo valor afetivo) é, ou melhor, está feio de dia e à noite, necessita de cuidados, urgentemente.

O inverno está chegando e que além de chuvas, traga-nos a PAZ!

